ANNO XXIII — N.º 28
13 de Julho de 1929
Preço: 1$000
FON FON
OROZIO BELEM

— Como faziam soffrer a probresinha as suas 'pontadas' nevralgicas!

Um dia, porém, elle a convenceu de que devia experimentar a CAFIASPIRINA, e o effeito foi assombroso.

Em poucos minutos cessou a dôr, sem que o seu delicado organismo soffresse consequencias desagradaveis de especie alguma.

Eis porque o unico remedio que inspira aos dois absoluta fé e inteira confiança, é a nobre e excellente

CAFIASPIRINA

Dôres de cabeça, dentes e ouvido; nevralgias, enxaquecas e cólicas menstruaes; consequencias de tresnoitadas, excessos alcoolicos, etc.

Allivia rapidamente, restaura as forças e não affecta o coração nem os rins.

O Conto Brasileiro

YVONNE MULLER — (As grandes tragedias nas cidades dynamos)

VAE em tres mezes — que tantos defluem de dezembro a esta parte — despertava, naquella manhã encantadora, a São Paulo colosso, toda envolta numa densa cerração, algo semelhante a um immenso zaimph azul-saphira velando o recato duma formosa mulher.

Vagabundeavamos, tangidos pelo calôr ardente da loquéla, que entre nós ambos surdira, sobre assumptos de letras e de arte. Eu e Gustavo Barroso — meu querido amigo, cujo nome já se consagrou, mui justamente, no parthenon da arte indigena, pelo muito que valem o escriptor de attica elegancia, o historiographo criterioso e sobrio, o philosopho perscrutador e paciente, o poeta de versos lindos e palavras mansas.

A sombra apollinea do ourives genial que traçou as paginas impeccaveis de: "Terra do Sol", "Alma Sertaneja", "A Ronda dos Seculos" e tantissimas outras

da litteratura brasilica, projectava-se no branco immaculo dos marmores que cintam a vetusta cathedral de São Paulo, dando-lhe as proporções dum teutão com uma cabeça de helleno.

Gustavo — que é todo talento e arte —, não póde enfreiar um gesto de admiração, tão natural e espontaneo, como raio doirado de sol quando beija os labios quentes dum cravo vermelho, ante o "triumpho immortal da carne e da belleza", que era Yvonne Muller.

O COMMENTARIO

A esteril agitação em torno da successão presidencial agita os seus chocalhos no scenario do parlamento e da imprensa, prejudicando as actividades nacionaes. Ainda bem se não avizinha o termo dum quadriennio e já começa essa atoarda a proposito do seu successor. E' o momento dos jornaes tirarem o seu proveito e dos exploradores politicos prepararem seus pratinhos. Que importa seja tudo prematuro, prejudicial e inutil, si os interesses egoistas e pequeninos poderão ficar mais ou menos satisfeitos? Enchem-se os pandulhos de certos typos e pouco importa que o Brasil leve o diabo. O patriotismo não passa de simples chavão para artigos de fundo ou plataformas de propaganda. No fundo, acham graça em quem acredita nelle...

Ahi vae a agitação guisalhante a apregoar os seus boatos e notas sensacionaes. Ora, joga com o Rio Grande do Sul; ora, com Minas; ora, mesmo com o velho Norte despresado. Avançam-se candidatos e opiniões; recuam-se opiniões e candidatos. Sussurram-se ameaças e sibilam-se intrigas. O publico arregala olhos curiosos. E, emquanto isso, o presidente Washington Luis, com uma calma admiravel, não dá uma palavra sobre o assumpto.

Eis porque o outro dia um amigo me dizia com muita propriedade e muito espirito:

— O Cavanhaque *está calado e com o cacête atraz da porta...*

Em verdade, sempre o silencio é de oiro. Nesse caso, parece, todavia, ser de platina. Os que vão falando vão se enfraquecendo. E elle, caladinho, a sorrir, está com o cacête á mão, para o que der e vier, no momento opportuno, nem um instante antes e nenhum depois...

E' o que haveremos de vêr.

Um "frisson" nunca dantes sentido, amalgama de desejo e respeito, teceu no meu espirito uma trama insidiosa e subtil — que se promettia transmudar num culto.

Brincava na minha garganta, sem que de tal eu me apercebesse, o segundo quartteto da "Ultima Deusa" de Alberto de Oliveira:

"Ao vêr-te com esse andar de [divindade
Como cercada de invisivel bruma,
A gente, á crença antiga se acos [tuma
E, do olympo, se lembra com sau- [dade."

* * *

Yvonne — a florista da rua do Rosario, a mais linda mulher que olhos meus inda viram —, tinha nas faces e nos labios o rubor innocente das rosas, num contraste flagrante com o alabastro do corpo; nos cabellos, naquelles

fartos cabellos, o loiro alegre do gyra-sol, nas mãos pequenas, torturadas e nervosas, a brancura pulchra dos lyrios de Sichem; e, alfim, os seus dezenove annos emprestavam ao seu busto de cantharo hebraico, fórmas imprecisas, como as promessas duma alvorada que vem perto...

Yvonne era duma belleza infinita e sonhadora, qual se fôra uma deusa pagã adormecida sobre um colchão de plumas, á caricia opalina dum luar da côr das camelias.

Gustavo e eu, compramos-lhe uns poucos crysanthemos, no so intento de ouvir-lhe a voz. Havia nella a doçura das violetas e a maciez dos geranios.

E, quando nos entregára as flôres, aquella confusão branca de petalas e dêdos, não m'o permittiu distinguil-as.

Curta, foi a palestra que entretivemos.

Yvonne Muller era filha de paes allemães, já fallecidos, e para o Brasil viera tentar a fortuna, á sombra protectora e amiga de um seu tio.

O CONTO BRASILEIRO

(Conclusão)

E, já não era ella tão rica de encantos!

. . . .

Algum tempo em pós, encontrando-me eu com Gustavo Barroso, no Rio, perguntei-lhe se guardava ainda alguma recordação de Yvonne Muller — aquella, cuja meiguice tanto abatera a minha vaidade de moço, a minha sensibilidade de estheta.

A grande alma do artista que gizou, maravilhando, a "Intelligencia das Coisas", toda carinho, alanceada pela tragedia do Flamengo, contou-me, referto de ternura, aquella historia sombria, — triste como os crepusculos de inverno —, que labios não sabem dizer, senão com a cortina do silencio, quando sente o coração, a sua, a minha, a nossa estranha magua...

E' que Yvonne Muller, a mulher-titan, a Judith biblica rediviva, a fortaleza dos celsos sentimentos, repudiando varonilmente, como um reducto vivo de virtudes, o sinistro assédio do vicio que lhe offerecia a impiedade morbida do tio, mercantilizando a sua belleza immortal, commerciando os encantos de sua mocidade turgida de seiva; ella, que era a flôr da pureza e não a rosa dos rosaes de Sodoma, a magnolia triste dos altares, e não os jasmins dos jardins de Zo-har, procurou, no silencio hieratico e improfanavel da morte, a redempção, a liberdade, o abrigo com que sonham os bons, os justos e os santos.

De São Paulo, foge para o Rio.

. . . .

O mar sanhudo e féro, como uma panthera nubia, espreguiça-se sobre o leito prateado da praia do Flamengo.

Yvonne — muito loira e majestosa como uma visão legendaria do Rheno, sente a volupia incoercivel da immensidade, do insondavel e.... na esmeralda inquieta do Atlantico, ella vislumbra o seu nirvana...

Eil-a com a serenidade magnifica dum Socrates sorvendo a cicuta, entregando-se ao seu verdugo implacavel, para as nupcias eternas da morte!

E, no outro dia, o Sol, como ultima homenagem tributada á perfeição da belleza e da virtude, beijava o corpo marmoreo de Yvonne, aquelle que era um raro presente offertado pelo oceano na taça immensa e verde de suas ondas...

* *

Assim morreu Yvonne Muller — a dôce florista da rua do Rosario.

UBIRAJARA CARNEIRO

(Do livro "Jupyra", em preparo)

Lembrar scenas como estas! É sempre facil com uma Kodak

A Kodak dá memorias graphicas

VIAGENS e excursões, paizagens e vistas lin-... tudo quanto parece in-teressar-nos dá o mesmo prazer recordar. As memo-rias dos seres queridos, das ...ções e dos amigos inti-mos adquirem maior valor com o tempo.

Uma memoria graphica

O que dariam muitas pes-soas por ter photographias dos successos felizes da vi-da! Quando a memoria fa-lha, a Kodak ainda se lem-bra; as photographias for-mam o melhor diario, uma recordação viva. A Kodak é, por assim dizer, o chro-nista graphico.

A Kodak Moderna

Com a Kodak moderna é mais facil do que nunca tirar photographias. Ainda que haja pouca luz, com as lentes rapidas das novas Kodaks se tira uma boa photographia. Para os amadores com pouca ex-periencia, o obturador em muitas Kodaks tem um re-gistro que acerta automa-ticamente a rapidez da ins-tantanea ou a abertura do diaphragma necessaria para um dado assumpto.

O Album Kodak

"Bom tempo"—dias que já passaram e que nos vol-tam á memoria, desejando, se fosse possivel, voltar a viver n'elles, parecendo-nos melhores que os pre-sentes!

O homem vive da memo-ria feliz dos tempos passa-dos. Para guardar bem es-sas memorias e conservar as photographias em bom estado, não ha nada me-lhor que um album Kodak. É como um verdadeiro diario para o homem ou a senhora que aprecia uma Kodak moderna e a leva comsigo aonde quer que vá para tomar notas graphi-cas de tudo o que é digno de lembrar.

...dak Brasileira, Ltd., Rua São Pedro, 268, Rio de Janeiro

Meu Primeiro Cliente

De HUGO CONWAY

(Continuação)

— Lilia, Lilia — repetiu o avô. — Lindo o teu nomezinho. Sabes quem sou eu?

— Sim; o papae de meu pobre papae — respondeu. — Mamãe me disse que eu o veria se viesse com este senhor que me foi buscar.

— E que mais te disse tua mãe? — perguntou o senhor Brownlow com pouca discreção.

— Recommendou-me que me portasse muito bem, porque assim você me daria dinheiro para eu estudar numa linda escola.

O senhor Brownlow, ao ouvir esta confissão ingenua, poz-se um pouco sério, e começou a mexer-se em sua cadeira, olhando-me, como se esperasse o meu auxilio.

— Parece-se muito com o senhor — disse eu para desviar a conversação.

Estas palavras pareceram alegral-o. Apoiou uma das mãos num hombro da menina e examinou-a com attenção affectuosa.

— Parece-se realmente commigo? E se parece tanto com Ricardo! Tem os seus mesmos olhos, e todos diziam sempre que Ricardo era muito parecido commigo.

— E ainda mesmo que não te pudesse mandar á escola, — perguntou á menina — tu me darias um beijo, querida?

— Sim; darei. — respondeu a menina, parecendo ter vontade de chorar.

Levantou o rosto para que a beijasse o avô, e este, depois de tel-a beijado varias vezes, sentou-a nos joelhos, abraçando-a com ternura. Era um grupo commovedor. No interesse da menina, e resolvido a evitar a maldade da senhora Wrench, pensei que era melhor deixal-os sózinhos, e sahi por um instante do escriptorio.

Ao regressar, encontrei-os na melhor camaradagem. Depois, de haver-lhe dado muitos beijos, o senhor Brownlow confiou novamente Lilia a meu secretario, e, quando os viu partir na carruagem, voltou-se para mim.

— Senhor Carr — disse, — tenha a bondade de escrever á senhora Brownlow, para dizer-lhe que mande a menina á escola da senhorita H... Se não é incommodo, as contas poderão ser enviadas ao senhor e o senhor as pagará. Diga tambem á senhora Brownlow que dei ordem para que lhe sejam entregues dez libras esterlinas por trimestre, além da pensão que recebe actualmente. Tal vez — ajuntou — fosse bom averiguar o que existe a respeito desta senhora. Minhas filhas não cessam de dizer as mais estranhas cousas sobre ella. Prometti satisfazer-lhe todos os desejos; congratulando-me com elle pelo acolhimento dispensado á neta.

* * *

Não se atrevendo a levar a sua casa e menina e a aproximar-se jamais da rua Silver, o senhor Brownlow, comtudo, via amiudo a menina. Encontravam-se no meu escriptorio. Vinha, depois do almoço, nas terças e sabbados, dias em que a menina tinha livres as tardes; e desculpando-se sempre diante de mim pelo que, segundo elle, era abusar de minha bondade, pedia-me que enviasse o meu secretario para buscal-a. Sahiam em seguida juntos; subiam para um carro e faziam-se transportar a certa distancia da cidade; desciam no campo e passeavam até a hora do regresso.

Transcorreram varios annos sem que de nada soubessem as filhas delle. A menina era já uma joven e promettia ser uma bella senhorita, admiravelmente educada e instruida.

Meu cliente me falava amiudo em modificar o testamento para assegurar o futuro de Lilia, mas até então nada dispuzera a respeito. Aventurara-me, algumas vezes, a decidil-o a esse acto, mas não lograi obter delle instrucções precisas. Creio que o retinha o tolo pensamento de que fazer um novo testamento ou alterar o já feito, antecipa a morte do testador.

* * *

Tres annos depois da primeira entrada de Lilia em meu escriptorio, passaram-se tres dias, livres para a menina, sem que o meu cliente viesse fazer-me sua costumada visita. Como uma ausencia tão prolongada se me tornasse exquisita, transladei me a Vine Cottage, afim de averiguar a causa da mesma. Recebeu-me uma das filhas que me disse encontrar-se enfermo o pae e de cama havia já varios dias.

Gravemente enfermo? Temiam n'o. Conservava toda a lucidez d espirito? Sim; mas muito debil Poder-se-ia vêl-o? Não, absoluta mente. Encontrava-se demasiad grave para poder receber visitas

A attitude dessa mulher fez-me pensar em cousa bem peor. Me pensamento voltou-se em seguida para aquella graciosa criatura tã querida do velho, e a quem a mor te deste precipitaria na miseria.

Pedi, na minha qualidade d amigo e conselheiro legal, que m permittissem vêl-o por breves ins tantes apenas. Emquanto discutia vivamente, entrou na sala a outr irmã solteira, e uniu-se á viuva p ra sustentar a negativa. A attit de de ambas era tão rigida e re soluta que comecei a temer suspe tassem ellas da verdade. Recorr a mil subterfugios para fazel-as c der, mas foi inutil. O medico, r petiram varias vezes, havia-o pr hibido rigorosamente.

— Permittir-me-ão — pergu tei-lhes — que espere o medico far-lhe-ei comprehender quão n cessario é-me vêr o senhor Brow low.

— Não, certamente — respond a senhora Wrench, com express dura. — Não consentirei jama que em horas que bem poderão s suas ultimas horas, meu pae se molestado com conversações nob negocios.

— Não, de certo — repetiu a i mã.

Fracassadas as supplicas, reco ri á astucia. Tomei o chapéo, vantei-me e encolhi os hombr como um homem que tendo fei tudo quanto podia para cump o seu dever, sente descarregada consciencia.

— Como queiram, minhas es madas senhoras; mas depois n me venham fazer censuras. Fa lhes saber sómente que caso n fale hoje com o senhor Brownlo póde haver uma grande differen nos interesses das senhoras.

E era certo, mas não no senti que queria dar a entender ás du mulheres.

As irmãs trocaram um olhar q queria dizer claramente: — N te dizia eu?

— Se ha algum segredo — c tinuou com accentuado rancor

URODONAL

Limpa o rim

Gotta
Sciatica
Rheumatismo
Arterio-esclerose
Obesidade

lava o figado e as articulações, dissolve o acido urico, activa a nutrição e oxyda as gorduras.

« Pode-se, nos casos agudos, empregar o Urodonal em altas doses, assás prolongadas sem receio de fatigar o systhema vascular ou o filtro renal do doente. Em outros termos, a zona do Urodonal tem uma grande extensão porque o mecanismo pelo qual provoca a diurese é um mecanismo physiologico. »

Prof. G. LÉGEROT,
ex-professor de physiologia geral e comparada da Escola superior de Sciencias de Argel.

Établissements Chatelain
12 Grandes Premios
Fornecedores dos Hospitaes de Paris
2 bis, Rue de Valenciennes, em Paris,
e em todas as Pharmacias.

Approvado pelo Departamento Nacional de Saúde Publica do Rio de Janeiro.
N. 85 — 10 de Junho de 1910.

O URODONAL
faz uma verdadeira sangria urica
(Acido urico, uratos e oxalatos).

Depositario exclusivo para o Brasil: Antonio J. Ferreira & C. — Caixa Postal 624 — Rio de Janeiro. — Recusar todo o producto que não tiver a etiqueta AZUL assignada «FERREIRA» e cujos prospectos não sejam em PORTUGUEZ.

"O URODONAL fabrica-se em granulado e PASTILHAS"

É GARANTIDAMENTE LIMPO E PURO

GLAXO é tão digestivel, puro e nutritivo como o leite materno.
GLAXO não tem microbios nocivos. Até recemnascidos o assimilam.
GLAXO é puramente leite, que se dissolve em agua acabada de ferver.
GLAXO criará o seu bebé, caso falte ou escasseie o leite materno.

MEU PRIMEIRO CLIENTE

(Continuação)

senhora Wrench, — talvez esta carta que encontrámos ha poucos dias nol-o explicar.

E estendeu-me a carta. Tinha sido escripta por mão juvenil, e dizia assim:

"Querido avôzinho: Estou com um terrivel resfriado que me impede de ir vêr-te hoje. Muitos beijos de tua Lilia."

Sabiam, então, ou adivinhavam tudo? Pobre Lilia!

— Responda-me, senhor! — gritou a senhora Wrench, batendo com o pé no chão. — Quem é Lilia? Será por acaso a filha daquella desgraçada? E' no interesse della que quer vêr meu pae? E elle o assumpto grave e importante? Responda-me!

Achava-me neste aperto sem saber como sahir delle, quando de repente abriu-se a porta e entrou uma pessoa vacillante, consumida, mettida num "robe de chambre" velho. Deixou-se cahir na cadeira mais proxima á porta, respirando com difficuldade. Era o meu cliente.

Não necessitava de medico para

* * *

saber que as horas do meu pobre amigo estavam contadas; nesses dez ou doze dias de enfermidade ficara reduzido a um esqueleto, e a morte já se mostrava em suas feições. Pareceu-me tão exhausto que comecei a temer cerrasse os olhos de um momento para outro e viesse a expirar em minha presença.

Suas filhas, atrapalhadas com a apparição inesperada, olhavam-se estupefactas.

— Vão-se daqui para fóra! — exclamou com voz rouca, dirigindo-se ás filhas, num gesto energico da mão descarnada. — Vão-se daqui immediatamente!

As filhas, mais surprehendidas sem duvida, do que eu, sahiram da sala resmungando qualquer cousa. Meu cliente recostou-se no espaldar da cadeira.

— Feche a porta á chave — disse-me em voz baixa.

Obedeci. Elle, então, poz sobre a minha a sua mão emmagrecida.

— Graças a Deus que veio afinal. Esperava-o a todo momento em todos esses dias.

— Não sabia que estava doente, senhor Brownlow.

— Diziam-me aqui, no emtanto, que lhe haviam escripto, e accrescentavam acreditar não se encontrasse o senhor na cidade.

— Não recebi nenhuma carta, e ha muitas semanas não deixo a cidade.

— Faça-me um testamento... — falou. — Deixo tudo a minha querida pequenina... Sim, deixo-lhe tudo.

— Tudo, não! — exclamei.

Recahiu em sua vacillação habitual, na acostumada incerteza de resoluções.

— Não, não — disse elle. Tudo não. Ellas foram bôas filhas. Deixo, então, a minha querida pequena, á filha de meu pobre Ricardo, seis mil libras esterlinas.

— Prepararei immediatamente o documento, — disse eu, olhando em torno, em busca de penna e tinteiro. — Mas meu amigo não abandonara o habito de protelar tudo.

Inscrever-se na Radio Sociedade e no Radio Club do Brasil é um dever de patriotismo: é concorrer para o desenvolvimento da cultura brasileira.

Sim, senhor, UM CRIADO *invisivel* toca a musica!

FAZEM alguns dias fomos convidados pelos Albuquerques para ouvirmos a nova Victrola Orthophonica Automatica que elles haviam adquirido. É impossivel descrever a enorme surpresa que aquelle maravilhoso instrumento nos causou!

Durante uma hora nos deleitamos ouvindo musica selecta, sem que aquelle instrumento magico necessitasse do auxilio de pessoa alguma. A Orchestra Symphonica de Philadelphia . . . a Orchestra do La Scala de Milão . . . Lauri-Volpi . . . Guiomar Novaes . . . Sofia del Campo . . . a Orchestra Internacional . . . Rosa Ponselle . . . Andrés Segovia, o mais eximio guitarrista do mundo . . . Schipa . . . Casals . . . Mojica . . . nos collocaram num ambiente innundado por melodias sublimes, expressivas, majestosas . . . tal era a execução divina que aquelle instrumento nos offerecia. A influencia da assombrosa fidelidade de sua reproducção era tal que tinhamos a impressão de que os artistas e orchestras se achavam alli presentes. . . .

João levantou-se e foi examinar aquelle instrumento maravilhoso e eu nada mais fiz senão imital-o pois a minha curiosidade era tambem enorme. Vimos um mechanismo quasi humano que rejeitava cada disco que havia sido tocado e collocava um outro em lugar. . . .

Escolhemos depois entre todos um novo grupo de discos, o qual foi collocado no alimentador do instrumento. Isto foi tudo. Aquelle apparelho não necessitou absolutamente de auxilio *algum* depois de ter sido posto em funccionamento . . . apenas disfructamos, comfortavelmente sentados, a musica melodiosa que elle emittia.

João fazendo commentarios sobre aquelle instrumento maravilhoso disse: "Mas é muito caro para nós." Izabel soltou uma gargalhada e respondeu: "Não custa nem a quarta parte do que vocês pagaram pelo automovel que possuem e, ademais, este instrumento pode ser adquirido em prestações ao alcance de todas as bolsas." Que fizemos? Pergunta superflua. Hontem compramos uma Victrola Orthophonica Automatica.

Visite o estabelecimento de qualquer commerciante Victor desta localidade e peça-o que lhe faça uma demonstração da Victrola Orthophonica Automatica. *Quanto mais cedo melhor!*

Distribuidores Geraes: PAUL J. CHRISTOPH COMPANY — Ouvidor, 98 — Rio de Janeiro — S. Bento, 35 — S. Paulo. — O material VICTOR tambem se acha á venda nas seguintes casas: Dorfman & Irmão, rua do Cattete, 79 e 253; The Dental Mafg. Co. of Brasil, rua Ouvidor, 127; Vasco Ortigão & C., Largo de S. Francisco; F. A. Pereira, rua Ouvidor, 179; Mestre & Blatgé, rua Passeio, 48; L. Ruffier, rua Ouvidor, 121; Roberto Donati & C., Ouvidor, 153; Nascimento Silva & C., rua 7 Setembro, 238; J. de Sá Oliveira, rua Carioca, 48; Waddington, Barbosa & C., rua Gonçalves Dia, 40; Sampaio Araújo & C., Av. Rio Branco, 122; Stephen Schaefer & C., Galeria Cruzeiro; Viuva Júlio Boehm & C., Assembléa, 71; Campassi Camin, rua Assembléa, 79; Adelardo Salgado & C., rua São Christovam, 211; Casa Mercedes Ltda., r. Saciei, 19. S. Carvalho & C., Av. Rio Branco, esquina Ouvidor.

PROTEJA-SE!

Somente a Cia. Victor fabrica a "Victrola"

"A VOZ DO DONO"

Esta marca identifica a Victrola Orthophonica

A Nova

Victrola

Orthophonica Automatica

VICTOR TALKING MACHINE CO., CAMDEN, NEW JERSEY, E. U. da A.

— Não, não. — proseguiu. — Sinto-me melhor. Talvez sare. Traga-me amanhã o papel para que eu o assigne, e fique tranquillo.

Não desejando que a morte se me avantajasse, comecei a escrever logo. Mas antes de ter scripto umas duas linhas, notei que o meu cliente desmaiara.

Procurei, mas inutilmente, fazel-o voltar a si, e, contra a minha vontade, vi-me obrigado a pedir auxilio.

A senhora de Wrench encontrava-se no corredor e tive a certeza de que a sua orelha acabava de despregar-se do buraco da fechadura. Por detraz della achava-se a irmã. Pelo modo com que me olhavam, percebi o que pensavam de minha conducta. Levamos para o leito o senhor Brownlow. O criado correu para buscar o medico e eu sahi daquella casa para ir preparar o documento, rogando aos céos que no dia seguinte não faltassem ao meu cliente forças e resolução bastantes para insistir na minha presença junto delle.

Deixei a casa; mas durante o dia lá voltei varias vezes. Foi-me sempre negada a entrada e não soube a que mais recorrer.

* * *

Eu morava a certa distancia de Vine Cottage. Em minha casa havia outros inquilinos: nos aposentos situados sobre os meus, residia um amigo meu. Nessa noite, depois de ter tomado chá, puz-me a ler, quando Robinson veio pedir-me para ir a seus aposentos jogar uma partida de naipes com amigos communs. Não me sentia disposto a estar em companhia de outros, sentia-me inquieto e triste; não se afastava de minha mente o rosto de um moribundo e de uma menina vivaz e alegre.

Recusei o convite de meu amigo, preferindo ficar a sós com meu livro e meu cachimbo. Li durante largo tempo, sem fazer grande caso dos risos dos amigos que jogavam no andar superior.

O relogio deu onze e meia. Fechei o livro, discutindo commigo mesmo, se devia deitar-me ou continuar a fumar. Nesse momento ouvi bater á porta da rua.

— Será um dos amigos de Robinson que chega atrazado, sem duvida — pensei; — ao que parece, elles têm tempo de passar a noite jogando.

Ouvi que a dona da casa respondia ao chamado. Em seguida, a porta de meu quarto abriu-se, e com grande estupor, com susto quasi, vi entrar o senhor Brownlow.

MEU PRIMEIRO CLIENTE

(Continuação)

* * *

Acreditei estar a sonhar; tão estranho, tão pouco possivel me pareceu aquillo que tinha diante dos olhos. O senhor Brownlow encontrava-se alli, no meu quarto, vestido como da ultima vez que o encontrara na rua! Tinha o mesmo aspecto, consumido pela enfermidade, o mesmo aspecto com que se me apresentara na ultima vez que lá estive, na sala de sua casa! Mas seus passos não eram debeis. Essa apparição inesperada privou-me da palavra e de todo movimento. A unica cousa que pude exprimir foi um grande assombro, o asombro de que aquelle homem tivesse podido chegar até a minha residencia, elle, que na vespera desmaiara depois de ter dado poucos passos e pronunciado algumas palavras. Era uma cousa inexplicavel, mas não impossivel, porque o tinha na minha presença.

Quando me refiz um pouco da emoção, offereci-lhe uma cadeira. Elle, como uma pessoa muito cansada, sentou-se logo.

— Meu estimado senhor — disse-lhe eu — é uma verdadeira imprudencia o que fez! uma verdadeira imprudencia!

Que havia nesse olhar para que se me gelasse o sangue nas veias,

se me eriçasse os cabellos e atravessassem o meu cerebro as mais extravagantes idéas? Nem hoje me atrevo siquer a responder semelhante pergunta; mas havia certamente alguma cousa de indescriptivel, alguma cousa que logrou transformar o meu assombro num susto terrivel, e que no primeiro momento levou-me quasi a fugir do quarto ou occultar-me.

— E' preciso que eu assigne o testamento esta noite, — disse elle.

Sua voz, ainda que tivesse um accento estranho, foi o sufficiente para recobrar eu o dominio sobre mim mesmo.

Não quiz que por culpa minha se perdesse essa occasião. Tirei do bolso o documento e colloquei-o aberto diante delle.

— Espere um momento — fallei .— São necessarias duas testemunhas.

— Procure-as, — respondeu, e o seu olhar encontrou-se de novo com o meu.

Ao sahir do quarto para ir em busca das testemunhas, notei que eu estava a tremer dos pés á cabeça. Já fóra, zombei do meu medo. A reunião de amigos no andar superior era um incidente feliz, porque entre os jogadores acharia rapidamente as duas testemunhas. O mais urgente era assignar o testamento, teria muito tempo depois para perguntar ao senhor Brownlow como diabos tinha arranjado para transportar-se á minha casa.

Quando entrei na sala de jogo, Robinson e seus amigos me acolheram com ruidosos applausos. Eu os conhecia a quasi todos, e encontravam-se entre elles, precisamente, dois advogados com os quaes mantinha relações profissionaes.

— Lamento incommodal-os, mas necessito que dois de vocês me acompanhem para servirem de testemunhas na assignatura de um testamento. Querem os meus amigos Thomaz e Hicks me concederem um minuto?

Thomaz e Hicks deixaram de lado as suas cartas e seguiram-me. Ao chegar á porta, occorreu-me uma idéa. As circumstancias do caso eram muito estranhas; tratava-se de um individuo que estando a bem dizer, agonizando, abandonava o leito a hora avançada da noite para effectuar uma alteração importante em um testamento. Se morresse no dia seguinte ou ao cabo de poucos dias, o codicilo podia ser impugnado. Havia alli nove pessoas; façamos com que todas assistam ao acto. Com semelhante numero de testemunhas póde-se affrontar com confiança qualquer questão. Voltei-me, então, para os meus amigos, e disse-lhes:

— Estou pensando aqui que este assumpto póde dar em resultado uma demanda. Façam-me o favor de descer todos vocês.

— As precauções nunca são em demasia — observou Hicks, em tom de approvação, emquanto todo o grupo me seguia escada abaixo.

— E' o velho Brownlow! — ouvi Thomaz murmurar ao entrar nos meus aposentos.

(Continúa no proximo numero)

EU (S. Paulo) — Não me lembro mais da resposta que lhe dei. Isso significa que não tenho prevenção com V. Ex., nem a sua graphia me leva a esse proposito. Quer dizer: ella não é má, não diz coisas desagradaveis.

Concordo com o que me pede, no ultimo periodo de sua missiva côr de cinamomo. Apenas a minha vida não é luminosa.

Como pretende fazer, si V. Ex. está longe? O espirito... Mas é que não creio em coisas abstractas...

CYRA (São Paulo) — Aqui está uma nova cartinha que me dirige. Ora viva! Desta vez a sua missiva é côr de açafrão. (Perdôe-me essa referencia de quitanda...)

V. Ex. que parece ser delicada, escreve um mal disfarçado desapontamento:

"Yves — Obrigadissima pela sua bondade em mandar a minha graphologia. Você está quasi fazendo a gente querer bem a voce. Mas não se assuste ante essa ameaça: sou mesmo a ferinha de que você falou. E sou ferinha em tudo, principalmente — e você vae acreditar, Yves — em se tratando dessa coisinha a que chamam amôr. Estou dizendo isso porque, geralmente, as moças da minha idade — 18 annos —, podem ser ferinhas em tudo, menos no amôr.)

Mas, o que hei de fazer: não acredito mesmo nelle e prefiro viver assim com o coração frio, insensivel e indifferente. Você, eu sei, não pensa desse modo e certamente não acha, como eu, que o Amôr - bobagem.

Perdôe-me, Yves, si tenho taes idéas, mas, sou mesmo como você disse uma ferinha.

Já me aconselharam o "Suave Enlevo". Não o conheço ainda. Será que elle tem alguma coisa para um coração como o meu, Yves?

Por favor, seja mais esta vez tão bondoso quanto o foi na outra. Do contrario, nunca mais teria coragem de conversar com você.

Até breve, então? — *Cyra.*"

"Ferinha!" Intimamente V. Ex. dirá que os homens são injustos... com as mulheres de bom coração...

No emtanto, por mais que me interesse, não vejo meio de attenuar a aspereza do meu juizo.

Para bem falar, isto é, para ser sincero, devo dizer que essa conclusão é toda psychologica, e não graphologica.

A sua letra não revela uma "ferinha", mesmo porque é difficil uma féra escrever como nós. Sei que ha escriptoras baratas e

baratas escriptoras (ou escreventes? ou escripturarias? ou escrivãs?) que se mettem no tinteiro e sáem a fazer ziguezagues sobre o papel. As moscas tambem se dão a esse "sport." Mas, pelo menos, em zoologia, mosca e barata são insectos. E si é verdade que nenhum desses animalzinhos póde ser uma féra, é certo tambem que uma mulher póde ser féra e insecto. Póde ser leôa, tigre, hippopotomo e borboleta. Gostou desse "borboleta"?

Mas voltando á sua letra. Esta não indica ferocidade de especie alguma. Ao contrario revela uma alma de mulher, mas tão complicada que parece um labyrintho e merece um 1.º premio (medalha de ouro cravejada de brilhantes do Cabo) por ser assim tão complexa.

Faço estudos graphologicos durante uns cinco annos. Um lustro! Mas letra egual á sua ainda não vi nenhuma. Acreditando na graphologia, como no brilho do sol, chego á conclusão de que a sua alma, com todos os seus dezoito annos, (vamos diminuir esses dezoitos para quinze? As mulheres nunca passam desta ultima idade...) é como um cipoal, ao escurecer, e onde a gente se perde e embaraça.

E que egoismo, Deus do céo! E que ciumes! E quanta mentira! E quanto capricho revela aquella graphia cheia de curvas e *crochets!*

Emfim, não direi que V. Ex. seja uma ferinha; direi apenas que é complicada como um pesadelo, um problema, uma renda do Ceará, um vestido de mulhe, um film comico, um plano de estabelização financeira, um verso futurista, um trecho de Wagner, e difficil como dar um tiro na lua, pisar a cabeça da propria sombra e domesticar um coração feminino! Uffá! Deixe-me tomar respiração. E até sabbado.

E. MENDES GONÇALVES (?) — *Teu perfil* vae ser publicado. *Visão* necessita de um concerto, neste verso:

Pulsos de amôr sentindo no ar
[carinhos.

No ar carinhos está mau.
Flôres é um desastre.

LÉA (Minas) — A sua graphia não é má. Indica apenas que V. Ex. é dona de um temperamento pouco inflammavel. Ao contrario: é fria, desencorajada, com uma força de vontade vacillante. A's vezes, essa vontade é forte. Mas depressa esmorece. A sua saúde não é bôa, muito embora V. Ex. seja glutona, coma muito. E' uma emotiva; e, por isso, é capaz de apaixonar-se por uma pessôa como por uma causa. E' apparentemente simples, mas violenta.

E' bem mulher, no sentido do amôr physico. Pródiga, não é capaz de certas mesquinharias. Mas é uma criatura ligada estreitamente ás coisas materiaes. Espirito observador, assimila tudo com facilidade. E' astuciosa, habil, e parecendo ser sincera é apenas embusteira. E' amorosa, sentimentalmente languida, quando o amôr lhe proporciona prazeres que começam por um beijo longo...

YALE (Capital) — O sr. me dirige uma carta onde, a par de outros elogios, declara que me sabe muito paciente. Ora, os elogios são coisas que dependem muito de nosso ponto de vista pessoal.

O sr. acha que dizer-me paciente é fazer-me justiça e tecer-me um encomio. Eu acho que é frisar uma ironia.

Paciente! Tinha graça!

Dizer que sou paciente é o mesmo que chamar o porteiro do cinema, que alli está amolado da da vida, fiscalizando a burla dos caronas, de possuidor daquella santa virtude que era o apanagio de Job.

Que remedio! Aqui, não sou mais que um porteiro activo, e não um homem paciente. O meu ser

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú', 62

Caixa Postal 97 — Telephone Central 4136.

FON-FON — 13-7-929

Data da consulta ....

....

Nome do consultante ....

viço é impedir que os poetastros invadam a sala da redacção, com a sua versalhada digna da prophylaxia da febre amarella ou de uma vasta fogueira.

Como vê, os pontos de vista differem, porque não é facil a gente concordar, mesmo, sobre as coisas em que todos concordam.

Voltando ao caso do "paciente". A minha paciencia agora se esgotou — deante da sua poesia. Ella não podia ser peor: ganhou o 1º premio no genero máo.

MILTON GUARANY (Minas) — Para que melhor se comprehenda a minha resposta, aqui vae a sua carta na integra:

"Yves — Redacção do FON-FON — Prezado amigo — Já me dirigi

SAIBAM TODOS...

(Conclusão)

a você por diversas vezes, sem que obtivesse resposta até hoje, pela secção de "Saibam todos...", por isto mais uma vez, attrevo-me a dirigir-lhe, crente de que receberei a sua presada resposta.

Em minhas cartas anteriores, perguntava-lhe o seguinte:

1º. — Qual é a Livraria que tem á venda "Tu et moi" de Paul Geraldy e o preço do mesmo livro.

2º. — Peço-lhe o favor de dizer si a phrase que segue abaixo está errada e porque?

"Cuspir no chão é feio habito e anti-hygienico, porque não evital-o?"

3º. — Como se pronuncia os seguintes nomes (breve ou longo) e porque?

Arica, Ashaverus, mysanthropo, chrysantemo.

Gratos pelas informações, sou seu amigo grato — Milton Guaracy."

Agora, as respostas que lhe devo:

I — O sr. encontrará o "Toi et Moi" de Paul Geraldy na Livraria Alves, á rua do Ouvidor 166. O preço depende da edição. Ha de 8$000

II — A phrase que construiu não está má. Entretanto, por uma questão de euphonia, eu a escreveria deste modo: "Cuspir no chão é habito feio e anti-hygienico. Por que o não evitar?"

III — As palavras a que se refere acima, no terceiro *item*, pronunciam do seguinte modo: Arica com o accento predominante no i.; Ashaverus = Azaverus; mysanthropo tem a accentuação em *thro* (*thrô*). E' palavra paroxytona.

Chrysanthemo tem duas pronuncias. Tanto pode ser accentuada em *an* como em *the*. Isto é, pode ser proparoxytona e paroxytonas.

MARILIA (Capital) — Pr... duas, uma...

Ou V. Ex. quer divertir-se á minha custa, ou não sabe quem é o redactor desta pagina.

Todas as semanas recebo, em papel côr de ouro, e tinta vermelha, duas e tres cartas assignadas por "Marilia". No endereço, vem o nome de Yves. Mas dentro, V. Ex. me trata por Arthur. Ora, o meu prenome não é Arthur. Mesmo que o fosse, o conteúdo de suas missivas não tem nenhuma relação com a minha pessôa.

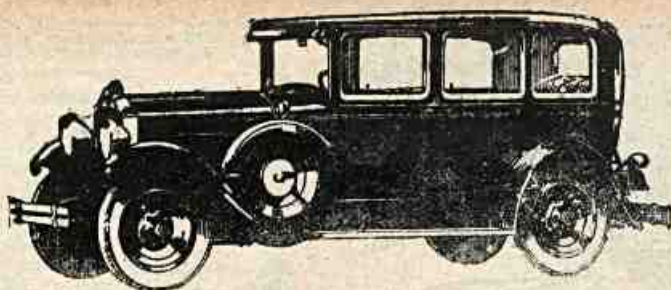
Quero crêr que V. Ex. conhece algum Arthur, que se faz passar por Yves. Quem sabe lá?

Já não é a primeira vez que esse desastre me acontece: alguns pelintras "penetras" de festa e de outros meios nos quaes eu teria facil accesso, mediante a declinação do meu nome, se têm feito passar por Yves.

E é assim que sou branco, moreno, negro, mulato, verde, encarnado, alto, magro, baixo, gordo, feio, bonito, — de accordo com a apresentação que esses cavalheiros fazem de minha obscura pessôa.

Si V. Ex. conhece algum Arthur que diz ser o Yves, redactor desta secção, peça-lhe o favor de, ao menos, arranjar-me uma outra pelle no FON-FON.

Diga-lhe que não seja egoista. Deixe alguma coisa para mim... De resto, eu, Yves de tal, sou um pobre diabo, cuja pelle de... não causa inveja a ninguém.

YVES

PERSONALIDADE — attributo devéras individual, qualidade propria caracterizando o que é nobre, o que pertence á aristocracia, o que é perfeito, absolutamente perfeito. E' essa a personalidade de Packard.

Packard é sempre Packard. Com a successão dos dias, dos annos, surgem melhoramentos constantes, mas a natureza intima de Packard, isto é, a sua personalidade fidalga mantem-se immutavel.

As pessoas de bom gosto, que exigem o que é bom, o que é bello e duravel, adquirem um Packard, na certeza de que os annos vindouros jamais poderão empallidecer as qualidades caracteristicas de tão famoso carro: a sua personalidade incomparavel e a sua "perfomance" irreprehensivel.

PERGUNTE A QUEM TEM UM

P A C K A R D

Distribuidores:

COMPANHIA COMMERCIAL E MARITIMA

AUTO GERAL

Rua Benedictinos, 1 a 7 — Rio de Janeiro.

— Não se desconsole, senhor! A pobre já deixou de soffrer...
— Sim, doutor. E eu tambem!...

PERIGO

A tia (despedindo-se dos recem-casados). — Be meus filhos, adeus! Vou descer. Já deu o signal da partida. Que horrivel seria, si o trem partisse commigo, não é verdade?

Os recem-casados (a um tempo). — Oh, sim, tia! Seria horrivel!

MODERNISMO

A criada (que foi despedida). — Escute, patrôa: considerando que a senhora não encontrará outra criada, nem eu encontrarei outra collocação, venho propôr-lhe que façamos as pazes e procuremos nos supportar mutuamente.

Mudando a guarda...

PASTILLES VALDA
pour le TRAITEMENT Rationnel & Energique des Maux de Gorge, Laryngites, Enrouements, Irritations, Rhumes, Toux, Bronchites, Grippes (Influenza) Catarrhes, Asthme, etc.
MALADIES des VOIES RESPIRATOIRES
ACTION MERVEILLEUSE
ETABLISSEMENTS PASTIVAL
PARIS
APPROVADO em 22 de Março de 1912

METTEI NA BOCCA

cada vez que tendes de evitar os perigos do frio, da humidade, da poeira e do microbio; logo que começaes a espirrar, logo que a garganta começa a picar ou que tendes oppressão;

se sentis chegar a constipação,

UMA PASTILHA VALDA

cujos vapores balsamicos e antisepticos fortalecerão, resguardarão, robustecerão, a Garganta, os Bronchios e os Pulmões.

Tende sempre debaixo de mão as

PASTILHAS VALDA

mas sobre tudo não useis senão

as **VERDADEIRAS** que são vendidas **EM LATAS** com o nome **VALDA**

Encontram-se em toda as Pharmacias e Drogarias

APPROVADO PELA HYGIENE DO BRAZIL EM 22 DE MARÇO DE 1912 808 — NUMERO 866 • FORM • MENTHOL 0.000. EUCALYPTOL 0,0005 P. PAS.

DIGESTONICO

do Dr. VICENTE

Appr. D.N.S.P. sob o Nº 169 em 24-3-1927

é o preparado mais scientifico e eficaz

contra

As Dôres do Estomago

ARDORES

DYSPEPCIAS

ACIDAS

Laboratoire des
" PRODUITS SCIENTIA " - PARIS

A venda em todas as Pharmacias

A visão da alma

A Morte falou, de sua caverna de sombras, e disse á Vida:

— Oh, perfeita creação do Eterno, vem a meus braços. Antes que fosses, eu já te espe- va no Vacuo, na passividade do Nada. Agora junto a ti, destrúo.

A Vida estremeceu e quiz fugir. Mas, tudo foi inutil. Viu-se cercada de trevas e dentro do dominio da Morte, sem sahida alguma.

Era a Vida toda claridade e suas faces luminosas iam extinguir-se na sombra. Era toda melodia e suas notas se apagavam no espaço. Era toda belleza e seus encantos se apodreciam sobre o lôdo.

Apenas a Morte continuava a mesma triumphadora invencivel, eterna. Nenhum de seus horrores perdia. Attrahia tudo e tudo destruia. Nem os peixes podiam escapar a suas garras no fundo dos mares. Nem as aves remontando-se até perder-se no céo azul. Nem os gamos que disparavam na risonha planicie.

Quando o rouxinol cantava alegre e enamorado de sua companheira no mais umbroso do bosque, ali estava ella, a terrivel intrusa. Em pouco cahia o passarinho, tatalando angustiado no alçapão funebre, para não gorgear mais. Quando os cervos bramiam nos cannaviaes, animados pela plenitude da Vida, lá ia ter a Morte, e, ai! dos pobres cervos que jaziam com as extremidades rigidas e os dentes apertados.

Pois de igual maneira surprehendia ella os demais sêres. A uns perseguia devagar, como gozando na lentidão da agonia; a outros matava de um golpe. Mas com todos e em toda parte exercia seu tremendo officio, mixto de odio, de inveja, de corrupção, de espanto. Na tarde apagava a chamma de côr que na manhã a aurora havia accendido nas rosas.

• • •

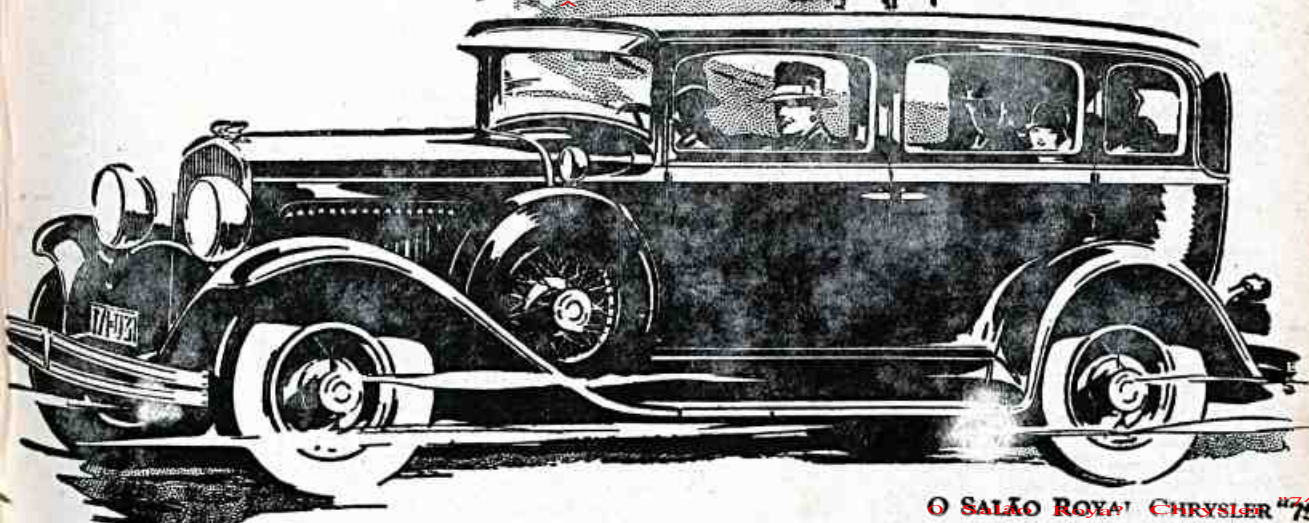
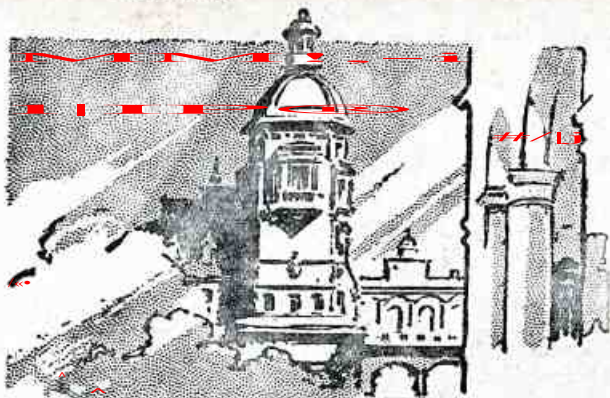
A Vida começava a desfallecer nessa prolongada campanha, quando de seu seio fecundo nasceu o homem: valente guerreiro, vindo para defendel-a; supremo e ultimo esforço da creação integra.

O homem sahiu á arena do combate e lutou desesperadamente com a morte, como Hercules lutára com ella defendendo o cadaver de Alcestes. O homem oppoz mais resistencia que a aguia, que o cetáceo, que o leão; mas tambem cahiu envolto nas trevas geladas de sua inimiga. Cahiu sem alento, sem vista, surdo, frio, rigido, insensivel, vencido...

A Morte riu sinistramente festejando sua mais alta victoria, quando sentiu, além de pavor e de colera, que nos despojos humanos que tinha aos pés não estava, em realidade, o homem, o qual, tansfigurado em resplandecente e impalpavel anjo, ficava ainda de pé, deante della, triumphante, invicto, arrogante, invulneravel, com toda sua belleza, com todos seus pensamentos, sem ter perdido no combate sinão sua vastidura exterior.

E elle pareceu, então, á Morte, mais nobre, mais pura, maior que antes da luta.

Era a visão da alma!

ARTHUR ORLITAS

O SALÃO ROYAL CHRYSLER "75"

Funccionamento incomparavel

CHRYSLER

Os engenheiros de Chrysler adoptaram desde o começo os principios mechanicos mais modernos e applicaram esses principios de uma maneira distincta.

Foi devido á execução desse plano de Chrysler que se conseguiu apresentar ao publico automoveis de funccionamento inteiramente novo.

A extraordinaria acceleração, velocidade, facilidade de conducção e de commando, compacidade, commodidade e durabilidade—acham-se combinadas em um carro cujas qualidades só encontram comparação em automoveis que custam muito mais.

AUTO MERCANTIL BRASILEIRA, S. A.

AVENIDA RIO BRANCO, 247 — Tel. Central 1744 - 2407

Vale a pena casar?

(GEORGE WARREN)

"POR que a senhora não se casou" — Seria uma pergunta excessivamente pessoal e indiscreta para se fazer a uma mulher. Mas para uma afamada actriz, que passa a metade de sua vida sobre o tablado ou o palco, não ha inconveniente em se lhe falar da vida privada ou de pontos privados sobre a sua vida.

E' por isso que miss Janis, actriz de grande nomeada, nem pestanejou sequer quando se lhe formulou tal pergunta. Deu sinceramente os seus pontos de vista sobre o matrimonio, o amôr, os solteiros e as solteiras.

— Gosto sobremodo de namorar, disse ella. E' por isso que não me caso.

Tal declaração, parece, a principio, um tanto cynica e producto de um desejo de burla; mas, na realidade, não é assim. A popular actriz de revista não fala nunca do casamento em tom de pilheria. Fala-o, ao contrario, de modo serio e não perde occasião de deplorar a tendencia moderna de considerar com grande leviandade a tradicional instituição matrimonial.

— O matrimonio tem mudado radicalmente, nestes ultimos annos, declarou. A juventude de hoje se aproxima do altar dançando o *chardeston*, — sem ter sequer a minima idéa da responsabilidade. Estão convencidos de que se fracassarem podem obter o divorcio. Devia ser sanccionada uma lei que prohibisse os homens e as mulheres animados de tal espirito contrahirem matrimonio.

Para mim o matrimonio significa a organização de um lar, a educação dos filhos. A sociedade conjugal é algo summamente serio e complicado, e não um contracto a curto prazo, rescindivel em qualquer momento.

Mas não posso attribuir o meu celibato á circumstancia de que o matrimonio não seja a sã instituição que era. A minha vida tem sido sempre tão feliz e occupada que não tive ainda necessidade de casar-me. Iniciei-me como actriz desde muito joven. De modo que, já em tenra idade, era monetariamente independente. Ademais, tenho gozado sempre a companhia de minha mãe, que é para mim uma incomparavel camarada.

E' bastante facil encontrar um marido — continuou — que viva com uma, mas dahi a encontrar um que viva para uma só, a distancia é muito grande.

Quantos maridos podem dizer sinceramente que o amôr consagrado ás suas esposas está isento de egoismo?

Tenho amôr e camaradagem n'uma perfeita combinação, de modo que a soledade não me póde forçar ao matrimonio. Quanto a ter um lar, não é preciso casar para isso.

Depois, ha que se considerar os ciumes, que são uma coisa terrivel e devastadora. Não ha duvida que, se me casasse, teria que padecel-os. Solteira, os ciumes não me preoccupam jamais. Casada quem sabe o que succederia? Não poderia nunca ser complacente com o meu marido? Conheço uma multidão de formosas e encantadoras mulheres desprezadas pelos esposos, de modo que não posso suppôr ter de escapar a essa má sorte, e teria de mantel-o a meu lado.

Na realidade, o matrimonio me tem sido mais ou menos prohibido pela natureza da minha profissão. Ella exige uma translação continua pelo paiz. O meu marido não supportaria nunca essa situação, e seria ridiculo que assim o fizesse. Mas que louco seria o marido que permittisse a sua esposa arrumar as suas malas depois de uma combinação pelo telephone e vêl-a desapparecer por um mez, seis e doze. Um lar não póde, nem deve ser desorganizado dessa fórma. Refiro-me ao matrimonio commum.

Com a minha casa occorre coisa distincta. Está disposta e preparada para taes contingencias. Mamãe e eu preparamos as nossas coisas e nos atiramos a percorrer o mundo, quando devemos e quando queremos.

Faz alguns annos, quando minha mãe me aconselhou a casar-me, por ter médo de que eu fôsse criticada. Lancei um olhar ao futuro e não pude conceber-me associada, pelo resto de minha vida, a um homem. E estou certa de que si todas as moças modernas fizessem o mesmo, não se lançariam tão irreflectidamente ao casamento e ao subsequente divorcio.

Não é leal uma senhorita casar com a idéa de que poderá vêr-se livre do esposo em qualquer tempo. Quanto a amôr, tenho o de minha mãe. De resto, namoro muito. E' fastidioso não ter um namorado. Por isso, trato de conserval-o o maior tempo possivel. E quando amo, não tenho o receio de que o casamento venha aguar a minha festa de coração.

Durante os ultimos annos, podia ter-me casado facilmente. Estaria como todas as mulheres que se casam actualmente, com a segurança de que em qualquer momento me poderia divorciar. Mas tenho idéas antigas sobre o matrimonio. Por exemplo: anima-me o desejo de que o meu seja um exito, o mesmo que qualquer das sociedades commerciaes ou artisticas, das quaes faço parte algumas vezes.

Não posso nem pensar no fracasso. E sendo o casamento o que é, os tempos o que são, Elsie Janis o que sempre foi, não concebo como isto poderia ser levado a cabo.

Considerei sempre o matrimonio como um successo revolucionario em que a vida de uma mulher se transforma por completo, até em sua personalidade intima. Pois bem, me assusta e até me repugna introduzir semelhante modificação em meus habitos.

Entendo que o celibato tem as suas compensações. Um homem solteiro passa a sua vida melhor do que uma joven solteira. Tem completa liberdade em todos os assumptos de amôr. Vê-se relativamente livre das murmurações. Com a solteira o caso é differente.

Uma joven séria e reflectida — disse Mariño — não deve precipitar-se em trocar o seu estado civil, ainda que encontre em seu caminho pessôas sympathicas, que, á primeira vista, crê amar; pois póde, ás vezes, enganar-se e correr o risco de substituir o homem a quem jurou ser fiel, si apparece o seu verdadeiro ideal.

O ideal sonhado ou presumido, quer dizer, a pessôa que constituirá, comnosco, uma só alma, ou o complemento necessario da nossa; esse sonho que acariciamos; essa intuição latente que torna a juventude feliz, porque de sua realização depende o futuro, nem sempre está ao nosso alcance, o que é mais lamentavel, quando inesperada e inopportunamente já temos compromettido o nosso destino.

AS MULHERES E OUTRAS FUTILIDADES

Quando u'a mulher diz — *sim*, a gente não sabe se é *não* ou — *talvez*.

* * *

Nós é que fazemos differente a mulher amada.

* * *

As mulheres são como as cedulas: em circulação, recolhidas ou falsas.

* * *

O girasól é como tantas mulheres que eu conheço: uma flor vistosa, porém estupida.

* * *

Ha mulheres que nos enthusiasmam de longe: na intimidade — oh, meu Deus, quanta ignorancia! — são pedras falsas!...

* * *

Dizem que as mulheres são flôres. Sim: entre estas, ha, tambem, os cravos de defuntos!

* * *

... Que as mulheres falam com o coração na bocca; é por isso que eu admiro os fabricantes de carmim.

Ha mulheres como as caixas de "bonbons": muita pintura, muita fita e... só.

* * *

A mulher bonita é um carro de linhas aristocraticas, cheio de apparatos, iniciaes nas portinholas, etc., etc.; mas, a mulher bonita e rica é um carro feito por encommenda e pelo qual todos querem ser atropelados, com ferimentos graves.

* * *

Ha mulheres como os quadros a oleo: devem ser vistas á distancia.

* * *

Quando eu quero que todos saibam o que penso de determinada pessoa ou cousa, digo-o a u'a mulher e peço-lhe segredo...

* * *

Não ha nada que fira tanto a vaidade de u'a mulher do que a vaidade d'outra.

* * *

Eu ainda não sei se foi o diabo que inventou a mulher ou esta aquelle.

* * *

A mulher custou ao primeiro homem uma costella; na época actual custa-nos, porém, muito mais do que isso.

* * *

Para u'a mulher feia, quasi todos os homens são antipathicos.

* * *

Só as mulheres eruditas admiram o talento; este, nas rodas femininas, tem tão pouca cotação...

* * *

O mais certo é amar um numero impar de mulheres, mas que nunca seja um.

* * *

Foi Eva quem estragou a vida de Adão; e, por um capricho, pela tolice de comer uma fruta, ainda se valesse a pena...

* * *

Da constancia das mulheres foram feitas as quatro estações do anno.

* * *

Nada: eis ahi o que existe na cabeça de quasi todas as mulheres; para ellas nada é tudo e, ás vezes, tudo é nada.

CARLOS MADEIRA.

SUA EXCIA. O SNR. PRESIDENTE DA REPUBLICA E A FEIRA DE AMOSTRAS

Sua Excia. o Snr. Presidente da Republica, Dr. Washington Luis, acompanhado do Governador da cidade, Dr. Antonio Prado Júnior, e sua comitiva, detendo-se longamente deante do interessantissimo «stand» da Companhia Nestlé. Estaria Sua Excia. se recordando dos bons mingáos da Farinha Lactea Nestlé ingeridos em saudosos tempos?

BEMDITO SEJAS, TEMPO COMPASSIVO!

> *"Quando as palpebras, cerrando-se, m'escondem o mundo das realidades, os olhos do espirito volvem-se para o mundo das existencias ideaes."*
>
> *(Visão de Eurico, o Presbytero).*

UMA vez eu sonhei um sonho de tristeza e horror como um gemido nas trevas. Eis o que vi em meu sonho:

Era por um crepusculo nublado e frio, cuja meia sombra se diria suspensa, immovel, sobre a terra, como funereo crepe nos altares santos em dia da Paixão. Em torno de mim, um silencio vazio e apavorante, uma gelidez de morte. Nem um ser vivo se agitava, nem um atomo se deslocava. Parados, ameaçadores e espectraes, os rochedos nus e contorcidos que se erguiam por todos os lados. Parada, mysteriosamente parada e opaca, a agua que dormia em fundas cavidades petreas. E no meio dessa paz absoluta, sepulchral, só eu vivia inquieta, opprimida, e ia errante, tremula, perdida.

Eis que, á beira de negro abysmo insondavel, um ente estava sentado. Era alto e esgalgado, e as vestes lhe alvejavam em torno do vulto erecto, pendentes, immoveis, como livido sudario de fantasma. Lentamente, pausadamente, elle tirava de um cestinho pequenas espheras scintillantes que lançava ao tetrico abysmo. Uma a uma, ellas fulguravam um instante e se perdiam nas trevas, emquanto um ruido metallico, monotono, insistente, que vagamente julguei reconhecer, marcava um compasso inexoravel aos gestos do Desconhecido. Eram de neve as contas que primeiro se iam, e seu brilho me pareceu doce e radioso. Suspensa, angustiada sem saber por que, eu quedava, o olhar fascinado buscando em vão, na noite sem fim que se me sumia aos pés, o traço luminoso da joia já perdida para sempre. Eram roseas as que o vulto atirava depois, e mais bellas ainda com seu fulgor assetinado e macio, como si fossem petalas de flores transformadas em pedras preciosas. Olhei para o cesto. Já poucas restavam assim formosas; das primeiras, côr da innocencia, nem mais uma, e vi montões de outras, negras algumas, cinzentas muitas, todas tristes e sem brilho.

— Quem és? — perguntei, afflicta, ao vulto silencioso.

Sem parar, sem apressar nem retardar o gesto destruidor, falou, com voz sem timbre e sem expressão, pausada, fria, livida como elle mesmo:

— Sou o Tempo: lanço á Eternidade as tuas horas.

Corri para o fantasma, desesperada, louca:

— Pára... oh! pára! São estas as mais lindas, são as horas roseas do amor feliz... Pára, por piedade!

Sem parar, sem apressar nem retardar o gesto destruidor que o tic-tac incessante do relogio rythmava, o Tempo lançou ao abysmo do Passado minha ultima hora de ventura. Meu olhar, dilatado pela dôr, interrogou a noite densa do vacuo insondavel. Era uma treva sem fim onde nem o mais leve traço ficára das joias perdidas para sempre.

— Oh tu, inexoravel, tu, o cruel, por que nos arrancas a felicidade sem com ella nos arrancares a vida? — solucei.

Fitou-me, severo, emquanto no mesmo compasso inflexivel ia desfiando as tristes contas da magoa e da saudade:

— Lembra-te, insensata, inconsequente, que, si não tivesses enchido o cesto de tua existencia de horas amargas, debulharia eu ainda p'ra ti formosos dias claros e macios. E agora, quem ha de lançar a este mesmo precipicio os grãos de fel do teu soffrer? Si eu não te alliviasse do peso delles, que seria de ti, desgraçada?

Calei-me; e, sentada á beira do abysmo do Passado, revia em pensamento o fulgido traço das bellas joias perdidas para sempre, emquanto olhava o Tempo compassivo que, sem parar, sem apressar nem retardar seu gesto piedoso, esvaziava os annos de minha vida daquellas horas tristes e escuras, até que, findas todas, pudesse eu lançar ao pé do que foi meu corpo velho e cansado, e embeber minha alma na luz que se não apaga nunca!

PETITE-SOURCE.

TOSSE
BROM

ANNO XXIII — FON-FON — NUMERO 28

SERGIO SILVA, Director.

Rio de Janeiro, 13 de Julho de 1929

RAZOES DO CORAÇÃO...

Il faut mettre notre foi dans le sentiment, autrement elle sera toujours vacillante.

Esse pensamento de Pascal, expressa e reflecte bem, no laconismo do seu conceito, a dupla necessidade de crer e de esperar que trabalha o espirito do homem, necessidade instinctiva e profunda como a propria natureza humana.

Em torno delle — pode-se dizer — surgiu com Bergson, com Boutroux, com William James, essa alentadora philosophia do instincto, do coração, de que Pascal e Maine de Biran foram os primeiros inspiradores.

Tinha razão, o grande pensador quando, com a sua celebre phrase — *le coeur a des raisons que la raison ne connait point* — dilatou a zona da influencia especulativa do coração nos dominios da vida espiritual da humanidade.

A imaginação humana tem necessidade de um immenso desconhecido para nelle semear as suas esperanças, para nelle construir os seus sonhos, para nelle realizar as affirmações da sua fé e da sua idealidade.

Todo grande e forte impulso de sentimento traz, carrela em si uma exaltação da vida como força creadora, da vida como conciliação e alegria, porque, instinctivamente, o homem, assim agindo, obedece ás leis mesmas que regem a vida simples, intensa, mysteriosa. E tudo que passa pelos vasos mais profundos do coração se torna para sempre mysterioso e infinito.

Por isso mesmo é que Pascal escreveu, ainda, que conhecemos a verdade não só pela razão, mas, tambem, pelo coração. E é por este ultimo processo que chegamos a conhecer os primeiros principios, que o raciocinio, em vão, busca comprehender, porque *c'est le coeur qui sent Dieu et non la raison.*

Razão e coração..., extremos que se tocam e confundem, de vez em vez, linhas convergentes que o homem faz sempre divergentes, esquecido de que, no equilibrio, no ponto de fluctuação de uma e de outro, se revela e precisa o conceito mesmo de toda a felicidade na vida, da felicidade entendida como harmonia interior...

Tambem, dentro de mim, uma e outro vivem em continuado conflicto. Mas, sempre, cedo mais ás exigencias, ás necessidades do coração, do instincto — esse "cego impulso devotado ao serviço da vida, e que marcha, confiante, á sua frente, para fins que ella propria ignora".

Porque a realidade da vida, que é condicionada por um systema de illusões, não reside no encadeiamento logico e inanimado dos factos, tal como o organiza a razão; mas no movimento mesmo, no fluxo creador do coração, numa especie de "continua fecundação" assistida pela intelligencia, adivinhada e presentida pelo instincto.

Razão... Coração...

Instincto livre e selvagem, primitivo e irresponsavel, coração, certo, um dia, a arvore inquieta da Vida medrou, cresceu, floresceu e frutificou dentro de ti, a envolver e a velar, nas sombras da sua copa, no emmaranhado das suas frondes, no intimo recato da corolla das suas flores, o mysterio mesmo da sua concepção!

Porque, coração, tu és mysterioso e profundo como a propria vida — a vida que transborda e se agita e turbilhona na retorta de teus vasos e na agua murmura de tuas fontes, perennemente a cantarem o rythmo largo e intenso, descontinuado, intermittente e millenario das tuas alegrias e dos teus soffrimentos, dos teus anseios e das tuas illusões, da tua festa ou da tristeza.

Coração — prodigo, generoso, munificente nume tutellar da illusão louca e de toda aspiração de felicidade no mundo, bemdito sejas tu, que tens semeado e fecundado, na alegria ou na dôr, até mesmo os campos mais estereis, a gleba mais ingrata e maninha das terras da... minha vida!...

ELCIAS LOPES

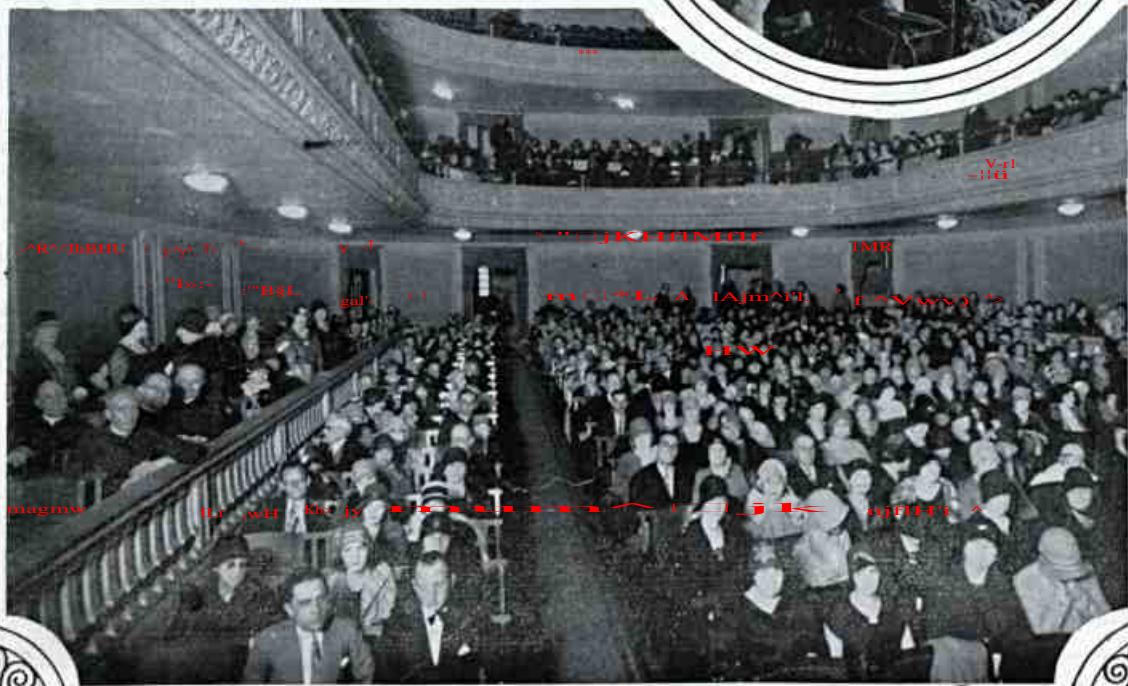
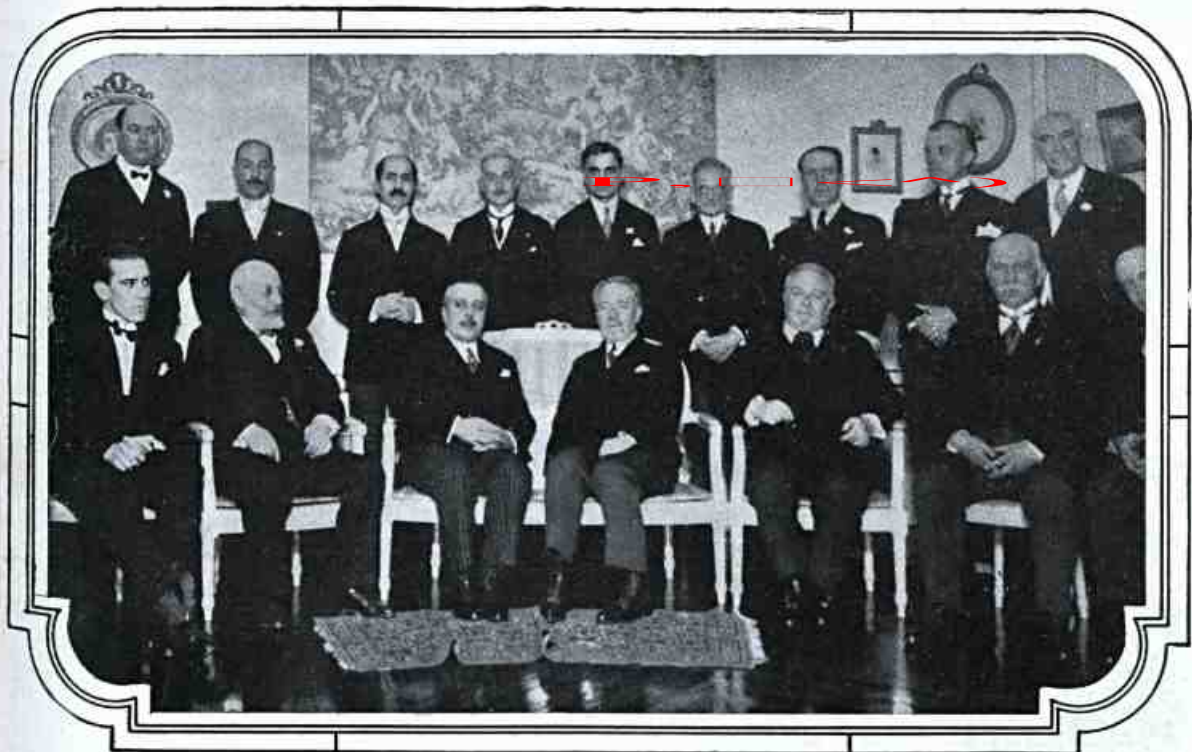
UMA commissão de damas da nossa alta sociedade organizou um festival de arte em homenagem a Pio XI, o santo padre, cujo jubileu sacerdotal acaba de ser commemorado solennemente em todo o mundo catholico. Esse festival realizou-se ha dias, no salão nobre do Instituto Nacional de Musica e resultou num acontecimento de grande expressão social e artistica.

SOBRE A FELICIDADE

A maior alegria consiste em semear e dar a felicidade, e os que isso ignoram é que nada sabem da vida.

G. Duhamel.

O prazer póde apoiar-se numa illusão; a felicidade, porém, apoia-se na verdade.

Chamfort.

O ministro do Uruguay, dr. Ramos Montero, deu uma recepção em honra da sciencia brasileira, e por motivo do centenario da Academia Nacional de Medicina. Os salões da respectiva legação encheram-se das figuras mais representativas do nosso mundo scientifico, sendo presentes, tambem, as altas autoridades, membros do corpo diplomatico e elementos da nossa sociedade.

"A ESQUERDA"

A "Esquerda", o vibrante vespertino, que tão depressa se impoz á sympathia dos seus innumeros leitores, entrou, victoriosamente, no segundo anno de existencia.

Fundada por um grupo de jornalistas, experimentados nas arduas lides da imprensa, como Pedro Motta Lima, José Augusto de Lima, Armando Rosas e Mancio Teixeira, aos quaes se reuniu mais tarde Leonidas de Rezende, todos elles espiritos brilhantes e festejados, pela sua larga projecção, no dominio das letras e do jornalismo de combate, "A Esquerda" tem sabido realizar o seu programma, o unico, aliás, que melhor corresponde ás aspirações populares: bater-se pelos principios de justiça e defender os direitos dos humildes, o que vem a ser uma obra de grande e são patriotismo.

Esse acontecimento não foi, portanto, sómente de intenso jubilo para os nossos illustres confrades, mas para todos os que mourejam no fundo de uma redacção, paladinos de uma cruzada de heroismo obscuro e sempre tão mal recompensados.

Grupo tomado na legação do Uruguay durante a recepção em honra da Academia Nacional de Medicina.

A MELANCOLIA DAS VIAGENS TRISTES

Dentro da noite lyrica e sentimental,
de estrellas altas como pensamentos,
numa indolencia — longa e lenta abstracção
dos seres e das coisas que passaram —
o viajante fuma, olha o mar, as estrellas, e esquece.

Olha — e vê o pharol movendo os braços alongados,
de quatro côres differentes, rodopiantes,
como as aspas de luz de um moinho fantastico
a triturar na mó accesa o alvo trigal dos astros.

No convés do navio um vulto esqualido apparece,
fecha as azas de sombra,
o olhar luzindo como um fogo-fatuo de horrores,
numa hedionda
ronda
fantasmal
de assombrações e de pavores!...

(A lembrança de alguem — essa saudade inutil
de um passado feliz que se quer esquecer —
é uma trama inconsutil,
toda feita de delicias e martyrios,
de volupias fatalizantes como toxicos...

Ah, maldita a memoria, maldita!)

E aquelle vulto se ergueu sobre as aguas e foi,
transfigurado num corpo de mulher,
desfazer-se em espuma.
Dentro da noite lyrica e sentimental, agora,
o viajante não fuma:
— olha o mar, as estrellas, e chora...

RAFAEL BARBOSA

E VANIDADE...

A Canção da Felicidade

O telephone retine. E' alguem que me chama. Para que? Aliás é tão commum, no dia de sabbado, o apparelho nos chamar para um trote...

E, no emtanto, não ha pilheria mais incommoda, mais irritante.

Trote! Arte de estragar o nosso bom humor. Sensaboria. Falta de assumpto. Vadiagem. Pobreza de espirito.

Geralmente é uma senhorita (não importa a idade, nem o typo) que se dá a esse "sport" de amolar a paciencia do proximo.

Falta-lhe esse "charme" de uma bôa "causerie", que nos prende, muitas vezes, quando não nos queremos prender. O terreno para onde as suas divagações nos conduzem é de um terre-á terre deploravel. E, por um sentimento expontaneo de esthesia e belleza, a nossa imaginação, sempre inclinada á fantasia, ás excelsitudes e ao sonho, nos leva a conceber um typo de perfeição, não direi uma Venus, uma Diana, uma figura mythica, mas uma criatura possivel, creada pela pintura ou pela estatuaria, — uma Fornarina, uma Gioconda, uma Galathéa — o que nos apparece é uma bruxa — como aquellas de Goya — enfeitada de laçarotes vermelhos, rescendendo a "Narcisse Noir", que recorda o cheiro da fermentação de certas fructas ácidas.

Senhorita Lisette Pinto, uma silhueta de escol. Uma silhueta da sociedade carioca. Como é hoje o dia do seu anniversario, ella será homenageada pelas suas amigas, que vêem nella uma figurinha linda e um coração affectuoso.

Decepção. Qual será a que me está reservada, nesta tarde clara de sabbado?

Vejamos. Tomo do phone.

— Allô! Quem fala?

— Allô! E' o sr. Y...?

— Quem fala? — repito eu.

A voz não mais responde. Ou por outra: responde com a phrase de uma linda melodia: a "Canção da Felicidade".

* * * Confesso que não gostava dessa obra. E não gostava porque, até agora, só a tinha ouvido reproduzida pelos discos de victrola, ou pela voz raspante do radio.

Mas naquella tarde ella me vinha pelo fio telephonico, através de uma voz de soprano lyrico, uma voz de mulher, naturalmente bonita, cheia de colorido e doçura.

* * * A Canção da felicidade!

Que lindas coisas ella não me recordou! Não propriamente a peça musical. Não as suas palavras romanticas. Os titulos das musicas não dizem o que ellas são. Um fox alegre e trepidante pode ter um nome funereo: "De profundis" "Funeral", "A dança dos fantasmas". Do mesmo modo que a "Ave Maria de Gounod" pode ser o titulo de um "charleston", ou de um maxixe delirante.

A' Canção da Felicidade, talvez ficasse melhor o nome de Canção da saudade, o Romance de uma tristeza, Melancolia ou Garôas e brumas.

E' uma linda musica. Rica de suavidade e doçura. Mas a meu ver, não traduz a imponderabilidade, a subtileza, o subjectivismo do que seja, ou possa ser uma coisa que não existe, ou que só existe sob a forma daquillo que Maeterlinck chamou — "l'oiseau bleu".

* * As suggestões amaveis que recebi, através daquella voz de mulher, que dizia a ternura da melodia brasileira, foram trazidas pela emoção que a cantora soube acordar na minha alma.

* * * Todos nós guardamos, discretamente, no disco da saudade, uma voz de mulher que amamos ou deixamos de amar. As vozes têm a sua physionomia. Têm a sua coloração. Ha vozes feias e bonitas: grossas e velhas, como senhoras adiposas; esguias e jovens, como adolescentes. Quando encontramos uma que se parece com aquella que dorme no disco de nossa alma, é que esta ultima desperta — e o disco desanda a gyrar, a gyrar...

* * * Trotes! Como são insipidas as senhoritas que dão trote! Como são vulgares com o seu fingido pudor, as suas phrases platonicas, os seus recatos unilateraes! Como são pobres de espirito!

A nota chic das ruas cariocas...

Por isso mesmo, que essa soprano lyrico, com a sua Canção da felicidade, *deu uma nota imprevista, acordando emoções amaveis e suppondo-se ao nivel da vulgaridade das outras...*

* * *

TEDIO — De Yves — Uff! Aqui está a minha humilde banca de trabalho.

Sobre ella, uma pilha de cartas. Cartas...

Afinal de contas, eu não estranho essas visitas epistolares: a minha, tarefa, nesta casa, não é outra, senão receber e responder cartas.

Mas Deus do céo! Como é sempre desorientador o egoismo humano!

Em cada missiva que abro não encontro senão a expressão desse egoismo assoberbante. Cada missivista pede e deseja uma coisa. Essa coisa é sempre aquillo que nada vale na opinião dos burguezes, mas que muita gente arde por conseguir — justamente porque só o espirito, ou por outra, a natureza é que a pode dar.

Percebem os senhores que me refiro ás velleidades literarias de cada um desses autores de epistolas?

Ha duas classes distinctas, entre os signatarios dessas cartas, e uma só verdadeira: a dos candidatos ás glorias literarias. A classe mais numerosa é a dos poetas.

Estes se contam aos milhares. Todos elles, n'uma ansia louca de publicidade, de exhibicionismo, accorrem — em espirito, já se vê — a esta banca, com a esperança de que lhes possa ser util, auxiliando-os nas suas pretensões. Quando não são attendidos, se transformam, logo, em nossos inimigos; si são attendidos, concluem que lhes não fizemos favor: era a nossa obrigação. E, por isso, muitas vezes, nem se quer nos trazem uma palavra de agradecimento.

A outra classe não é menos avultada. E' a dos literatos, a dos escriptores, de ambos os sexos, está visto.

E é curioso ver o modo por que se apresentam. Uns quasi nos impõem o dever de lhes render homenagens, admirando-os e louvando-os. Outros, insinuam-se com um ar de pilheria, declarando mesmo, com uma duvida risonha: "Quem não arrisca não petisca".

Todos desejam, todos pedem alguma coisa que satisfaça ás suas ambições, á sua vaidade, ao seu egoismo.

Mas ninguem se lembra de nos enviar, ao menos, um "muito obrigado" quando se vêem servidos.

Aquillo que nada valia na opinião dos burguezes; que o dinheiro não consegue com o seu enorme poderio; que não se alcança, facilmente, e, no emtanto, se deseja, e uma criatura nos auxilia a conquistar; aquillo, meus senhores, que é um prazer do espirito, fica relegado para o esquecimento.

Oh, o egoismo humano!

Machado de Assis põe na bocca de um dos seus personagens esta metaphora sombria: "Para além do quintal, o infinito da indifferença humana".

Quer isso dizer que, só no lar, sob o mesmo tecto, entre aquelles que nos estimam, é que encontramos — e não é sempre — alguem que faça uma excepção para nós, em face do seu egoismo assoberbante e da sua indifferença desoladora...

ESTRELLINHAS — Alguem me pergunta o motivo por que os olhos côr de bronze me impressionam. Por que? insiste o alguem. (Esse alguem é mulher, já se vê....) Ora os olhos côr de bronze não me interessam, propriamente. O que me interessa é a dona dos olhos côr de bronze. Mesmo porque, si me fosse deixar levar pelo que elles exprimem, segundo a psychologia de um escriptor americano, é claro que não poderia sentir enthusiasmos por elle.

E quer saber a curiosa criatura que me interrogou sobre o caso a razão disso? Porque os olhos côr de bronze são traiçoeiros e falsos. Falsos como a sua tonalidade — que de manhã tem uma nuance; ao meio dia, outra; á tarde, já é differente; e, á noite, tem uma côr diversa, em tudo, das anteriores.

Para maior clareza do meu commentario, aqui vae a relação dos olhos estudados pelo americano. Esse americano é o escriptor William Guter.

Diz elle:

"São os olhos o espelho da alma.

A sua côr é a harmonia do olhar.

Os olhos negros significam harmonia, dominio, ambição, fogo.

Em rosto branco, significam a tempestade entre a aurora.

Em rosto pallido, significam a noite entre o crepusculo vespertino.

Em rosto moreno, significam a chamma brotando entre a fogueira.

Os olhos azues exprimem doçura, compaixão e carinho.

Em rosto branco, são dois diamantes engastados em perolas.

Em rosto moreno, são duas estrellas entre as nuvens.

Os olhos verdes são quasi excepcionaes. Quando nos olham, parece que a esperança nos avista.

Os olhos cinzentos significam mente despreoccupada. Em rosto pallido, significam picardia.

Em rosto moreno, significam ambição e vontade."

Muito bem. Agora vem o detalhe sobre os olhos côr de bronze: "São falsos e traiçoeiros. Mudam de tom. São como dois assassinos que, durante

o dia, mudam de caracterização quatro vezes, para assaltar os incautos."

De sorte que a psychologia sobre os olhos côr de bronze não é das mais animadoras — para um coração confiante.

Mas como dizia... Afinal, que é que eu dizia? Ah, sim... já sei... Dizia que gostava era da dona dos olhos, e não dos proprios olhos. Mas quem gosta de uma coisa, gosta de outra. Não se comprehende uma mulher bonita sem olhos, a não ser as cegas, que são infelizes e, por isso mesmo, dignas de respeito e sympathia. Tambem não se comprehendem olhos sem mulher.

Para que queremos nós um par de olhos sem a respectiva mulher?

Não, curiosa criatura, o que ha é simples de explicar: eu gosto da dona dos olhos. Mas si um dia a "dona" perder os seus bellos olhos, eu continuarei a querer bem á dona dos olhos — justamente por ella os ter perdido.

OS HOMENS... AS MULHERES — Edith sorriu e torceu a sua firinha de boneca, que a saia curta, pelos joelhos, e o seu cabello á bailarina, ainda tornavam mais graciosa.

— Ora, Edith, então acha você que acredito nisso...

— Juro, juro! Sou uma menina que não ama. São dezeseis annos desilludidos. E amar, para que?

Fernando deixou fugir um suspiro. E com um accento de resignada tristeza:

— E amar, para que? E a seguir:

— Tens razão, Edith. Amar!... E' um tempo perdido. Cansa-se o coração, vive-se na ansia do desejo, na illusão da esperança, na angustia da duvida, no desespero da distancia... E, no fim, que é que se ganha?

— Nunca encontramos o nosso ideal. E quando encontramos, ao menos, a semelhança...

— Encontrar a semelhança de um ideal é encontrar o proprio ideal pela metade.

— Mas é que nunca se encontra essa metade.

— Sim, Edith, não se encontra a metade, mas a gente a suppre como póde.

— Não entendo a sua these.

— Supprese com a imaginação.

— Mas a imaginação é a fantasia, é a illusão, é o sonho...

— O amôr não póde prescindir dessas coisas empyricas, incorporeas, subjectivas.

— A metade de um amôr é uma coisa ficticia?

— Perfeitamente. E' a sua parte ideologica.

— Si assim é, creio que a imaginação possa supprir a metade do amôr que se sonha, isto é, do nosso ideal...

— Quer um exemplo?

— Fale.

— A gente gosta de uma mulher...

— Bonita ou feia?...

— Não importa. A gente gosta porque o destino é gostar. Mas acontece que a criatura a quem se ama representa apenas metade do nosso ideal.

Edith commenta:

— De accôrdo com a sua theoria.

— Justamente. De accôrdo com o meu principio. A metade que falta ao nosso ideal, é a imaginação que a compõe. Um dia, porém, a gente deixa de gostar da criatura eleita. Deixa de gostar é um modo de falar. E' forçado a romper...

— Rompe e fica por isso mesmo.

Fernando sorri.

— E' o que lhe parece. A gente rompe. Chega mesmo a odiar a pessôa a quem amava. Mas todavia continúa a amal-a como dantes.

— Como póde ser isso? Você está louco?

— Não. Eu me explico. A gente continúa a amar a pessôa, através daquella metade que a nossa imaginação idealizava como sendo um complemento da pessôa amada...

— Nesse caso — ironizou Edith, — a imaginação concebe outra metade e constróe um todo ideal.

— Sim — retruca no mesmo tom de ironia — mas é que o amôr não póde ser personificado pelo fantasma de um ideal fugitivo.

— Por que?

— Porque não se beijam fantasmas. E amôr sem beijos não é amor...

CHARLA — DE YVES — Como não possúo um automovel, nem mesmo um simples *Ford* desses que andam como uma formiga de assucar, gosto de viajar no primeiro banco dos bondes, aquella banco que fica ao pé do motorneiro.

Esse banco é a alma ingenua de todos os bondes. Por que é ali que os simples viajam.

O que chamo "os simples" são exactamente esses individuos que vivem á margem da vida, ou vivem uma existencia

Tres irmãs ou tres amigas. A's vezes, as amigas são mais que irmãs...

marginal á grande vida dos victoriosos.

Meus senhores, peço-lhes perdão si estou sendo cacête, e si esta nota vae ganhando assim um aspecto de necrologio. Perdôem. O que desejo é conversar um pouco com os senhores — si é que me dão essa honra. E como não tenho originalidade no escrever, vou conversando sobre coisas a que ninguem dá importancia.

Ora, muito bem. Voltemos ao primeiro banco do bonde. Depois que um desses vehiculos foi vendido ao caipira, os *tramways* da Light passaram a ser o assumpto do dia...

Naquelle banco dos simples quem se senta são os paes de familia, sobrecarregados de embrulhos e de filhos; são os operarios que moram no suburbio; são os cégos que ficam ao pé do motorneiro, para que este lhes facilite a descida; são os que procuram ruas desconhecidas; são os que têm mêdo de pagar a passagem dos amigos; são, finalmente, os cavalheiros como eu, mysanthropos, escrevinhadores, á cata de assumpto e de emoções.

Naquelle banco é uma delicia a gente viajar. Ali é que a gente ouve a cada passo um proverbio: "Mais vale a quem Deus ajuda do que quem cêdo madruga." "Não ha nada como um dia atrás do outro." O proverbio é o consolo dos philosophos desgraçados e dos falhados que se revoltam contra o destino...

Naquelle banco, a gente sabe de intimidades de familia; de calculos e projectos; do jogo do bicho que *deu* ou *vae dar*. Naquelle banco ha sempre quem conte a historia de uma desventura conjugal, de uma aventura amorosa, de umas bengaladas que A deu em B; de prognosticos politicos, de milagres realizados por São Cosme e São Damião, ou do *trabalho* feito na *macumba* tal ou qual.

A gente se senta. O banco está vazio. Dahi a pouco, chega um cavalheiro com ar de amanuense. Depois vem outro cheio de bigodes (ou sem elles).

Agora é uma chapeleira (ou costureira, ou *vendeuse*, ou manicure, ou florista... é só o leitor escolher) — E' preciso pôr uma filha de Eva entre tantos mar manjos feios.

Quando a gente vê, o banco está estalando de passageiros. E então, cada um, por sua vez, conta lá a sua historia, entremeada de gyria, a deliciosa gyria carioca, tão expressiva e espirituosa.

A filha de Eva — aquella que ali está, para dar a "côr local" — morde os labios, quando a coisa é para rir; fica vermelha, quando é maliciosa; franze a testa, quando é uma allusão á sua pessôa; torce-se toda ou pigarrea, quando ella tem vontade de se metter na palestra; e salta do bonde, quando a coisa acaba em *samurú*...

No meio de tudo isso a gente goza aquelle banco do motorneiro, que é a alma simples do vehiculo e onde a gente perde a sua personalidade para ser apenas "o popular", "aquelle zinho" ou "aquelle camarada que leva um livro debaixo do braço"...

FARPAS — De Yves — Querem saber por que não gosto das literatas, nem das mulheres sabichonas, como as de Molière? Por uma razão muito simples: é porque perdem a sua feminilidade.

Sim, meus senhores! Eu não gosto das mulheres que pretendem fingir de masculinas. E' horrivel!

A mulher deve ser fragil, delicada, medrosa, etc. Fragil de corpo, delicada de attitudes, medrosa de tudo: da furia dos elementos — relampagos, trovões, ventanias; — de uma borboleta que entra, á noite, batendo as azas tontas de luz; de briga de homens; de revolver — mesmo descarregado; de um bolido que foge, pela noite, riscando a lousa do céo com a sua linha obliqua de fogo...

Viram os senhores?

A mulher só encanta quando é medrosa, quando chora, facilmente, quando ignora a physiologia e acredita que Eva nasceu de uma costella de Adão.

Ella só não deve ter medo é do amor. Sim, porque o amôr não se fez senão para ellas. Ellas, que nasceram frageis e lindas, para a homenagem do nosso culto, dos nossos desejos, da nossa admiração e respeito.

Detesto as mulheres como aquella Madaleine, de Emile Zola, que amparava o amante no collo, toda vez que um trovão estalava.

Oh, não! Si um dia encontrasse uma mulher que pretendesse leccionar-me historia natural, ou atirar aos pombos, como as inglezas *touristes*, eu fugiria della como o diabo da cruz.

Uma mulher sabichona é um desastre. Quero que seja educada como antigamente: um pouco de musica, de desenho, de dança, de letras, de vida ao ar livre. Nada de sports. O sport, na filha Eva, condul-a ao masculinismo. Em breve, ella ganha proporções apollineas. As pernas se lhe enchem de musculatura de aço; adquire muque, caraça larga, busto de boxeur...

Não, pelo amôr de Deus! Não me façam da mulher, que deve ser uma boneca de Vienna, — uma laponia musculosa, como aquellas que vivem nas florestas scandinavas.

Parodiando a canção carnavalesca, direi

Eu quero uma mulher
[bem fragil...

Nada de muque, nem de coragem, nem de sabichonismos. Entendem os senhores?

A mulher só me interessa quando necessita de ser amparada pelo nosso braço, na certeza de que, para defendel-a, cada um de nós será uma féra, um leão africano, um tigre australiano, um javali, uma cobra cascavel. Que dizem? Estão de accôrdo commigo? Os senhores tambem pensam assim?

Ah, esquecia de dizer tambem que não gosto da mulher que não deseja passar dos dezeseis e quer ser sempre *jeune fille* de Sion, fazendo chiqué, fingindo de platonica com A e sendo camarada com B...

Bem, meus senhores, até sabbado.

HORTENSIA

DE LUCIO MORRES

TENS o nome de uma flôr. De uma flôr cujo perfume ninguem sente, tão finissimo elle é. De uma flôr cuja belleza é a synthese da belleza de todas as flôres. Tens o nome sereno e azul como um céo matinal. Nome de primavera e de amor. Nome claro, sonoro, fulgurante... Nome que lembra a felicidade, a fidalguia, a doçura, a espiritualidade, o mysticismo e a bondade. Nome de princeza cujo throno é o coração dos homens...

Não sei por que teus olhos são negros, e negro é o teu cabello côr da noite. Nem comprehendo por que és morena e alegre e amas a purpura de teus vestidos sangrentos. Não sei por que és inquieta e festiva, e gostas tanto de sorrir.

A hortensia é uma flôr de serenidade. Uma flôr quieta, romantica, luminosa. Uma flôr linda, mas triste.

Tu és alegre, Hortensia. Alegre como uma rosa vermelha. Harmoniosamente alegre.

Mas eu gosto de ti mesmo assim. Gosto de ti com o teu nome triste, sereno, e o teu inquieto e alegre temperamento.

Porque és linda e bôa, Hortensia. E possues uma alma serena e azul. Alma sonhadora. Alma de hortensia...

ELLA parece dizer: «Que frio!» — Ostenta um «manteau» de «hermine». Modelo Jean Patou.
(Photo Luigi Diaz — Paris — Especial para FON-FON)

LANTERNAS DE PAPEL

POEMA DA AUSENCIA

Nos dias em que te não vejo, sinto-me miseravel e só. Sou como um mendigo que sobe e desce as ruas sem destino, á espera duma esmola que ninguem lhe dá...

Em derredor, os rumores da cidade febril deliram sob os tenues véos da noite que cáe. A sua balburdia não me perturba. Caminho, caminho solitario e triste, o olhar absorto e distante á espera de vêr o que sei que não me é dado avistar...

Desfila a multidão apressada. Os homens marcham pesadamente, como bois que recolhem do trabalho. As mulheres deslisam sobre a elegancia nervosa e sensual das pernas embainhadas na sêda rosea das meias. Cobrem-se de pelles caras. E os seus rostos são lindos á luz dos fócos electricos. E os seus olhos brilham como estrellas perdidas na noite. Eu nada escuto, os ouvidos attentos á espera de ouvir uma voz que não ouvirão...

Apunhalam o ar os pregões dos jornaleiros. Os escandalos do dia vibram no espaço. Esguicha no meio da rua o repuxo ensanguentado das tragedias do amor e do dinheiro. — "A Noite"! "O Globo"! — "A mulher que matou o marido em Nictheroy!" E eu sigo, sereno, impassivel, á espera duns olhos que eu sei que não brilharão na noite que cáe...

Corre-corre. Empurrões. Cotoveladas. E todos sobem para o omnibus que vae partir. Todos. Homens, mulheres, crianças. Estou no meio da multidão e estou só, só só, desesperadamente só, á espera dum perfume que não sentirei...

A curva das avenidas que o mar beija prolonga-se noite adentro, emmoldurada de luzes e mais luzes. São collares de brilhantes que as mãos das trevas espalham sobre o seu vasto vestido de velludo negro, numa orgia sem par. E nenhum desses fócos radiantes clareia a penumbra da minha alma sempre á espera de alguem que não podia vir...

A cada esquina descem grupos de passageiros. E a grande viatura se vae esvaziando. Dentro, ficamos somente três: o motorista que busina a cada rua transversal que corta, o conductor que conta lentamente os nickeis dos trocos e eu que deixo correr por entre os dedos, uma a uma, as moedas da saudade. E, pelas janellas abertas, os meus olhos ansiosos percorrem as praias desertas á espera dum vulto que não apparecerá...

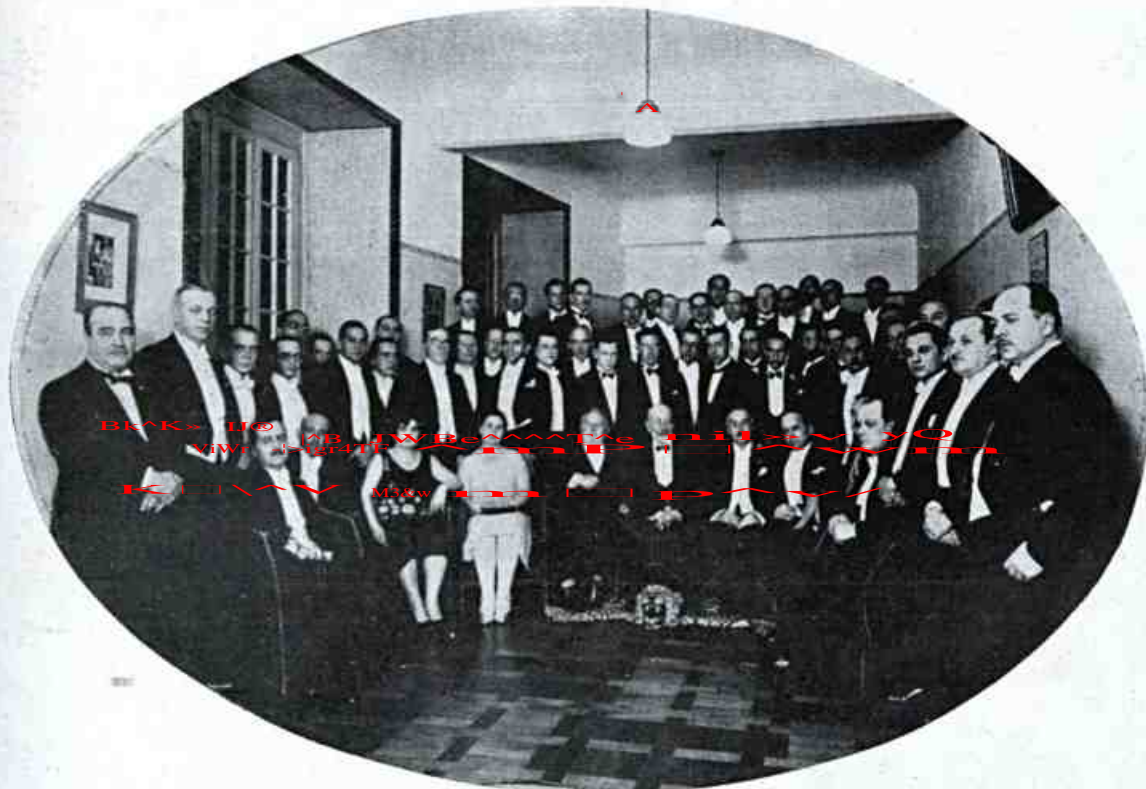
Os rumores da rua se apagam. Somente o vento geme baixinho na folhagem dos jardins desertos. A luz das lampadas electricas derrama-se pelas calçadas solitarias. Faz frio. Muito frio. Os meus olhos fecham-se devagarinho, devagarinho. Mas estão abertos para o lado de dentro, espiam pela janella da alma. E eu te vejo, te ouço, te sinto e te amo na profundez embriagadora dos meus sonhos...

Um sussurro da esperança dá-me diariamente a ordem de viver: Amanhã talvez possas vir...

Nos dias em que te não vejo, sinto-me miseravel e só. Sou como um mendigo que sobe e desce as ruas sem destino, á espera duma esmola que ninguém lhe dá...

CLAUDIO FRANÇA

LUIS MURAT

Finou-se o poeta das «Ondas» e de «Sarah», espirito privilegiado que foi um dos maiores vultos da geração litteraria de Alberto de Oliveira, Olavo Bilac, Raymundo Corrêa e Vicente de Carvalho. Figura de relevo inconfundivel, Luis Murat não teve talvez a orchestração sonora do rimario e o brilho faulhante da forma daquelles; foi, porém, mais profundo na sua meditação ante o aspecto inviolável das coisas. Espiritualista ardente, as especulações da philosophia, no emtanto, não o impediram de militar na politica e no jornalismo, nos quaes marcou fulgurantemente sua passagem. Está de luto a Academia Brasileira pela morte dum dos seus grandes fundadores, o occupante da cadeira n.º 1. Que a mesma seja preenchida por uma figura tão nobre e eminente como a que, infelizmente, para sempre se foi!

O Syndicato Medico Brasileiro offereceu um grande banquete, segunda-feira á noite, aos medicos da caravana uruguaya e demais delegados estrangeiros e nacionaes aos congressos commemorativos do centenario da Academia de Medicina.

ENTRE TOPETUDOS...

Não sei si notaram esta circumstancia interessante...

O deputado Mello Franco, que teria parlamentado com o presidente, offerecendo a exame um candidato mineiro, para residir no Cattete no proximo quadriennio, tem um topête do tamanho de um bonde...

O *leader* Villaboim, que *teria tratado* da successão presidencial, na sua recente viagem a S. Paulo, tem tambem um topête deste tamanho...

Como se vê, o Zé Povo deve metter a viola no sacco e aguardar os acontecimentos, porque este negocio tem de ser resolvido entre gente topetuda, salvo erro ou omissão...

. . .

Após o banquete do Syndicato Medico, realizou-se, nos salões do Club dos Bandeirantes, um baile em honra das familias dos delegados e congressistas que tomaram parte nas solennidades do centenario da Academia de Medicina.

PAINEL DE AZULEJOS

O dr. Geraldo de Andrade é o actual inspector de Hygiene Social do Departamento de Saude e Assistencia de Pernambuco. Delegado desse Estado nos Congressos commemorativos do Centenario da Academia Nacional de Medicina, teve opportunidade de expôr, no Congresso Americano de Eugenia, uma these brilhante, intitulada: «A raça nos pontos de vista anthropologico e sociologico». Esse trabalho, que foi muito elogiado, é revelador de uma solida cultura medica e scientifica do seu autor e apresenta cerca de oito mil observações colhidas no serviço que está a seu cargo. O dr. Geraldo de Andrade foi interno do professor Miguel Couto e director do «Diario de Medicina».

DE QUEM E' O POLO?

Ora, eu nunca pensei que se discutisse a propriedade dum polo!... Aquillo é frio de doer, branco como a brancura, povoado de phocas e pinguins, inutil para qualquer coisa, a não ser para fazer dos exploradores victimas ou heróes. Embora algumas revistas scientificas assoalhem que ha lençóes de carvão sob as neves polares, nunca atinei como um pólo pudesse despertar cobiças. Sobretudo o do Sul. No do Norte, até certa latitude se encontram esquimós, e mais acima raposas e ursos. O outro é uma lastima. Passou-se a Terra do Fogo e acabou-se toda a vida. E' o deserto gelado. Nem bichos. E' um mysterio que arrepia, fazendo pensar naquellas assombrosas aventuras do Arthur Gordon Pym de Edgard Poe...

Pois bem. Agora a discussão está accesa sobre a plena propriedade do polo Sul. De quem é? Dos Estados Unidos ou da Grã-Bretanha? Inglezes e Americanos disputam o direito de fazer fluctuar definitivamente a sua bandeira sobre o mysterioso estendal dos gelos eternos. E' essa questão em derredor do mysterio das regiões antarcticas faz com que a gente se recorde dum curioso trecho daquelle famosissimo e deliciosissimo romance de Julio Verne, Os filhos do capitão Grant.

Conta-se nelle que um tal senhor Paganel, secretario da Sociedade de Geographia de França, interrogara sobre a sciencia em que era versado um joven estudante de Melbourne, na Australia. E' soube pelo mesmo que a Africa inteira somente se compunha de duas grandes possessões inglêsas: a colonia do Cabo e os estabelecimentos da Serra Leôa; que a America, a Asia e a Oceania pertenciam á Inglaterra; e que, em fim, a propria França não passava de provincia britannica.

O sr. Paganel — como se deve imaginar — ficou furioso e indagou do rapazinho:

— E a lua? Não é inglêsa tambem?

— Ainda não é, replicou o pequeno australiano, porém ha de ser um dia...

Desde muito antes da existencia do sr. Paganel e de seu creador, o romancista Julio Verne, que a Inglaterra, navio ancorado por Deus na Mancha, navega pelo mundo apoderando-se de quanta terra continental ou insular encontra desoccupada. O mar é inglês... Assim, tomou conta da Trindade. Assim, engoliu definitivamente as ilhas Malvinas, que pertenciam aos nossos valentissimos vizinhos do Prata. Assim, quer somente para o seu goso as neves polares do Sul... E' um phenomeno natural.

O americano não se quer conformar com isso e levanta a questão em sua imprensa. Os governos movem-se. Trocam-se notas. E os espiritos imparciaes e curiosos vão tecendo commentarios, entre sorrisos de ironia... Até o polo Sul não pode escapar. Tem de ter dono. E para que? Não é impossivel viver naquella zona onde os dias e noites duram seis mezes?

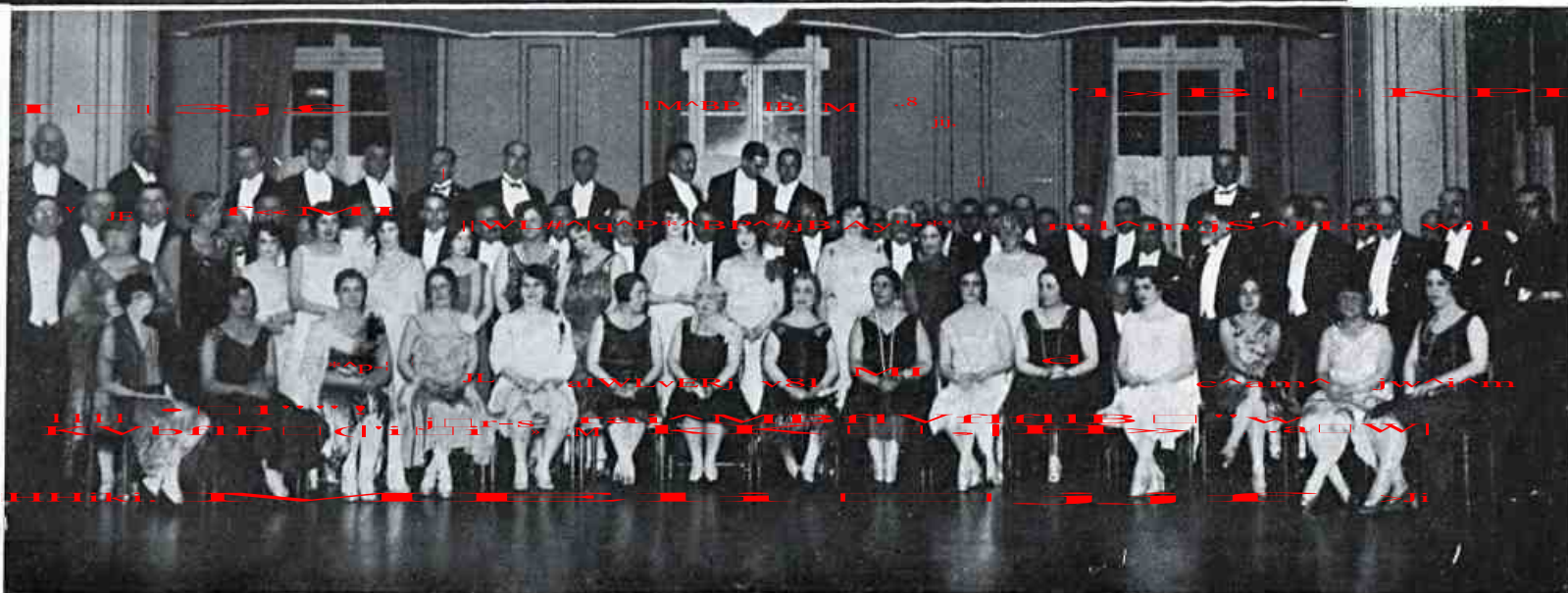
Mas Albion é como esses compradores de terrenos. Pouco lhes importa que não haja no local bonde, nem trem, nem calçamento, nem luz, nem agua, nada. Elles esperarão a valorização, certos de lucrarem cento por cento. O Imperio Britannico esperará a valorização do Polo... e, por segurança, vae logo preparando os seus titulos de proprietario.

Eu devo ser, sem duvida, muito mais besta do que a Inglaterra. Porque, si me dessem o polo Sul de graça, eu não o acceitaria...

D. JAYME.

O dr. João Antunes Guimarães é um nome que se impõe em nossos meios médicos, por ser um operador hábil e um gynecologista acatado. Na sua clinica, o dr. Antunes Guimarães se tem distinguido pela sua cultura e pela competencia profissional que tem demonstrado repetidas vezes. O illustre clinico e operador foi homenageado pelos seus amigos e admiradores, com um almoço intimo, por motivo do seu anniversario natalicio, que transcorreu no dia 6 do corrente.

O dr. Aloysio de Castro, director do Departamento Nacional do Ensino, offereceu um banquete aos médicos estrangeiros que aqui vieram tomar parte nas solennidades commemorativas do centenário da Academia Nacional de Medicina. O sr. ministro da Justiça, convidado, compareceu ao agape, que foi presidido por s. ex. Sentaram-se á mesa, tambem, além dos homenageados, e do director do Departamento do Ensino, que proferiu notavel discurso offerecendo o banquete, vários representantes da classe medica brasileira, diplomatas, etc.

Os médicos argentinos que acabam de nos visitar como delegados do seu paiz ás festas da Academia Nacional de Medicina, despedindo-se de seus collegas brasileiros, offereceram-lhes, domingo á noite, no Copacabana Palace, um banquete, no qual tomaram parte as mais altas personalidades do nosso mundo scientifico, social, politico e diplomatico.

UM MAGICO DA SCENA

Por Berilo Neves

Procopio Ferreira

O palco é a miniatura do mundo. Assim como a gota dagua do mar contém todos os elementos physico-chimicos que compõem o oceano, tambem as scenas do theatro resumem a comedia universal da Vida.

E a vida, que nem sempre é tragica nem dramatica, é diariamente, e irremediavelmente, comica. A Tragedia, como a fizeram Shakespeare e Eschilo, é uma excepção gigantesca do sentimento. O Drama é um enredo demasiado complexo para ser quotidiano.

Só a Farça é diuturna, porque só a Farça é a alma mesma da Vida.

Para mim não ha actores maiores do que os comicos. E' claro que não emprego essa expressão com o aspecto vulgar que lhe emprestam os hystriões e bufos das feiras e dos circos de cavallinhos. Falo da alta comicidade, que é a arte de reproduzir os baixos aspectos risiveis da existencia.

Procopio Ferreira é um comico-padrão. O que vale dizer: é um grande artista, cuja compleição especifica de intelligencia e de alma o tornou apto a reproduzir, de maneira assombrosa, a immensa comicidade que alicerça a alma humana. Elle sabe, como ninguem, evocar certos estados de alma onde se reflecte, de maneira mais aguda, a fragilidade da nossa compleição moral. Vendo-o no palco, dando vida e animação ás personagens (nem sempre animadas e vivas...) dos autores que interpreta, tem-se a impressão exacta de já ter visto, na vida, a scena que está em scena... Sente-se que já se sentiu aquelle estado de alma. Percebe-se que já se viveu, ou se é capaz de viver, aquelle momento critico. E apanha-se, em todo o seu flagrante prodigioso, a formidavel dós de humanidade que transparece na alma do artista.

Ora, a humanidade — essa incorrigivel amante dos paradoxos — ri perdidamente quando assiste ás demonstrações artisticas de Procopio Ferreira. Ri-se, quando devia chorar, porque não ha nada mais triste do que os aspectos comicos da vida humana. E ha criaturas tão pouco intelligentes, que accrescentam, logo, o adjectivo engraçado ao nome celebre de Procopio Ferreira...

— Como é engraçado o Procopio!

Quantas vezes já ouvi isso, com pena do Procopio e da sua platéa!...

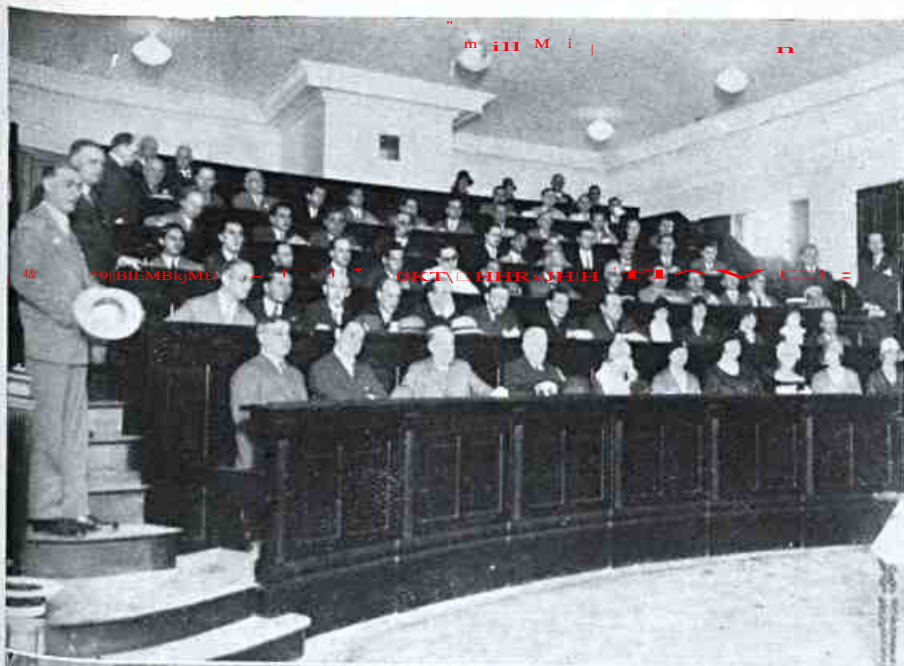
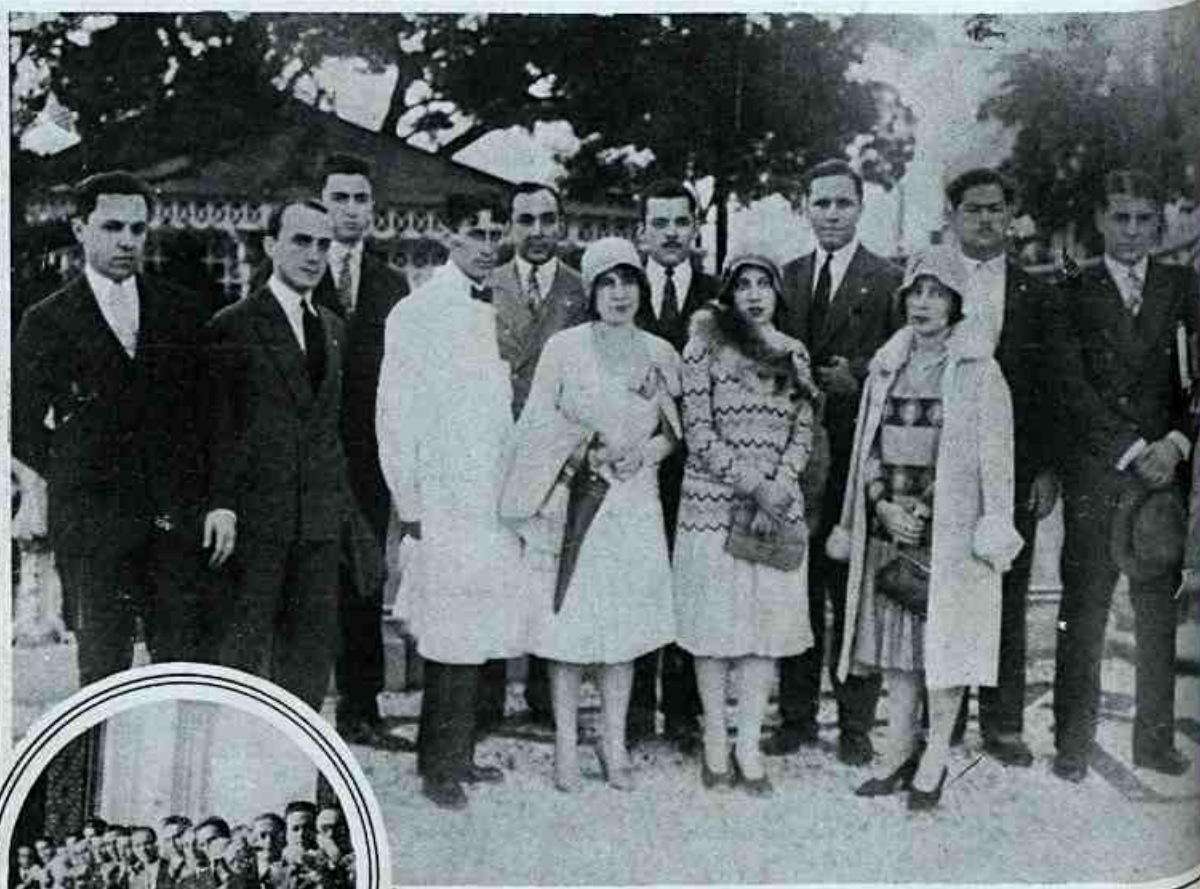
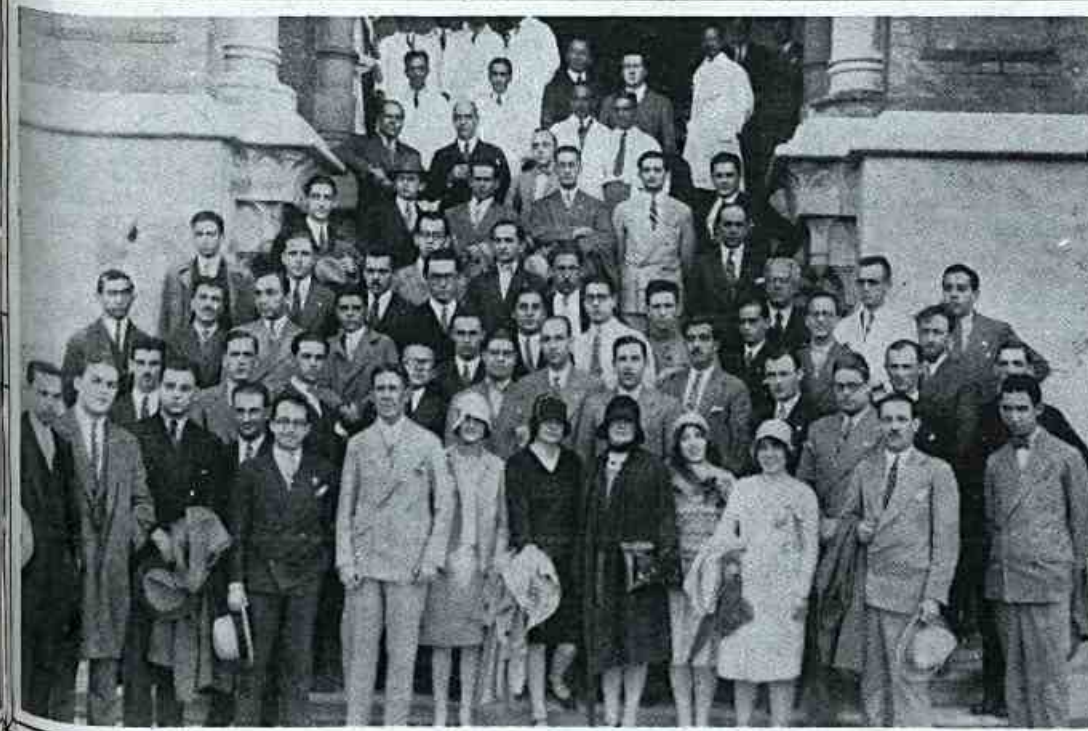
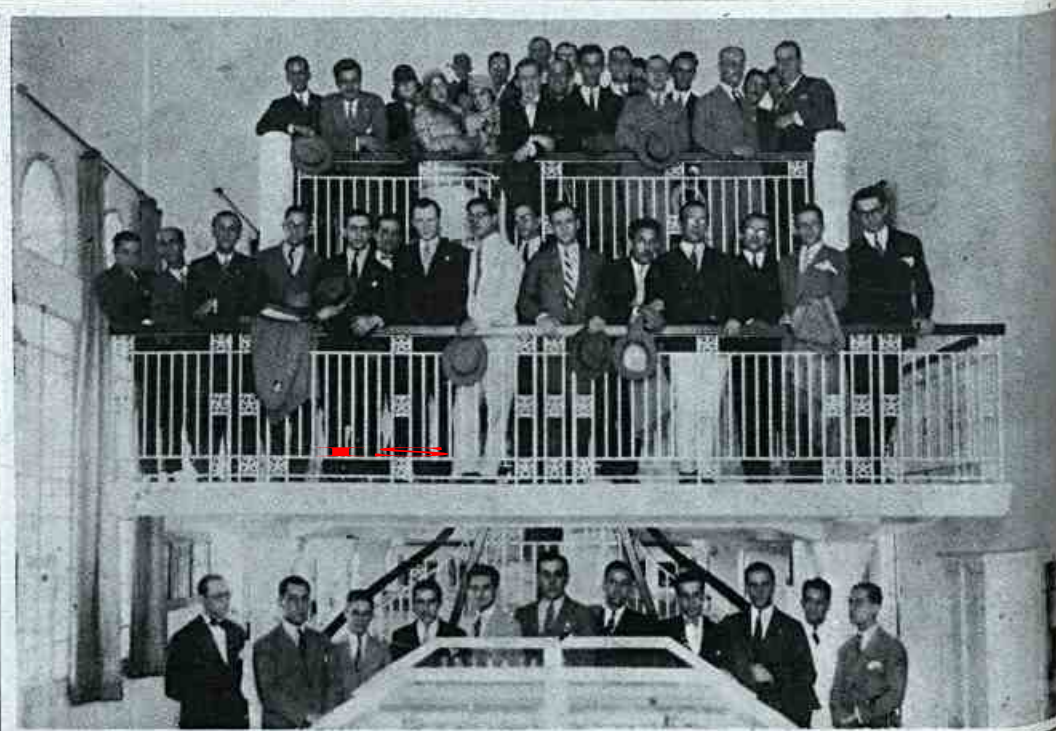
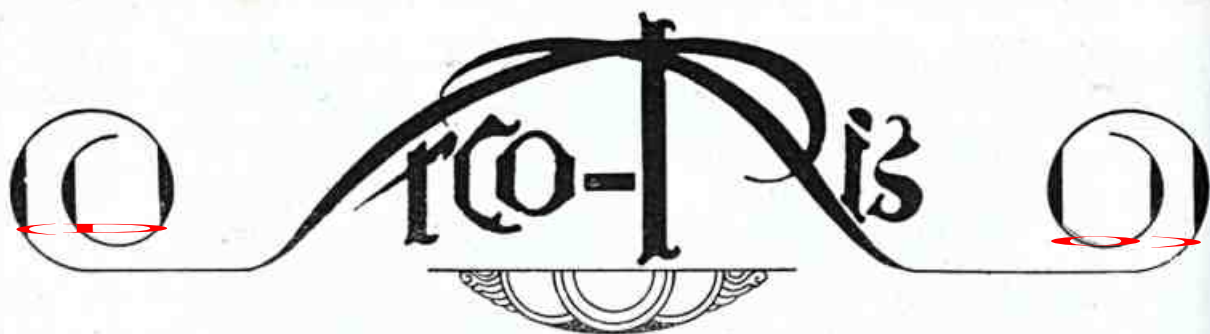
E todo o mundo vae ver o Procopio, porque todo o mundo sabe que o Procopio faz rir... Fazer rir... Como é difficil a arte de fazer rir! Só mesmo um grande engenho artistico como o Procopio póde conseguir despertar hilaridade em algumas centenas de pessoas, duas vezes em cada noite... Os que entendem alguma cousa de arte theatral sabem como é difficil rir com naturalidade, quando não se tem vontade de rir. Chorar é muito mais facil... Vejam as mulheres. Choram por qualquer cousa e por cousa nenhuma...

Fazer rir sem o emprego do espirito grosseiro que faz cocegas nos instinctos inferiores da humanidade, é um dom rarissimo no genero humano.

Poucos escriptores o conseguem. Em geral não ha literatura mais triste do que a dos humoristas... Em scena, é a mesma cousa. Faz-se chorar com uma simples tirada romantica em que appareça um verdugo e uma victima. Os elementos para esse effeito psychologico e lacrimogenico são conhecidos de qualquer estudante... Provocar o riso com asseio e intelligencia — eis ahi uma das mais terriveis difficuldades da arte theatral.

O humorismo de Procopio... E' a grande força desse homem intelligente, cujos grandes recursos artisticos lhe permittem divertir a platéa, divertindo-se a si mesmo. Elle sabe que entre os seus espectadores está, com certeza, um homem-typo da figura que encarna. Os homens são demasiado vaidosos para reconhecer um seu retrato que não lhes pareça realmente bonito. Ora, os aspectos comicos da alma humana nada têm de attrahente para cada um de nós, em particular... Toda a platéa ri-se, inclusive aquelle que, sem o saber, se está rindo de si mesmo...

O comico illustre agita todo um mundo de sentimentos com a pasmosa plasticidade de seus recursos artisticos. Toda a gamma infinita das resonancias interiores da alma humana, elle sabe evocal-a no momento preciso, de accordo com o typo que lhe coube em scena. A's vezes a personagem não tem nenhum relevo essencial, mas Procopio sabe valorizal-a com o seu jogo physionomico, com os seus gestos claros, com os seus movimentos suggestivos, com a sua alma, emfim... E nasce uma alta comedia de uma historia vulgar que se banalizaria através de outro actor que não fosse Procopio Ferreira.

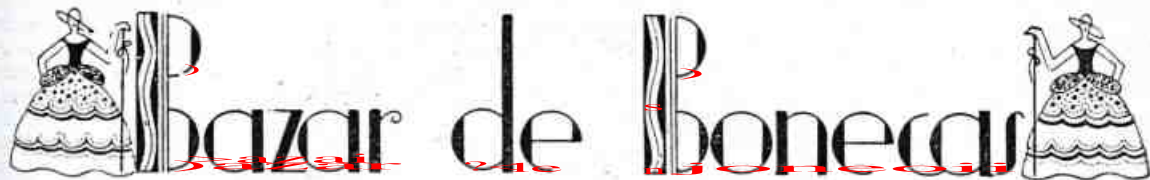
Elle é o mágico da scena porque, ao contacto da sua alma privilegiada, todas as personagens se transfiguram, sahindo do âmbito estreito da imaginação que as creou para a realidade magnifica da arte que as transformou na palpitação dos grandes flagrantes universaes da alma humana...

Os médicos nacionaes e estrangeiros que tomaram parte nos congressos commemorativos da grande data da Academia Nacional de Medicina visitaram, ha dias, o hospital da Fundação Gaffré-Guinle, percorrendo-lhe todas as dependencias, ainda não officialmente inauguradas.

O Instituto Oswaldo Cruz recebeu duas vezes a visita dos medicos estrangeiros [illegible] sendo ali recebidas com expressivas demonstrações de sympathia e percorrendo detida- vieram tomar parte nos diversos congressos scientificos que acabam de se[illegible] mente todas as dependencias do Instituto. Sexta-feira ali voltaram os nossos illustres nesta capital, em commemoração ao centenario da Academia Nacional de Medicina. [illegible] hospedes, convidados pela delegação medica uruguaya, afim de assistir á inau- primeira foi na quarta-feira da semana passada, quando as delegações scientificas [illegible] de uma placa commemorativa — homenagem da Faculdade de Medicina de Montevidéo á memoria do grande sabio brasileiro. São flagrantes dessas duas visitas paizes amigos, acompanhadas de professores brasileiros, estiveram em Manguinhos, [illegible] expressivas que reflectem os detalhes photographicos desta pagina.

TUDO É A MESMA COISA . . .

Querida, o mundo é o mesmo, ainda o mesmo, [apesar
das nossas velhas ansias
de devorar distancias
e transviver, mudar, variar...
Vocês procuram novas elegancias
para figurar
e nós, a reflectir e imaginar
metaphysicas de altas relevancias,
e, apesar da distancia
que possa intermediar,
volta a velhice á infancia,
tudo tem de voltar,
tudo é o mesmo na vida,
nada tem importancia,
tudo é o mesmo, querida
— viver, soffrer e amar.

Para manter o viço,
para manter a graça,
vocês fazem a moda. A moda passa,
e a moda volta. Sonho e pesadêlo.
Vae do cabello aos pés, ao cabello postiço,
ora, corta o cabello,
ora, deixa crescer,
Ora, manda encrespar.

Tudo, uma cousa só: agradar, florescer,
viver, soffrer e amar...

Osculo respeitoso, amavel beijo,
voluptuoso chupão:
signal de reverencia ou de desejo,
ou impaciencia, desesperação
de alma que se desnerva e se estiola,
nada, querida! o beijo é sempre o beijo.
Isso de nome é para tapeação...
Musica do futuro? o realejo
tem uma nova mascara — a victrola,
já não é elegante
chamar-se gramophone,
tal como (vêem? o nome pouco importa)
namorar, em cochicho, atrás da porta
não se usa mais: — fala-se ao telephone...

Querida, o mundo é o mesmo, ainda o mesmo, [apesar
da constante mudança:
A Saudade e a Esperança
são os dois polos em que gira
ora, a verdade, ora, a mentira,
pois a vida, por mais que ande a variar,
será sempre uma só — soffrer e amar...

Balcão florido

Les femmes sont extrêmes: elles sont meilleures ou pires que les hommes...

Com essa phrase de La Bruyére, que me veiu á mente no momento mesmo em que, evocada pelas solicitações de meu coração, a figurinha de Boneca, encantadora e sonho e de illusão, canta, dentro de meus olhos enternecidos, é que abro, hoje, o balcão florido da minha vida de sentimento e de exaltação espiritual.

Uma alegria ampla, serena, em que vibra e palpita uma revoada de sonho e de illusão canta, dentro de mim, e enche-me todo o ser de enthusiasmo e de bondade, de paz e de doçura.

Por que?

Eu proprio, talvez, não o saiba dizer.

Si Boneca quizesse falar por mim?...

As mulheres são, porém, como disse La Bruyére, extrêmes, sem meios termos na sua bondade ou na sua maldade. São melhores ou... peores do que os homens.

E Boneca, que eu julgava não tivesse coração, revelou-me, um dia destes, toda a grandeza, toda a excelsitude de sua alma de eleição.

E' uma fonte de *chiare, fresche e dolci acque* — como dizia o poeta — o pequenino coração de Boneca. Uma fonte onde ha logar para toda inquietação se abeberar, desalentar e... suavizar.

Não pensem, com isso, que o coração de Boneca seja uma especie de assistencia publica dos que carecem de um pouco de amor e de consolação neste valle de lagrimas. Mas elle — como se fosse uma parabola viva — sabe realizar o suave milagre daquella em que S. Matheus expressou e synthetizou o divino Poder: pedi e vos será dado; procurae e achareis; batei e vos será aberto.

E eu tanto pedi que encontrei um coração cuja porta me foi aberta de par em par, uma porta familiar e amiga, á soleira da qual, resplandecente de belleza e de serenidade, me appareceu uma Boneca muito differente da que eu conhecera até bem poucos dias.

Um *tête-à-tête* amistoso, uma troca de mutuas confidencias, e, pouco depois, sobre os escombros de uma illusão em ruinas, o esplendor magnifico e fecundo de um novo sonho de amor e de felicidade.

Boneca contou-me toda a sua vida passional, abriu-me seu coração e as paginas do romance intimo que ella ainda guardava como simples recordação.

Um dia amou, foi illudida e esquecida — como tantas vezes acontece na vida. Seu primeiro impulso,

MLLE. Ecila Magalhães, uma galante figurinha da nossa sociedade, e um sorriso que apenas começou...

ante a maldade de que fôra, injustamente, victima, foi de vingança, de odio e de desprezo para todos os homens, porque, por um, ella ficara julgando os mais.

Depois... Depois, de observação em observação, chegara a concluir que os homens, na sua generalidade, quando amam, devem ser tratados como uma criança, e, como uma criança, perdoados nas suas faltas, nos seus peccados de amor, porque peccam involuntariamente, sob a eterna tentação da mulher que, com raras excepções, faz do amor uma especie de incenso intimo ao culto da sua vaidade e da sua belleza, sem procurar comprehender a grandeza e a elevação do maior sentimento humano.

Ella tambem fôra assim, tambem assim pensara, esquecida de que a mulher devia amar por... necessidade de amar e de se dar a alguem com todas as forças de sua alma, de seu coração, do seu espirito de dedicação e devotamento.

— Escute, meu amigo: já leu o *Peer Gynt*, de Ibsen?

— Sim. Já o li, minha querida amiga.

— Lembra-se daquelle encantador espirito de mulher que é *Solveig*?

— Sim, lembro-me. Um encanto de mulher.

— Pois bem, todas as mulheres deveriam ser como *Solveig*: grandes e bellas no seu amor como na sua extremada dedicação ao homem que o seu coração elegesse, para que elle sempre tivesse orgulho de ver, nella, não só a esposa e a amante, mas tambem a mãe e a irmã — um mixto de tudo que é nobre e puro e grande na affectividade humana.

O homem, quando vive na fé, na confiança, no amor e no enthusiasmo de um coração de mulher, é incapaz de enganal-a, de trahil-a, de illudil-a.

— Boneca, minha filha, como você é boa e é digna de ser amada, de ser adorada! Você pertence ao numero daquellas mulheres que são extremas na sua bondade e no seu espirito de devotamento. Como aquellas *donne che hanno intelleto d'amore*, de que falava o Dante, você, minha querida amiga, bem poderia encher de alegria e de festa a vida de uma criança-homem como eu sou e sempre fui, e desejaria sel-o eternamente a seu lado, confiando-me ao seu carinho, á sua protecção, ao seu amparo.

— Eu fazel-o feliz, meu amigo, a você, um desilludido?!

— Desilludido, sim, mas das mulheres que não sabem ser a linda e sempre meiga... boneca do coração da gente — uma boneca com que se faz a vida a dois pelo resto da vida, e em cujos labios sempre se encontre o mesmo sorriso acolhedor e bom e o mesmo beijo suave e consolador.

E foi assim que eu descobri, um dia destes, um coração de boneca, da bonequinha que, hoje, faz a festa e a dança de meu coração de... criança...

POMBO-CORREIO

Maria do Céo, meu grande e puro amor — Acabo de reler, pela centesima vez—não sei bem! — a ultima carta que você me dirigiu, doce e sempre adorada Santa Therezinha das rosas do meu céo na terra.

Um perfume suave, subtil, mystico, como deve ser o das rosas que florejam no jardim de sentimento de seu coração, incensa e purifica o ambiente em que vivo, entreme à saudade de você e á sua adoração, minha santinha do... outro mundo, que desceu sobre este para me fazer feliz, para me fazer sentir e comprehender a vida em tudo que ella tem de mais nobre, mais puro, mais elevado, e, por isso mesmo, mysterioso e infinito.

E o amor, minha abençoada Maria do Céo,
l'Amor che muove il sole e l'altre stelle,
é uma prodiga e fecundante palpitação do divino nas coisas da terra. E' a revelação mesma de Deus através do sôpro quente e generoso que enche de vibração e de alegria, de esperança e de fé, de mysterio e de... eternidade a alma e o coração da gente. De eternidade, sim, Maria do Céo, porque o amor, quando intenso e profundo, sempre ultrapassa os lindes sombrios com que a morte delimita a contingencia das coisas da vida. E elle, só pela sua força, pela sua potencialidade creadora de energia e de enthusiasmo, imprime á vida uma feição de eternidade.

Nem sempre, assim, toda *bella cosa mortal passa e non dura*, como disse o altissimo poeta. Ha as que ultrapassam os limites da vida, porque divinas e infinitas nas suas manifestações.

O meu, o seu, o nosso amor, Maria do Céo, está neste numero, mesmo que você não tivesse a aureolar-lhe a fronte o véo mystico da sua santidade e a celeste corôa da sua divindade na terra.

Escute, minha querida santa.... peccadora, que diz ter orgulho de ser minha escrava, quando sabe — e bem o sente — que é mais que rainha deste seu pobre e humilde vassalo: o peccado do amor é e sempre será também eterno, eterno como a vida que elle trabalha e fecunda e faz gyrar, de continuo, em derredor de um beijo que morre para logo fazer cantar um outro. O amor é mesmo o circulo vicioso da vida, que todos nós vimos traçando e repetindo ao infinito. E, por isso mesmo, é que nossas almas são um continuo amor e um continuo adeus.

Veja: faz-se tarde e eu, que tanto tinha a dizer-lhe, quasi nada lhe disse e, como você, com as suas ultimas *Rosas de Santa Therezinha*, sou forçado a não terminar esta carta.

Será melhor assim, que ella vá sem "fim", como sem "fim" ha de ser o nosso amor.

Muita saudade, *my love, and kiss me*.... como eu também a beijo, *de tout mon coeur*, bom e consolador *amor mio* e suave *ciclo de mi corazon*.

Com essa "salada" de amor e de carinho em varias linguas, pingo o ponto no i do verbo *aimer*... com que a adoro, Maria do Céo.

GLYCIA Serrano, a linda «Miss Espirito Santo», será, hoje, dia de seu natalicio, enthusiasticamente homenageada pelas suas numerosas amiguinhas e admiradores, que cumularão de mimos e gentilezas a encantadora patricia.

SOCIEDADE

Recital de violão — Mlle. Laura Suarez, a gentil e linda "Miss Ipanema", encantou-nos, ha dias, com o prazer da sua visita pessoal a FON-FON, em companhia de uma sua amiguinha.

Se nos desvaneceu a visita, mais nos captivou o gesto de gentileza da encantadora patricia. "Miss Ipanema" vinha convidar-nos para o seu proximo recital de violão e canto, a realizar-se no dia 19 do corrente, no theatro Lyrico.

Será, assim, uma linda festa de arte e de elegancia a que "Miss Ipanema" irá proporcionar ao nosso *grand monde*, e que terá ainda uma parte intermediaria, com o concurso de varios elementos de prestigio no nosso meio artistico, intellectual e social.

FON-FON, penhorado e desvanecido com a gentileza da attenção com que o distinguiu a linda "rainha" de Ipanema, far-se-á representar no seu proximo recital.

Concerto — Está annunciado para o proximo dia 19 o concerto de despedida do joven e festejado pianista patricio Monteiro de Souza, que segue para a Europa, brevemente, a bordo do "Ruy Barbosa".

Esse magnifico festival de arte, em homenagem ao sr. presidente da Republica, que prometteu comparecer pessoalmente, realizar-se-á ás 21 horas daquelle dia, no Theatro Municipal.

Monteiro de Souza é um nome que dispensa elogios: sua technica vigorosa e segura, sua admiravel virtuosidade consagraram-no, ha muito, um dos nossos mais autorizados interpretes dos grandes mestres do piano. Seu concerto de despedida vae, assim, marcar mais um novo triumpho na sua brilhante carreira artistica.

Theatro — Margarete Slezak é a encantadora "estrella" da companhia viennense de operetas que, por estes dias, estreará nesta capital e de que é emprezario o dr. Alexandre Sonschein.

Em companhia de Roberto Mario e do tenor Harry Payer, nome largamente conhecido e festejado nos palcos europeus, Margarete Slezak visitou-nos, segunda-feira ultima, distinguindo-nos com um attencioso convite para um chá que ella offerecerá á imprensa, hoje, no Hotel Riachuelo, ás 4 1|2 da tarde.

Filha do notavel e famoso artista que é Léo Slezak, o grande tenor que, depois de Caruso, era o encanto e o orgulho do Metropolitan, em Nova York, Margarete Slezak, cujo nome, como artista vem precedido de justa fama, vae encantar com a sua privilegiada garganta a culta platéa carioca.

Intelligente, inquieta como um passaro cheio de alegria e de vida, de ansia de voar e de cantar, a linda "vedetta" da companhia viennense vae ser o *charme* da presente temporada theatral do Phenix, onde ella estreará breve, deliciando-nos com a sua arte e com o lindo sorriso que lhe aflora nos labios para... sorrir tambem no azul claro de seus olhos, numa illuminação de todo o seu ser.

Margarete acha-se deslumbrada com a nossa capital e encantada com o nosso povo, a quem, certo, muito impressionará não só a artista de merito que ella é, mas tambem a sua loira e fascinante belleza.

MLLE. Laura Suarez («Miss Ipanema»), que, no proximo dia 19, realizará um lindo recital de violão e canto, para cujo brilhantismo muito concorrerão não só os seus dotes artisticos, mas, tambem, o prestigio e o encanto da sua graça e belleza.

SORRINDO...

Vejo-te passar e sorrio para ti — feliz e orgulhoso de ti — com um sorriso feito da illuminação interior do amor que me inspiraste.

E tu passas como uma rainha, meu amor, uma rainha que vae curvando, reverente, deante de si, uma vassalagem de corações. De corações que te são indifferentes, porque só a mim tu amas.

Teu andar faz-me lembrar aquella *démarche pleine de sentiment et de grace*, de que falava Stendhal.

Vejo-te passar e sorrio, feliz e orgulhoso de ti, oh minha querida rainha, e da altura a que elevaste o meu sonho de amor e de felicidade, que se expande, alto, buscando o céo e o azul infinito da sua benção.

TREPAÇÕES

NEGOCIOS com viuvinhas nunca deram certo...

Que o diga o honrado commerciante desta praça, homem bondoso, affeito a rasgos de caridade, qual seja o de abrir a bolsa ás criaturas que perdem o principal arrimo de vida, e, chorosas, lhe batem á porta, para um soccorro urgente.

Um dia, porém, lá surge um diabinho interessante, que, em vez de lagrimas nos olhos, traz um sorriso escondido na covinha do rosto, e está tudo perdido...

Foi o que aconteceu ao nosso acatado commerciante.

A viuvinha conversou *fiado* e elle cahiu, como um patinho, no lago azul, sereno e manso, do amôr...

Passada a bonança, veiu a borrasca. E foi quando elle percebeu que estava representando, em tudo aquillo, um papel bem triste, porque a viuvinha, apezar de moça, tinha um filho barbado que estava sendo sustentado, na sombra, pelo negociante.

Depois, uma série de dias atormentados pelas r i d i c u l a s e classicas ameaças de escandalo, até as nuvens desapparecerem do horizonte...

E a historia acabou. Historia que custou alguns contos de réis, que teriam sido melhor gastos com a familia.

E vá a gente se fiar em coração de mulher...

O nosso amigo estava pachorrentamente no seu serviço, quando o telephone o chamou. Elle accorreu ao chamado.

— Allô?

— Allô!

E teve inicio a palestra. Do outro lado do fio, a voz suave de uma criaturinha lhe dava noticias de uma sua amiga e camaradinha do rapaz.

A palestra foi longa. Foi além do que deve ir uma simples noticia de amiga sobre amiga... para amigo.

Ora muito bem.

A mocinha conversou tanto com o rapaz, que ficou de telephonar depois para elle... para conversar de novo, certamente, sobre a "outra". Si telephonou, não sabemos. Mas o que é certo é que a "outra", a amiga distante, já deve estar esquecida pelos dois...

E vá a gente se fiar em coração de mulher... ou de homem...

A historia de um *bungalow* e de uns olhos côr de bronze...

Como surgiu, como findou?...

Não é possivel guardar nas dobras do mysterio essa historia que seria deliciosa si não tivesse começado bem, e acabado tão mal.

Foi no Flamengo, onde ella se offerecia aos olhos da multidão, que o abastado capitalista a encontrou.

Um sorriso, um olhar... Depois...

Uma serie de situações iguaes ás das outras, de toda a gente que encontra um "caso" na vida, e que o suppõe sempre original, differente do dos outros...

Porém, ella soube explorar as situações e tirou o maior partido do estado sentimental do cavalheiro.

Um bello dia, o tabellião foi solicitado e o *bungalow* appareceu de facto.

Foi um encanto novo, pois elle, vendo-a no seu *deshabillé* rosa, perdia a noção do tempo e das coisas, deixando-se ficar no ambiente tão grato aos seus olhos, acariciado pela luz quebrada e macia dos *abat-jours*...

Mas, não contente com o ser feliz, desejou igualmente mostrar aos amigos a sua felicidade...

O ninho foi farejado pela curiosidade dos mais intimos, e foi a perdição do abastado capitalista.

Os olhos côr de bronze encontraram outros encantos e...

Agora, o capitalista lastima, não a mulher que perdeu, mas, o cobre do *bungalow*, que não é possivel recuperar porque o negocio foi de "trouxa" com tabellião, etc. e tal...

GRAÇAS INFANTIS

CARLOS é o galante filhinho do sr. Walfrido Martins Tinoco e de sua exma. esposa, d. Guiomar Lima Tinoco. Como bom representante de seu sexo, Carlos não desdenha a doce companhia da mulher. E, porque ainda não é homem, se contenta com uma boneca...

José João e Regina Daria, filhinhos do engenheiro e jornalista dr. Alexandre Lopes Bittencourt e de sua exma. esposa, d. Aida Soares Bittencourt.

Os estudantes da Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro offereceram, no Hotel Gloria, sexta-feira penultima, um almoço aos seus collegas dos Estados e estrangeiros que vieram com as delegações medicas aos congressos commemorativos do centenario da Academia Nacional de Medicina.

COISAS

O mundo está ficando realmente engraçado.

O momento é de excessiva liberdade de costumes, desequilibrio, exageros.

Domina o mundo um deploravel estado de anarchia mental.

Por isso, assombra o movimento do clero mexicano solicitando do governo declare inconstitucional uma lei estadual permittindo que os padres se casem.

Entendem os prelados que os assumptos religiosos estão fóra da alçada dos governos. No emtanto, o Mexico não teve duvida em attendel-os.

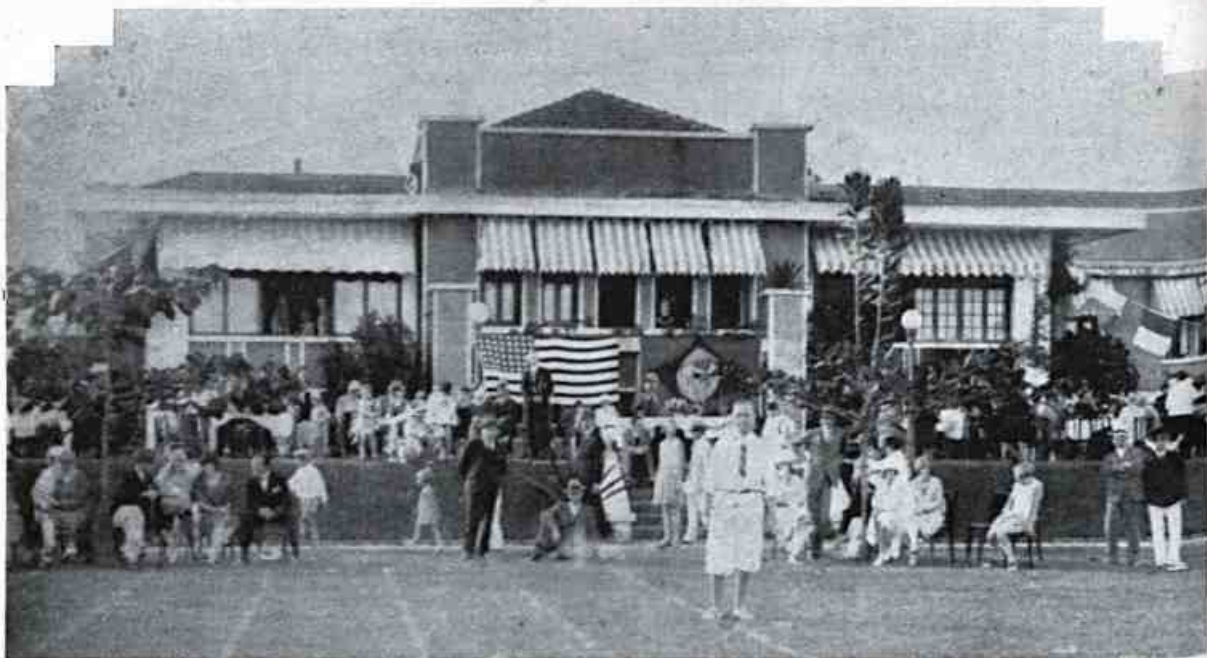
Gente de juizo, que, governada pelo conselho de S. Agostinho, está convencida de que "casar é bom, mas não casar é melhor..."

Está certo.

UMA ESPERANÇA

No quadro que apresenta uma joven abandonada por seu seductor, ha um não sei que de imponente e sagrado: são juramentos quebrados, santas confianças trahidas. E sobre os restos das mais amaveis virtudes, a innocencia chorando, duvidando de tudo, do amor de um pae a seu filho. A infeliz é ainda innocente. Póde chegar a ser uma fiel esposa, uma terna mãe. E, si o passado está coberto de nuvens, o futuro é azul como um céo puro.

Balzac.

A Sociedade Nacional de Medicina e Cirurgia promoveu, em sua séde, uma solennidade para recepção dos estudantes dos Estados e do Uruguay que se acham entre nós. Ahi está a mesa que presidiu aos trabalhos dessa sessão, vendo-se um dos oradores discursando.

A data de 4 de julho, que é a da independencia dos Estados Unidos, foi commemorada brilhantemente, nesta capital, pelos filhos da grande Republica aqui domiciliados. Na séde do Country Club, á avenida Vieira Souto, realizaram-se vários e interessantes festejos, que congregaram, póde-se dizer, toda a colonia norte-americana, numa commemoração patriotica da maior data de seu extraordinario paiz.

DE VOLTA DE GALVESTON

"Miss Brasil" está de torna viagem.

Esperam-na um mundo de decepcionados, aquelles que acreditaram poder gozar da ventura de ir ao cáes, um dia, para cobrir de flores a "Miss Universo".

Porém, a corôa de rainha da Belleza foi parar na cabeça de "Miss Austria", devo, aliás, confessar que com grande espanto meu, pois, estava convencido de que o titulo fôra creado para uso exclusivo dos Estados Unidos, que foram os inventores do concurso.

E, já que os Estados Unidos abriram mão do previlegio da Belleza feminina, vamos esperar pelas futuras surpresas de Galveston, sendo mesmo possivel que, um dia, a victoria venha sorrir a uma brasileira de olhos quentes, a uma flôr dos tropicos.

Jugadores de «base-ball» que tomaram parte no torneio sportivo realizado no Country Club, por occasião dos festejos commemorativos de 4 de Julho.

A ROBE DU RÊVE!

(Motif d'une nuit de Mai.)

— Que pouvais tu m'apporter sinon le bonheur, toi qui es bleu et or?... — C'es toi la rôbe de velours bleu de Sèvres avec broderies dorées, semée de roses... jolie comme un rêve!...

Tu m'as apporté le meilleur et le plus doux souvenir de ma vie!...

— Ma rôbe de velours bleu de Sèvres, mon amour! — Je t'ai porté dans la nuit de mai pailletée d'étoiles!... O' ma bien-aimée rôbe, tu es un morceau de mon existence, parce qu'il m'avait enlacé á l'harmonie de la musique, quand je t'ai porté dans la nuit de mai pailletée d'étoiles! — Il a danse avec moi!... Il ne m'a rien dit!... Il m'a regardé trés doucement et c'était tout pour moi!... Il m'a regardé trés doucement!...

Je n'oublierai jamais ce moment le plus merveilleux de ma jeunesse!...

Emotionés, lui et moi, nous tous deux, restions muets et seulement nos yeux parlaient!... Lui et moi, nous étions aussi heureux que des fiancés á l'aube des fiançailles!..

....

Aprés par un rien j'ai tout brisé!...

....

Aujourd'hui que tout mon bonheur est passé... que tout la splendeur de ma vie est morte, dans la boite d'argent, l'héritage de ma grande mére, te regardant, ma rôbe bleu et or, je pleure amérement la grace perdue de cet amour que le bon Dieu m'a donné et que j'ai laissé fuir... que j'ai laissé mourir par mon orgueil outré!...

Ma rôbe bleu de Sévres de la nuit de mai, pailletée d'étoiles, je t'adore dans le cher souvenir de mon grand, veritable et eternel amour!

Ma rôbe bleu et or, je pleure, je sanglote en te serrant contre mon coeur!...

Ma rôbe bleu de Sévres, souvenir eternel d'un rêve qui est mort...

DILKE DE BARBOSA RODRIGUES.

* * *

INSTANTANEOS dos jogos athleticos infantis que encheram de alacridade e alvoroço as festas americanas do Country Club, na tarde de 4 de julho corrente.

SOMBRAS CHINEZAS

Photo-film da Cidade

MELINDROSA — disseram-me — teve um chilique no dia do seu "chá" de anniversario — o mallogrado chá — que ella, a pobrezinha, arranjara á propos, afim de ver se eu, Esaú, corresponderia a essa prova de gentileza (o chá foi uma isca) com uma outra por ella ha muito esperada e desejada: um compromisso de casamento.

Os numerosos convidados da anniversariante — gente, na sua maioria, pertencente ao quadro social de Melindres e Almofadas — não souberam a que attribuir aquelle intempestivo chilique que poz em alvoroço o bungalow da bella castellã, e, passado o faniquito, fizeram-se, a respeito, commentarios de toda ordem e natureza.

Ninguem déra pela minha ausencia, brusca, rapida, antes de tomar o "chá", para mim especialmente preparado, e que deu logar á crise de... nervos da minha querida Melindre.

E foi melhor assim...

*

A desillusão que, a esta hora, deve estar tocando a finados no pequenino coração de Melindrosa, por motivo dessa mallograda tentativa de forçar um conjugo vobis commigo, enche-me tambem de tristeza e de inquietação.

Um sentimento de remorso morde-me a consciencia, afflige-me o coração.

Mas eu, si em parte, fui culpado, é que Melindre assim o quiz. Artificial, como ella é, dos pés á cabeça, pelo exterior, julguei que assim tambem o fosse... interiormente, no tocante á sua maneira de sentir, de amar, de querer bem a alguem. D'ahi o modo... artificioso por que lhe manifestei as minhas preferencias amorosas, fazendo-lhe um cerco cavilloso, num jogo de mal-me-quer, bem-me-quer, todo de brincadeira.

*

QUE culpa tenho eu, si ella tomou a coisa a sério, ella, que está habituada a tudo levar na galhofa, de pagode, fazendo da sua vida uma especie de theatro de brinquedo em sessões continuas?

Depois, hoje em dia, essa materia de casamento já passou de moda, é puro passadismo. E Melindre, cuja mentalidade é fundamentalmente futurista, certo não se lembrou que essas coisas encrencadas do passado se resolvem, modernamente, por meio de um simples contractozinho bi-lateral, por um, por dois, por tres annos, e que as partes interessadas renovarão, sempre que quizerem, indefinidamente — si se deram bem com a experiencia, está visto.

O joven e talentoso jornalista cearense Clodoveu Cavalcante, redactor do nosso brilhante collega de Fortaleza «O Ceará», e presidente do «Grêmio Litero-Social Gustavo Barroso». Clodoveu Cavalcante é um dos exemplos vivos da intelligencia e da cultura da juventude intellectual da Terra da Luz.

O dr. Pindmo de Castro Faria, que é um nome vastamente conhecido e admirado nas rodas médicas desta cidade. Estudioso, affeiçoado aos problemas do ensino, o joven clinico brevemente publicará uma these intitulada «A Instrucção Publica e Profissional no Districto Federal», que está sendo esperada com interesse pelos que se dedicam aos estudos pedagogicos.

* * *

*

Eu porém, que já passei pelas forcas claudinas do casamento... perpetuo — a maior tortura que poderá soffrer um pobre mortal no "inferno" deste mundo — certo não iria tentar de novo a experiencia.

Um contractozinho, por um ou dois annos, da primeira pancada, vá, acceito de tout mon coeur, mesmo porque sinto que ainda tenho alma para tolerar uma mulher por aquelle espaço de tempo.

E já não é pouco!...

Esaú & Jacob

OS «footballers» hungaros do «team» do Ferencvaros F. C. jogaram, em S. Paulo, com um combinado paulista, no Parque Antarctica, e demonstraram a sua technica perante milhares de pessoas que enchiam as archibancadas daquelle campo. As nossas photographias mostram um aspecto da assistencia a esse «match» e o quadro hungaro, após o encontro.

GOTTAS ESPIRITUAES

A felicidade é como o éco: responde-nos; porém não vem.
Carmen Sylvia.

O tempo é um grande remedio tanto para as dôres como para a maledicencia.
Si o mundo condemna nossas idéas ou nossos Retos, só podemos fazer uma cousa: perseverar.
O tempo passa, o thema se gasta, e os maldizentes o abandonam em busca de outros novos.
Leopardi.

O corpo do senador Rosa e Silva seguiu, embalsamado, para Pernambuco, Estado natal do illustre politico recentemente fallecido nesta capital. A cerimonia da trasladação do esquife para bordo do navio «Itaquicê», sabbado pela manhã, revestiu-se de grande solennidade, em virtude de terem sido prestadas, por decreto do governo, honras de chefe de Estado áquelle saudoso parlamentar, que fôra presidente da Republica durante alguns dias. Assim, formaram, por occasião do embarque dos despojos do senador pernambucano, alguns contingentes do Exercito, que prestaram as continencias protocolares ao eminente morto. Um longo cortejo de automoveis, conduzindo as altas autoridades, membros do corpo diplomatico, politicos e pessoas gradas, acompanhou o corpo do senador Rosa e Silva até o armazem 13, do cáes do porto, onde se achava atracado o «Itaquicê».

REVERBEROS

Já ha muito que se tornou sediço falar-se do cosmopolitismo de S. Paulo.

Em compensação, esse cosmopolitismo augmenta, augmenta sempre.

No principio, quando se começou a imaginar a volta ao mundo, girando apenas pelas ruas tortuosas e mal calçadas da capital paulista, perambulavam por ellas, apenas, o italiano e mais o turco — que ainda se obstina em dizer-se syrio — sem contar o portuguez, que é considerado prata da casa. E o forasteiro não se negava o gozo de esticar as orelhas curiosas para o Braz, na esperança de surprehender um bem "palestrino" — "Uê! Beppino!" — ou de relancear os olhos pela baixada da rua 25 de Março, procurando vêr como é que o turco arrasta para a sua "bagunça" de pentes e abotoaduras o freguez arredio.

Hoje são outros povos, da mais diversa e estranha psychologia, que formam os "bairros" da cosmopolita capital.

Já não falemos das raças, tão nossas conhecidas, que trouxeram a S. Paulo retalhos de Vienna e de Hamburgo, nos seus aspectos mais caracteristicos, que são os "bars" e os "knipes", onde se bebe á farta o "chopp" bem paulistano, com mulheres muito louras e saudaveis, sem brigas nem ciumadas.

Outras, muitas outras coisas interessantes se podem observar na grande capital: o bairro judeu, o bairro japonez, o bairro cigano...

Quem não se boquiabrirá deante dos festejos religiosos, de fartas comezainas dum fallecimento japonez?

E naquella modesta synagoga, cuja porta se enche dos calçados dos medrosos fieis que vão cumprimentar a sua divindade, de chapéo na cabeça?

E as festas?

Oh! a esquisita alegria dos húngaros! a triste e cerimoniosa alegria dos nipponicos! a ruidosa alegria

allemã! a alegria franca dos italianos! a simples alegria portugueza...

Foi na noite de São João que os portuguezes de S. Paulo balizaram uma das suas festas mais grandiosas entre nós. Grandes e pequenos, ricos e pobres, em numero que ascendia a muitos milhares, se reuniram num immenso campo de "sports," para beber o bom vinho e morder a bôa castanha, emquanto se desfazia nos ares o fôgo de artificio que illuminava a alma daquella gente simples e amavel.

Guitarras, fados e danças regionaes.

Dá adeante, perto duma barraca de comezainas, um bigodudo lusitano, emquanto offerecia a uma patricia gentil um raminho não sei de que, dedilhava a guitarra e soletrava bem baixinho:

"Alcachofra e mangerico
São plantas de estimação,
Que se dão a quem nos ama,
Na noite de S. João..."

E a patricia gentil abaixava os olhos, de vergonha...

As altas autoridades e outras pessoas gradas, bem como membros da familia Rosa e Silva, que assistiram á trasladação dos despojos mortaes do senador pernambucano para o «Itaquicê». Em baixo, a urna funeraria quando era conduzida para bordo.

COISAS

De alguns annos a esta parte, quasi semanalmente, leio nos telegrammas procedentes de Lisboa, esta noticia consternadora: «O sr. Antonio José de Almeida peorou consideravelmente, esperando-se o desenlace fatal a cada momento.»

A principio invadia-me um grande pezar, e eu aguardava a acabrunhadora morte do notavel tribuno portuguez.

Depois, comecei até a achar graça, pois me capacitei de que o ex-presidente de Portugal tem uma saude de ferro, e que, na falta de noticias de sensação, como por exemplo uma «rebelliãozinha» de sargentos, as agencias telegraphicas soffriam a deficiencia do noticiario, occupando-se da molestia do illustre politico.

Porém, os telegrammas alarmantes não cessam, e Antonio José de Almeida teima em não morrer, no que faz muito bem.

Mas, tal influencia exerce o telegrapho no animo de muita gente, que ha quem tenha a impressão de que Antonio José de Almeida já morreu varias vezes...

Que raio!

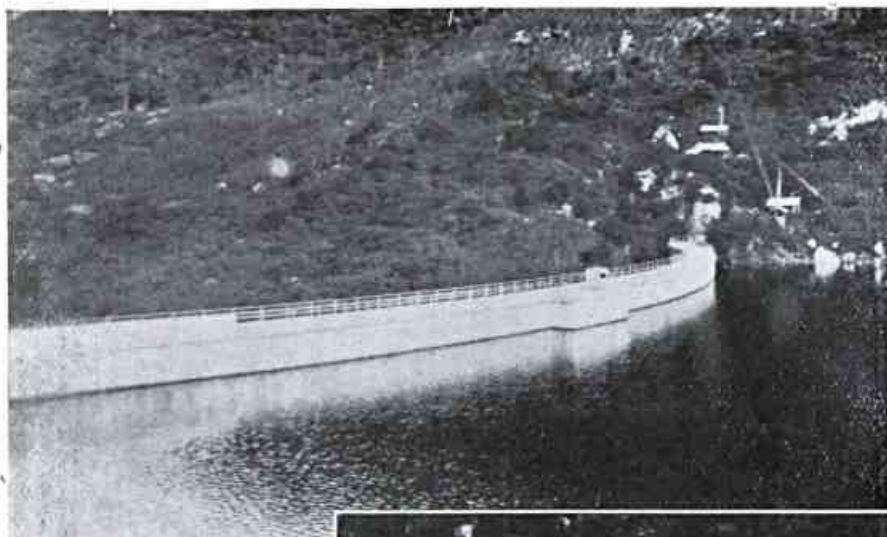
lho, digno vice-presidente do Estado do Ceará, quando, em companhia do nosso companheiro Gustavo Barroso, visitou aquelle reservatorio, em dias de maio ultimo.

GOTTAS ESPIRITUAES

No amor, olhar de perto é inutil. Só se vê bem o que já passou.

A amor é o dono do mundo, mas o escraviza demasiado.

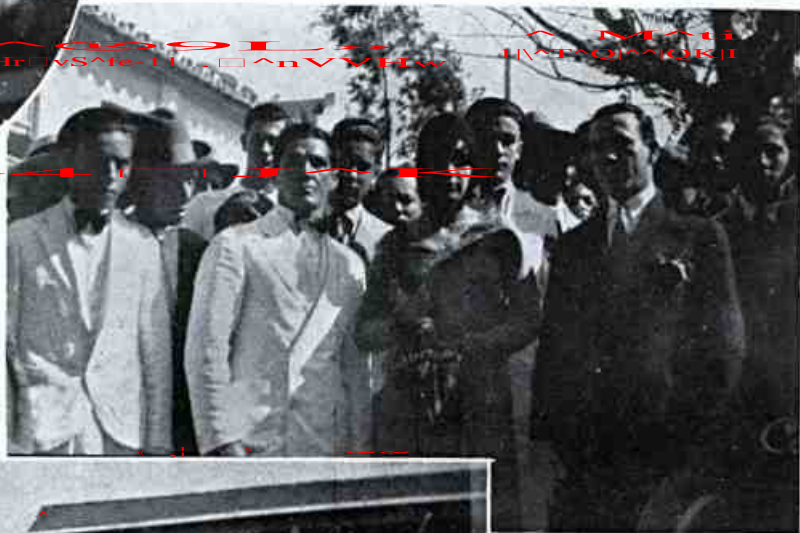
No amor, sempre ha um que quer e outro que se deixa querer.

Leopardi.

O AÇUDE DO ACARAPE

No meio duma linda paizagem serrana do Ceará se estende a bellissima «cama de agua» do açude de Acarape do Meio, farto reservatorio que fornece o precioso liquido, depois de hygienizado pelos methodos mais modernos, á cidade de Fortaleza. As installações do serviço de aguas da capital cearense, a cargo do provecto engenheiro dr. Borges de Barros, são as mais modernas e aperfeiçoadas possiveis, podendo ser consideradas como das melhores actualmente existentes no Brasil. As photographias do açude do Acarape que illustram esta pagina foram tiradas pessoalmente pelo illustre sr. dr. Demosthenes de Carva-

O Asylo S. Luis para a Velhice Desamparada commemorou, a 4 do corrente, o 25.º anniversario de sua fundação. Por esse motivo realizou-se, na capella do benemerito estabelecimento, uma missa em acção de graças, que teve a presença de algumas figuras de destaque em nosso meio.

«MISS FLUMINENSE» EM CAMPOS

«Miss Fluminense» (Mlle. Marietta Relvas) acaba de realizar uma viagem triumphal á cidade de Campos, onde foi recebida com enthusiasmo pela população local. «Miss Fluminense» teve opportunidade de fazer varias visitas, sendo em todas ellas muito homenageada. Ahi apparece ella ao lado de «Miss Campos», ao desembarcar naquella cidade, e no campo do Americano F. C., onde se realizou um jogo em sua homenagem, entre os teams do Lyceu F. C. e do Instituto Commercial, que tambem se vêem nesta pagina. O vencedor — o team do Instituto Commercial — conquistou a taça «Miss Fluminense», offerecida pelo major Euclydes Maciel, e que está reproduzida numa das nossas photographias.

MILONGUITA

Ella aproximou-se de mim, e, com choros na voz, falou-me assim:

— Amei! Acreditei que o amôr existe!... E o cruel, vendo-me apaixonada, zombou de mim... Hoje, busco em vão o esquecimento... E, sem encontrar allivio, soffro... Que farei para ser feliz?...

Havia nos seus olhos grandes e pestanudos a ansia insoffrivel duma infinita desolação...

Era um consolo, o que ella me pedia assim...

Falei-lhe, então:

— Ama! Beija! Porque só beijando e amando é que se esquece a primeira desillusão de amôr!...

E ella, fitando-me com doçura, sorriu, e offereceu-me os labios para um beijo...

Mucio.

O industrial sr. Irving Sandbank, director da Auto-Strop Razor Company of Brazil, por occasião de seu desembarque nesta capital, a 4 do corrente. O sr. Sandbank, que volta dos Estados Unidos, apparece, ahi, cercado de amigos, que o foram cumprimentar pelo seu regresso.

O BILHETE DE LOTERIA

Uma criatura residente na Paulicéa teve a feliz idéa de comprar um bilhete da loteria de São João, e tirou cem contos.

A agencia que lhe vendeu o bilhete premiado fez constar, de um annuncio, este aviso tentador ás suas companheiras de profissão: "Essa senhora, de simples "cozinheira" que é, verá assim realizados os seus sonhos, passando agora a ser "patrôa".

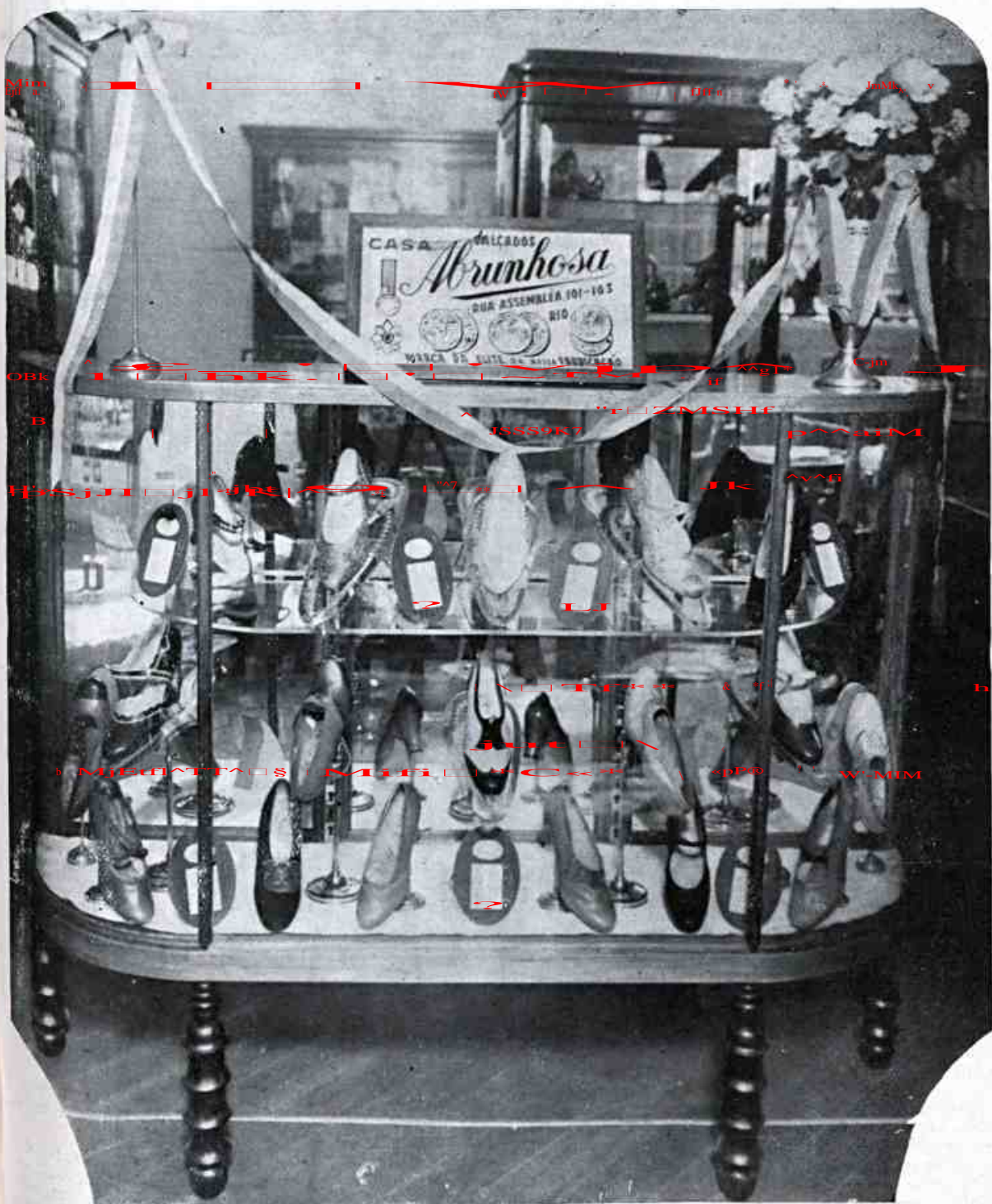
Perfido modo de annunciar tão grande acontecimento...

Si as "simples cozinheiras" já são raras; si em nossas casas já pensam que são "patroas", imaginem os meus amigos o que vae acontecer si ellas apanharem o habito de comprar bilhetes premiados...

Perverso annunciante!

O COMMERCIO ELEGANTE DO RIO

Aspecto da inauguração da «Floricultura do Rio», que a firma A. Fadigas acaba de montar, com luxo e conforto, á rua Gonçalves Dias, n.º 16, sob a direcção technica e artistica de Ricardo Heuseler.

A CASA ABRUNHOSA NA FEIRA DE AMOSTRAS

O artistico e bem organizado "stand" da Casa Abrunhosa, na Feira de Amostras, chama a attenção dos visitantes do grande certamen da industria nacional, pelo luxo, pela bôa confecção, e pelo fino material empregado e elegancia e bom gosto dos modelos de calçados para homens, senhoras e crianças alli expostos.

O que ha, no genero, de mais perfeito e artistico na industria nacional de calçados, o importante e conceituado estabelecimento da rua da Assembléa expôz no seu lindo "stand" — um mostruario rico e completo da ultima moda em artigo de calçados de luxo e bom gosto, em typos varios.

O "stand" da Casa Abrunhosa vem sendo, assim, um dos "clous" da magnífica exposição nacional do antigo Palacio das Festas, e onde a grande maioria dos milhares de visitantes que, diariamente, alli apparecem, attrahida pela belleza daquelle mostruario, pára, para vêr e admirar os finos e ricos calçados expostos.

A Locomotiva Tragica

Por H. HUDSON

DYONISIO Averlé não teria podido explicar a razão por que detivera o mensageiro do telegrapho á porta do collegio de Frailseur.

— Para quem é? — perguntou.

— Averlé, — respondeu o rapaz.

Com o coração aos saltos, quasi a suffocal-o, Averlé abriu o telegramma. Um rapido olhar bastou-lhe para inteirar-se do seu conteúdo, e uma exclamação brotou-lhe dos labios.

O telegramma era assignado por sua irmã e dizia o seguinte:

"Mamãe muito mal. Vem immediatamente. — Germana."

— Se vae responder, posso levar a resposta, — disse o mensageiro.

— Não, obrigado... Isto é, espera.

Consultou o relogio: eram 3 e 24 minutos; ás 3 e 29 sahia um trem da estação de Frailseur que lhe permittiria alcançar em Orleans o trem expresso para Paris. Em duas horas poderia achar-se em casa. Se não, teria que aguardar o nocturno e chegaria apenas na manhã seguinte.

— Empresta-me a tua bicycleta, — falou ao mensageiro — e vae buscal-a á estação. Dou-te dez francos.

O rapaz acceitou a apressada proposta, tanto mais que conhecia Averlé, e este partiu a toda velocidade.

Nada mais via, em nada mais pensava do que numa unica cousa: sua mãe moribunda chamava-o e talvez não chegasse a encontral-a com vida...

Ao passar pela aldeia rapidamente, seguiu-o um côro de maldições e de injurias; não as ouviu, porém.

A estação já se encontrava á vista; o trem que deveria tomar, silvava á sahida do tunnel, a menos de um kilometro.

— Não terei tempo de comprar passagem — pensou Dyonisio; — mas não importa.

Naquelle momento, outro cyclista que vinha por uma rua transversal precipitou-se sobre elle. Houve um estrepito de ferros quebrados, e quando Averlé pôde dar-se conta do occorrido foi para vêr que o trem se afastava em meio de nuvens de fumo. Sem saber o que fazia, correu até á plataforma, como se quizesse alcançar o comboio, e ali permaneceu, como hypnotizado, olhando os trilhos brilhantes da estrada.

O chefe da estação, que se encontrava proximo, perguntou-lhe:

— O senhor está louco?... Para onde vae — Queria — respondeu Averlé — tomar o expresso de Orleans para alcançar ali o trem correio de Paris.

— E que quer que se faça? Supponho que não quererá que lhe ponham um trem especial — acrescentou ironicamente o chefe, olhando o traje cheio de pó de seu interlocutor. — E saia dahi, porque é prohibido estacionar-se perto das vias ferreas.

Emquanto o chefe falava, os olhos de Dyonisio estavam fixos numa locomotiva parada junto do deposito de machinas. Tinha dois *tenders* e parecia prompta para partir.

— Se eu pudesse chegar com esta machina até Orleans! — pensou Averlé com desespero.

O chefe voltára ao seu escriptorio e Dyonisio ia afastar-se quando sentiu que uma mão pousava sobre o seu hombro.

Um homem estranhamente pallido, de cabellos negros e olhos penetrantes, acabava de saltar a grade que separava a estação da estrada e estava a seu lado.

— Quer o senhor ir a Orleans? — perguntou o desconhecido em voz baixa.

— Sim — respondeu Averlé um pouco surprehendido; — mas vejo que é impossivel.

— Mentiram-lhe. Siga-me e prometto-lhe que chegaremos a tempo.

— Quem é o senhor?

— Saberá dentro pouco; agora é ocioso fazer perguntas.

Dirigiu-se á locomotiva cuja plataforma estava deserta e ordenou:

— Suba depressa!

Dyonisio vacillou um segundo. Iria correr algum perigo?... Mas viu logo a mãe enferma, estendendo-lhe os braços...

Lançou-se resolutamente atrás do homem que com mão agil manejava já as alavancas. Era, evidentemente, do officio. Segundos depois a machina deslisava serenamente sobre os trilhos.

Gritos e exclamações que chegavam da estação provaram a Averlé que a fuga da locomotiva tinha sido descoberta.

Inclinou-se para fóra do carro e viu os empregados na *gare*, fazendo grandes gestos, emquanto que, correndo pela via-ferrea, dois homens, com o uniforme da estrada, pareciam ter enlouquecido de repente.

Ao vêl-os, um uivo abafado, que nada tinha de humano, escapou-se da garganta do companheiro de Dyonisio. Este voltou-se e ficou petrificado.

Com a bocca cheia de espuma, o mecanico acabava de saltar sobre o *tender*, em meio do carvão e sapateava como um possesso.

— Alcancem-me agora, se puderem! — gritou com voz aguda — Alcancem Santiago Massis, o mecanico!... Agora não me prenderão mais!... Irei com a minha locomotiva onde bem quizer.

Dyonisio comprehendeu então a horrivel verdade; estava em face de um louco naquella locomotiva!

Espantado á idéa da impossibilidade de qualquer resolução e das catastrophes que se poderiam produzir, o joven precipitou-se para as alavancas com o fim de dar sahida ao vapor.

Mas o louco atirou-se sobre elle com tal furia, que Dynisio cahiu dando-se começo, então, a uma lucta sobre o assoalho quente da plataforma.

Ainda que de força pouco commum, Averlé sentia-se impotente sob o punho de ferro que lhe apertava a garganta.

E seguramente teria sido estrangulado, se o louco não notasse que a machina ia parando aos poucos. O antigo mecanico deixou sua victima e começou a deitar pás de carvão na machina com uma rapidez prodigiosa.

Magoado, esgottado pela lucta, Averlé levantou-se, procurando um meio de escapar-se do horrivel pesadelo. Talvez, com perigo de vida, viesse a saltar da locomotiva em marcha se o pensamento do que ia occorrer com aquella machina nas mãos de um louco não o detivesse. Poderia, talvez, fazer signaes, dar gritos de alarma para pedir soccorro. Mas parecia ter olvidado a existencia do companheiro e seus olhos não se apartavam do manimetro. De vez em quando deixava escapar dos labios um murmurio incoherente e punha-se a rir.

— Mais depressa!... Mais depressa! — dizia o mecanico. — Que diabo tem esta machina que não avança? Não chegaremos ahi nunca. Lança mais carvão, meu camarada; dentro de alguns momentos teremos que subir por um terreno muito empinado.

Era evidente que já não se recordava da lucta que sustentára com Averlé. Comprehendendo este que o melhor a fazer era obedecel-o, começou a encher de carvão o forno. Mas como nunca tivesse feito cousa semelhante, Dyonisio

trabalhava lentamente, de maneira que, em logar de augmentar o calor e, por conseguinte, a producção de vapor, produzia-se a perda deste e a locomotiva ia diminuindo a marcha.

Massis franziu a testa.

— Não posso comprehender isto — disse; — é a primeira vez que a Rainha do Sul caminha desse modo.

E em sua loucura não notava que devia attribuir aquelle estado de cousas á inexperiencia do ajudante.

— Ah!... Já sei em que consiste a demora — exclamou o louco. — Vou soltar um dos tenders e então verá o que póde fazer a maravilhosa guiada por um homem como eu.

Começou a trepar pelas pilhas de carvão do *tender* e desappareceu.

Meio minuto mais tarde, Dyoniso comprehendeu que obtivera exito em sua tentativa, porque a machina, depois de um arranco, punha-se a andar mais depressa e, inclinando-se, viu Averlé que o *tender* voltava estrada abaixo.

Correu Dyonisio então para a torneira do vapor, procurando, pela ultima vez, fazer parar a machina, mas o louco, astuto como todos os seus semelhantes, apertára-a de tal modo que foi impossivel ao joven abril-a.

A Locomotiva Tragica

(Conclusão)

Desesperado, voltou-se no momento em que o riso do mecanico explodia agudo e a sua cabeça apparecia por entre os montes de carvão. Era preciso, a todo custo, impedir que Massis se approximasse da direcção da machina.

Dyonisio abaixou-se, apanhou a pá e ameaçou o louco. Este, grunhindo como uma féra, procurou subir para o tender, mas Averlé, com uma forte pancada, fel-o cahir sobre os trilhos.

Ao longe, descobriu um grande poste de signaes e uma via-ferrea que vinha unir-se com a que seguia a locomotiva. Chegava, sem duvida, a um entroncamento de linhas. Ao passar, teve a visão de uma casinhola de guarda-chaves, em cujas janellas assomaram dois homens que gritavam e gesticulavam.

Alarmado, o joven inclinou-se, e acreditou morrer de aspanto. Em frente delle, sobre a mesma linha, corria um expresso. A catastrophe estava imminente! Arrojou-se sobre os freios, procurando fazel-os manobrar e, de repente, alguma cousa cedeu; um prego que Massis puzera entre as alavancas. Apoiou-se sobre uma dellas quasi chorando de angustia, para vêr se podia impedir a collisão. Sentiu um salto brusco e fechou os olhos...

Como nenhum choque se produzisse, tornou a abril-os. A machina continuava sua marcha ociosa, e o expresso acabava de passar a seu lado na outra linha. Os signaleiros conseguiram desviar a locomotiva para uns trilhos que conduziam ao deposito.

Disto soube elle naturalmente mais tarde, naquelle instante sentiu um choque terrivel; foi levantado nos ares, mergulhando depois nas trévas da inconsciencia.

A machina, tendo tropeçado num obstaculo, acabava de tombar.

Quando Averlé recobrou os sentidos, encontrava-se numa maca, cercado dos empregados e dos passageiros do expresso, que se apressavam em pedir detalhes sobre a terrivel aventura.

Averlé relatou-a minuciosamente, arrancando sua narração exclamações de espanto. Um mez levou a curar-se dos ferimentos, internado no hospital de Orleans. O estado de sua mãe melhorára felizmente. Emquanto ao louco fracturára apenas uma perna ao cahir, e foi conduzido novamente para o hospicio de Frailseur.

Perfumaria Lopes

O MAIOR E MAIS ELEGANTE SORTIMENTO DE PERFUMARIAS E OBJECTOS PARA PRESENTES

AVENIDA RIO BRANCO, 134

RUA URUGUAYANA, 44 — P. TIRADENTES, 34-36-38

LLOYD BRASILEIRO

SERVIÇO DE PASSAGEIROS

PROXIMAS SAHIDAS DO RIO DE JANEIRO

EUROPA

Raul Soares	15 Julho
Ruy Barbosa	30 Julho
Cant. Guimarães	15 Agosto
Alte. Alexandrino	30 Agosto
Cuyabá	15 Setemb.
Bagé	30 Setemb.
Raul Soares	15 Outub.
Ruy Barbosa	30 Outub.
Cant. Guimarães	15 Novemb.
Alte. Alexandrino	30 Novemb.
Cuyabá	15 Dezemb.
Bagé	30 Dezemb.
Raul Soares	15 Janeiro
Ruy Barbosa	30 Janeiro

NORTE

LINHA RIO - BELEM

João Alfredo	19 Julho
Cte. Ripper	26 Julho
Pará	2 Agosto
Manáos	9 Agosto
Pedro I	16 Agosto
Alte. Jaceguay	23 Agosto
Cte. Ripper	30 Agosto
Pará	6 Setem.
João Alfredo	13 Setem.
Pedro I	20 Setem.
Alte. Jaceguay	27 Setem.

LINHA MANAOS-MONTEVIDEO

Campos Salles	25 Julho
Affonso Penna	10 Agosto
Rodrigues Alves	25 Agosto
Duque de Caxias	10 Setem.
Baependy	25 Setem.

LINHA RIO - RECIFE

Cte. Vasconcellos	30 Julho
Cte. Vasconcellos	30 Agosto
Cte. Vasconcellos	30 Setem.

SUL

LINHA RIO - PORTO ALEGRE

Cte. Capella	18 Julho
Cte. Alvim	25 Julho
Cte. Alcidio	1 Agosto
Cte. Capella	8 Agosto
Cte. Alvim	15 Agosto
Cte. Alcidio	22 Agosto
Cte. Capella	29 Agosto
Cte. Alvim	4 Setem.
Cte. Alcidio	11 Setem.
Cte. Capella	18 Setem.
Cte. Alvim	25 Setem.

LINHA MANAOS-MONTEVIDEO

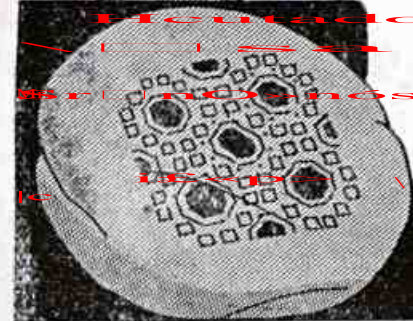
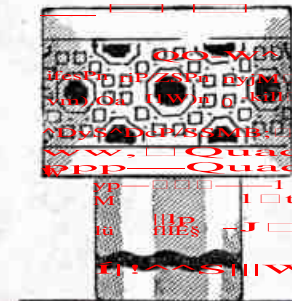
Alte. Jaceguay	26 Julho
Duque de Caxias	11 Agosto
Baependy	26 Agosto
Campos Salles	11 Setem.
Affonso Penna	26 Setem.

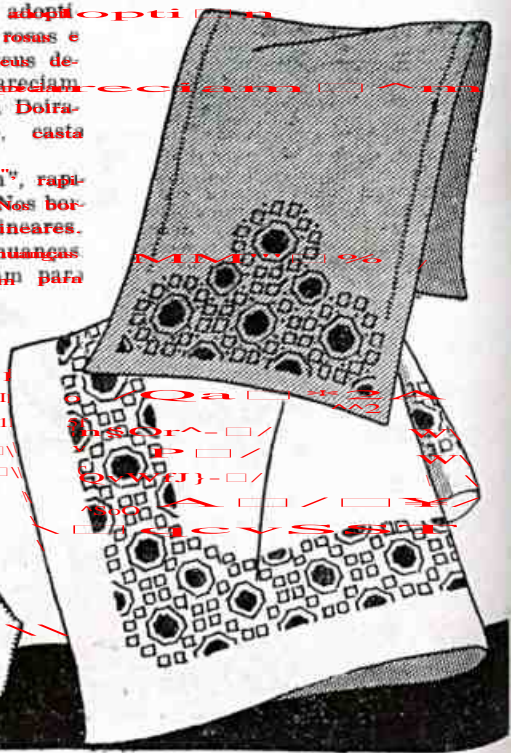
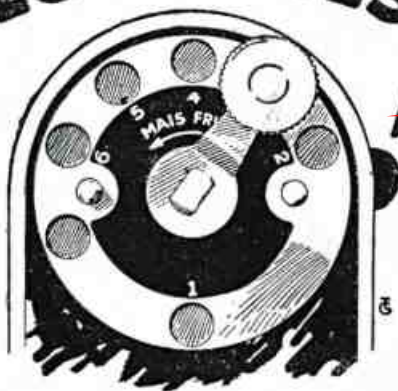
LINHA RIO - LAGUNA

Asp. Nascimento	15 Julho
Asp. Nascimento	30 Julho
Asp. Nascimento	15 Agosto
Asp. Nascimento	30 Agosto
Asp. Nascimento	15 Setem.
Asp Nascimento	30 Setem.

VARINHA DE CONDÃO

Bordados Modernos

POIS que a época é dos cubismos e das simplificações, façamos tambem em nossos bordados, figuras geometricas, singelas, resolutas... Como vae longe o tempo do suave Angéle, do romance "O sonho" de Zola!... Na pequena casa de seus paes adoptivos, á sombra da velha e maravilhosa cathedral, ella bordava rosas e lirios para vestes sacerdotaes; e as flores que surgiam de seus dedos alvos e pacientes, eram tão divinamente nuançadas que pareciam viver... dir-se-iam fugidas das illuminuras preciosas da Lenda Doirada, a leitura predilecta de Angéle, casta e ardente sonhadora.

Hoje não: passos de "charleston", rapidez em tudo... vive-se muito e mal. Nos bordados, côres decididas, desenhos lineares. Não ha tempo nem paciencia para nuanças. Quadrados e octogonos se juntam para formar uma barra muito decorativa, como se vê na fig. acima.

A execução é simples: os hexagonos são de fazenda applicada e cercada por pontos de cadeia ou de festão executados com linha grossa de côr viva; com o mesmo tom fazem-se os nós. Os quadrados são de ponto de bordado

Se tiverdes somente alimentos a guardar na vossa FRIGIDAIRE bastará deixal-a manter automaticamente a temperatura constante de 7º necessaria á boa conservação daquelles.

Augmentando o calor dia a dia, cada vez é mais importante o consumo de gelo. Tudo deve ser gelado, bem gelado! FRIGIDAIRE mais accelerada dará não somente gelo mas tambem sorvetes á vontade.

Principiando o calor quereis bebidas frias e pratos tambem mais frios? Movei simplesmente para 2 o Accelerador.

Os minutos são contados por que recebeis visitas inesperadas ou voltaes a casa com amigos. E preciso que a vossa FRIGIDAIRE prepare muito depressa gelo e sorvetes. Mais um ponco de Acceleração e tereis rapidamente tudo isso.

Quereis ter gelo sempre prompto nas gavetinhas da vossa FRIGIDAIRE para bebidas, refrescos, sobremezas geladas etc.? Mais um ponto de acceleração, nada mais simples.

Doença? E preciso dia e noite muito gelo. Confiae em FRIGIDAIRE levando o ponteiro até o ultimo. O seu poderoso machinismo trabalhará em plena potencia. Tende confiança, FRIGIDAIRE é um servidor fiel e nunca falta.

Frigidaire

GELADEIRA ELECTRICA AUTOMATICA

COM

"Accelerador de Frio"

SOC. AN. BRASILEIRA ESTOS

MESTRE E BLATGÉ

RUA DO PASSEIO, 48/54 — RIO DE JANEIRO

VARINHA DE CONDÃO

(Conclusão)

cheio em tom opposto ao escolhido para os hexagonos e os nós.

Com esse bordado orna-se um "abat-jour", um centro de almofada, um panninho para bandeja, uma toalha ou um trilho de mesa, como se póde vêr na segunda fig. da pagina anterior.

Conjuncto para a rua. — Florence Walton, eximia figurinista, acaba de traçar um novo modelo elegantissimo de conjuncto para a rua que é sem mais nem menos, o seguinte: o chapéo, que deve ser de lebre negra, e bem recortado na testa e entrando muito sobre as orelhas. No alto da cabeça tem uma série de pregas irregulares e frouxas que descem até á nuca e são presas sobre o lado por um bonito passador de "strass", do qual se escapa um chuveiro de cordões de seda negra, dobrados em alças de tamanhos variados, como uma borla mal acabada. A bolsa é de antilope negro, com um bolso externo para o lencinho perfumado, e um vistoso monogramma de prata.

Chapéo e bolsa irão á mil maravilhas com uma blusa em sêda estampada, com as seguintes caracteristicas: collarinho "sport" com gravata de seda preta e cinto de verniz na mesma côr, e, a completal-a, um costume leve, de crêpe setim ou de "drap" setim negro.

CINDERELLA.

Concurso Sabonete EUCALOL

(Menção Honrosa)

Jamais se occulta a verdade
Mais clara que a luz do sól,
O sonho da mocidade
E' o sabonete **EUCALOL**

Genenino Magalhães

Itua... (Illegivel) — *Rio*

Nos Cinemas da Avenida

Cotações: OPTIMO — MUITO BOM — BOM — SOFFRIVEL — MÁO — E... DETESTAVEL

FE'RAS E PAIXÕES HUMANAS

DA UFA

Cinema RIALTO — Um film emocionante, de admiraveis situações dramaticas, dirigidas pelo artista Harry Piel, e que póde ser considerado como um dos melhores trabalhos que nos têm enviado os "studios" allemães. Por vezes, certos "trucs" são demasiado crus, e fazem sorrir. Mas o enredo é conduzido com tal rapidez e emoção, que não nos deixa tempo para reflectir. A par da direcção e da interpretação, é bôa a technica, d'aquella justeza e realismo a que já estamos habituados em trabalhos germanicos. E' uma pellicula que marca, e que deve fazer uma excellente carreira.

Cotação — BOM

LAGRIMAS DE MÃE

DA COLUMBIA

Cinema CENTRAL — Suprema e admiravel "cacetada". Dramalhão com todos os matadores e ainda por cima com uma interpretação que se não impõe como digna absolutamente de applausos. Emfim, como está no Central, onde o publico accorre para ver uns equilibristas mediocres e uma cantoras desafinadas, a "cousa" não chocou a attenção publica. Se seguir para os cinemas de suburbios pertencentes á mesma empresa, vae haver muito protesto nesses "salões" pulguentos. Emfim, estamos em presença d'um film que fracamente se recommenda apenas pela direcção. A interpretação, não é mais que soffrivel, como soffrivel é apenas, a parte technica.

Cotação — BOM

LIÇÕES DE AMOR

DA TIFFANY-STAHL — (*Programma Serrador*)

Cinema GLORIA — Patsy Ruth Miller, com a sua figurinha graciosa, é um encanto de mu...

COMO SE PODE MODIFICAR A EPIDERME DE UMA MULHER

(Do "Feminine World")

O meio mais rapido e seguro de mudar uma cutis má, por uma bôa, é extinguir materialmente o véo velho e descolorido da parte externa do rosto, o que póde ser feito segura e previamente por qualquer mulher.

O tratamento é um só, que consiste numa suave absorpção.

Compre um pouco de cera pure mercolized em inglez pure mercolized wax na loja de seu pharmaceutico e applique-o ao rosto antes de deitar-se, como si fôra cold cream, e lave-se pela manhã. Em poucos dias a "mercolide" que se encontra na cêra transformará a parte desfigurada do rosto, mostrando a cutis fresca que ha em baixo. Conseguirá assim uma cutis clara, formosa e natural.

Esse tratamento é agradavel, não prejudica e torna o rosto brilhante, attractivo e joven. Retira efficazmente manchas, sardas, etc. Todas as mulheres devem ter sempre em mão um pouco de pure mercolized wax pois esse remedio caseiro tão suave, é o melhor restaurador e o conservador que se conhece para a cutis.

COMO CONSERVAR O CABELLO EM BOM ESTADO

Não importa que o seu cabello seja ruivo, negro, castanho ou de côr vermelha. Se quereis conserval-o abundante, brilhante e em bôas condições geraes, deveis cuidal-o continuadamente. Muitas senhoritas descuidam por completo o seu cabello, crendo que mesmo assim elle sempre parecerá bem. Isto é absurdo. Vou dizer-lhes como eu trato o meu cabello: Antes de tudo, não deixo de escoval-o nem uma noite, por mais cansada que me sinta. Depois, cada duas semanas, lavo-o bem, usando para esse fim uma colherada de stallax granulado dissolvido em agua quente, enxugando-o bem, depois, e seccando-o com toalhas quentes. O resultado é simplesmente maravilhoso.

AOS CINEMAS DA AVENIDA — (Continuação)

lher nos films amorosos. O que ninguem sabia é que ella fôsse capaz de crear, com espirito e verdade, um encantador typo comico, como é o que se admira n'esta pellicula. Melhor dito, o typo desdobra-se, dando-nos contraste encantador. E' um film que não tem surpresas. Mas é lindo, cousa que, n'esta loucura que anda pelos "studios", não é vulgar. Já são raros estes films... que são films, tanta é a preoccupação geral de "tapear" o publico. Ao encerrar-se na ultima scena esta bôa pellicula da Tiffany, sahimos satisfeitos do salão, convencidos que ainda ha films-films.

Cotação — SOFFRIVEL

VIAGEM DE REPOUSO

DA UNIVERSAL

Cinema PATHE' — Reginald Denny é sempre um artista que nos dá uma hora de bom humor. A sua veia comica é incontestavel e, em geral, os enredos que lhe entregam não são máos. Este, passado a bordo, na sua maior parte, recorda outras pelliculas anteriores com o mesmo ambiente. Isto não diminue o merito do scenarista que foi felicissimo em certas situações. A fita, como todas as do apreciado galã comico, vive e impõe-se pela interpretação. Reginald é acompanhado por dois excellentes artistas: Otis Harlan e Lucien Littlefield. A parte feminina, cuja principal figura é interpretada por Olive Hasbrouck, é muito mais fraca. A direcção, bem conduzida, e a photographia, excellente. Seria injustiça diminuir a cotação d'esta pellicula que em si é bôa. O que conviria, no emtanto, era arranjar scenarios mais originaes.

Cotação — BOM

MULHER ENIGMA

DA FOX

Cinema PATHE'-PALACE — Podia ser um sonho; mas era uma realidade. No "écran", deante d'um publico numeroso, projectava-se a figurante insinuante, graciosa, elegantissima, d'uma artista brasileira. Era a sua estréa na arte dos "studios". Podia-se e devia-se esperar muita hesitação, certo receio natural, preoccupações do ambiente novo e da nova arte. Felizmente, nada d'isso encontrou o publico. Deante dos seus olhos extasiados e contentes passava, ondulava vaporosamente a figura aristocratica da gentilissima vencedora do concurso da Fox. São, devem ser para esta empresa os nossos primeiros cumprimentos. A prova de que o seu concurso foi honesto, está na valorização da figura escolhida a ponto de ser uma das que deram a demonstração immediata do seu merecimento. Todos os contratempos e aborrecimentos que tal prova lhes trouxe, estão plenamente compensados por este triumpho, que é tambem um triumpho para o Brasil.

Não vimos agora collocar nas hastes da lua o film em si. Queremos e devemos ser justos, considerando um film acceitavel, que no emtanto não se póde considerar um trabalho superior de scenarista de genio. Mas trata-se de um trabalho da Fox e isso basta dizer para se considerar um modelo de bôa, de excellente, technica. A machina conseguiu maravilhas da photogenia de Lia Torá, dando-nos pedaços que são verdadeiras obras de arte. A par d'esta encantadora qualidade, o film, quer nas linhas do enredo, quer no ambiente, quer nas figuras, é um trabalho de requintada elegancia, a que as artisticas e finissimas "toilettes" de Lia põem a nota maxima. Paul Vicenti foi um companheiro interessante para a elegancia de Lia. E' distincto, possue uma "allure" sympathica e trabalha com desenvoltura e sentimento. E', finalmente, um film a que, com absoluta isenção, a SELECTA concede a

Cotação — BOM

Que differença!

COM O USO DO

Cilion

MOURA BRASIL

Podeis obter esta transformação

CILION escurece as Pestanas, dá brilho ás palpebras, desenvolve os CILIOS, combate os Terçóes e todas as inflammações

Pedir nas boas Perfumarias, Pharmacias e Drogarias

DEPOSITO — Pharmacia Moura Brasil - Rua Uruguayana, 35

A Scentelha Infernal

De WALTER JUNKER

EM 13 de julho do anno de 1900, as tropas internacionaes, desembarcadas na China, apoderaram-se, depois de um combate encarniçado, do arsenal de Tien-Sin, pondo fim, desse modo, virtualmente, á grande rebellião dos boxers.

E' sabido que a chuva de sangue e a carnificina que naquella epoca flagellou o Extremo Oriente foi provocada pelo odio mal sopitado dos chinezes aos europeus.

O governo de Pekin, o maior responsavel pelo facto, não só não interveiu contra os agitadores como, valendo-se de sua influencia perniciosa, precipitou os acontecimentos, incitando os chefes das associações secretas conhecidas sob os nomes de *Irmãos da Trindade*, do *Céo e da Terra*, do *Grande Cutello* e dos *Boxers*.

O que muitos ignoram é o episodio que como scentelha do inferno pôz termo ás vacillações e fez explodir o incendio que já se previa terrivel.

Merece ser lembrado, porque modesto na apparencia, encerra um solemne contraste de paixões humanas com as monstruosas consequencias que a historia conhece sob o nome de *Rebellião dos Boxers na China*.

Em setembro do anno precedente, chegára a Tien-Tsin uma familia de colonos hollandezes, que, dedicando-se ao commercio de vernizes, tinha conseguido em pouco tempo uma posição relativamente discreta. O pequeno, mas activo estabelecimento dos Van Russel, era não muito longe da cidade, á margem do Pei-ho, e os juncos detinham-se ali amiudadas vezes para recolher os productos promptos para a exportação. O rapido desenvolvimento da casa Russel dependeu de duas circumstancias: a actividade prodigiosa de Guilherme Russel — primo do chefe da familia — a dedicação, o zelo, o auxilio preciosissimo de Tsen, um chim notavel, maudarim do botão de jade.

Este joven, digamol-o já, enamorára-se perdidamente de Isabel, a graciosa filha de Russel, e tudo fazia por ella. Passou-se algum tempo; Isabel, apezar de sua alma ingenua, comprehendeu o motivo das attenções do filho do Celeste Imperio e não experimentou nenhuma revolta com isso, pelo contrario, sentiu um grato bem estar, porque sabia que Tsen era um amigo respeitoso e fidelissimo.

Mas outro homem puzera seus olhos sobre ella: Guilher, o negociante sombrio e avido, que ainda nas mais sagradas manifestações do espirito buscava o interesse e a especulação.

Entre Isabel e Guilherme existia a aversão instinctiva, inexplicavel, que nada póde apagar. Apezar disso, Guilherme pediu a mão da moça e obteve uma recusa cortez, mas energica. Bastou tal cousa para que um mundo de rancores e de vinganças agitasse o seu cerebro. Devia, antes de tudo, d sabafar suas suspeitas.

Naquelle fatal mez de maio de 1900, imaginou adivinhar no joven Tsen um rival, e, cegamente contrario áquelles amores, estudou o meio mais conveniente de afastal-o.

Entretanto, um ou outro grito de alarma elevava-se das colonias dos brancos por causa da inquietação dos chinezes. Os europeus recorriam ás autoridades do Celeste Imperio, e ellas juravam e tornavam a jurar que nenhum perigo ameaçava os brancos, e que seria reprimida ferozmente qualquer tentativa hostil.

Era a traição officialmente mascarada.

Para fingir melhor e attender aos protestos das embaixadas, chegaram até a justiçar alguns delinquentes. Guilherme, amadurecidos já os seus propositos, julgou chegado o momento de agir.

Apresentando-se ao velho Fho, chefe da policia chineza de Tien-Tsin, denunciou Tsen como um agitador perigoso e pediu protecção contra elle, ameaçando de fazer intervir no caso o representante de seu paiz.

O mandarim ouvira a accusação apparentemente impassivel, mas com um brilho estranho nos olhos.

— Tudo o que me revelas, nobre e grande estrangeiro — disse afinal — é gravissimo, e prometto-te a intervenção immediata.

— Tsen deve ser desterrado ou encarcerado.

— E' um principe, e antes de pronunciar eu a sua condemnação devo interrogal-o.

— Deveis assim proceder, veneravel descendente de uma grande estirpe.

— Na noite de hoje, fal-o-ei trazer á minha presença, e jurará diante de Budha sagrado dizer a verdade. Tu assistirás, occulto, á entrevista, e, se fôr necessario, intervirás.

A SCENTELHA INFERNAL

(Conclusão)

* * *

— Está bem, illustre senhor. Até a noite.

Guilherme sahiu para a rua com um vulcão na cabeça. O colloquio, o juramento... a scena de ser, louco sonho de vingança!

E se o velhaco sahisse triumphante da prova? Como fazer para preparar o facto e provocar a tragedia desejada? Tinha de vencer ou então tudo se perderia; precisava appellar para um meio qualquer, fôsse elle o mais infame dos meios. Mas qual?... qual?

De repente estremeceu: uma idéa infernal lhe atravessara o cerebro.

— Sim, sim, — murmurou; — conheço seus costumes e sua fórma de juramento. Budha se pronunciará contra elle!

Chegou ao estabelecimento, tirou de uma gaveta algumas materias que empregavam no preparo dos vernizes, escondeu-as no bolso e tornou a sahir. Pouco depois encontrava-se em casa do mandarim Fho; entrou, e, aproveitando a momentanea ausencia do chefe de policia, dirigiu-se para a estatua de Budha que se encontrava em seu caracteristico altar na sala. Passou varias vezes sobre o idolo a substancia que levára comsigo; depois, apparentemente tranquillo, esperou Fho.

— Já te encontras aqui, excellentissimo negociante? — perguntou o mandarim.

— Anoitece, e vim como combinámos, para ajudar-te em tua magnifica obra — respondeu Guilherme.

— Teu servo humillimmo te agradece. Esconde-te por detraz daquelle biombo; o perfido não tardará a chegar.

A noite cahira, no emtanto, e o grande aposento estava apenas illuminado por uma lampada com um quebra-luz de papel.

Afinal chegou um creado para annunciar que o nobre mandarim botão de jade, Tsen, esperava a palavra bôa e solemne do grande Fho, mandarim do dragão de ouro.

Foi o recem-chegado introduzido no salão, e, entre os dois mandarins, se iniciou um dialogo num dialecto incomprehensivel.

— Que dizem? Que fazem? — perguntava a si mesmo, ansioso, Guilherme, contemplando a scena através de uma fenda do biombo. De repente Fho levantou-se e disse, apontando para o idolo:

— Jura!

O hollandez estremeceu e um suor frio correu-lhe ao longo do corpo.

Tsen abriu a mão direita e passou-a lentamente sobre o idolo.

Dois gritos de horror e de odio resoaram ao mesmo tempo. Sobre o Budha apparecêra uma linha phosphorescente, e via-se nos dedos de Tsen um leve fulgor.

— Traidor! — vociferou Fho.

— Pela alma dos meus mortos! — gritou Tsen, recuando aterrado e olhando a mão. — Que é isto?... Que é isto?...

— Budha falou! — rugiu o outro. — Tu nos atraiçôas!... E's vil e falso!... Morrerás antes do nascer do sol para que teus despojos sirvam-nos de vingança, e que sejam elles arrastados pelas ruas entre gritos de furor e maldição.

Guilherme, aterrorizado com aquella scena inexplicavel, deixou o esconderijo.

— Deus meu!... Untei com phosphoro o idolo para confundir o velhaco, mas que teriam dito?... Que occorre entre elles?... A que vem esse furor de Fho?...

Ouviu gritos, um grande tumulto, e nada mais depois, apenas um silencio de morte. Espavorido, fugiu daquelle logar.

Sem saber como, chegou em casa, e, quasi ao mesmo tempo, viu vir um chinez com as vestes dilaceradas e manchadas de sangue.

— Tsen! — gritou Guilherme ao reconhecel-o.

— Tu, senhor Guilherme!... Depressa, apressa-te, pelos deuses!... Não ha tempo a perder.

Entraram; a familia Russel os recebeu com manifestações de profundo assombro.

— Amigos brancos, — exclamou Tsen prosternando-se diante de Isabel, — e tu, preciosa flôr de lotus a quem tanto venerei, fugi... Um perigo de morte vos ameaça, fugi immediatamente.... E' mais seguro pelo lado do rio.

Ninguem disse palavra, tão grande era o estupor de todos.

— Mulher de meus sonhos — proseguiu Tsen, — eu era o chefe da Trindade e estava ao par da rebellião que se preparava contra os brancos, mas não quiz unir-me aos outros chefes para defender-te, para salvar-te, porque te amava. Alguem me atraiçôou, suscitando contra mim a ira de Budha. Quem foi? Ignoro-o, mas esta noite diante do grande chefe secreto dos boxers, o velho Fho, aconteceu o seguinte: insistiu elle para obter a adhesão de meus irmãos á rebellião e eu não quiz. Por ti, flôr de lotus, por vós, amigos brancos, foi o que fiz. Fho accusou-me de traição affirmando que me haviam denunciado. E de seus temores e ameaças porque minha seita é poderosa e teria ... dido, a um signal meu, dominar os rebeldes. Pediu-me, então, que jurasse tocando com a mão o Budha sagrado, e illuminou-se o seu espirito accusador contra mim.

— Illuminou-se? — interrogou Isabel.

— Sim; uma phosphorescencia brilhou sobre elle e em minha mão... E' a minha ruina e de muitos outros!

— O phosphoro!... O phosphoro!... — balbuciou Guilherme, aterrorizado por aquelle inesperado e terrivel epilogo. — Foi uma simulação!... Que horrendo engano!

— Não sei se é phosphoro, — respondeu Tsen, — só sei que agora ninguem me obedecerá e que amanhã os Filhos da Trindade, com um novo chefe, levantar-se-ão em armas, unidos aos outros irmãos, para o exterminio dos brancos... Fugi, fugi!... Corri até aqui burlando a vigilancia dos guardas para avisar-vos a tempo; para vêr-te pela ultima vez, suave flôr de lotus.

Cahiu de joelhos e repetiu com insistencia tenaz:

— Fugi, fugi... Morrerei por ti, aurora de minha vida.

Não é possivel descrever a scena de panico que se seguiu a estas palavras.

— Vem tu tambem — supplicou Guilherme ao chinez.

— Não posso; devo conter e extraviar as hordas que se arrojariam sobre a minha pista, e não a vossa.

— Então, — disse Guilherme, perdôa-me.

— Perdoar-te?... Como! porque, tu? — perguntou Tsen. Infeliz!... Perdôo-te e recommendo-te Isabel.

Pouco depois uma embarcação se afastava rapidamente pelo Pri-ho, seguida pelo triste olhar de Tsen, immovel na margem. Mais tarde, um clamor infernal estalava em Tien-Tsin; disparos, fogueiras, uivos bestiaes... Só acalmou a loucura de sangue quando não existia nenhum branco mais para matar e martyrizar.

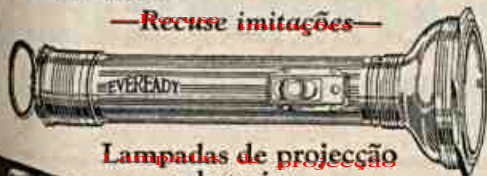
E emquanto tudo isso se passava, na margem do Pri-ho ia se decompondo um corpo humano horrivelmente mutilado: o de Tsen.

Á chegada dos convidados

é util uma lampada Eveready de projecção.

As lampadas Eveready de projecção e as pilhas Eveready destacam-se pela sua superioridade, duram mais tempo e são mais dignas de confiança. Nenhuma outra lampada de projecção apresenta o conjuncto de primores que offerece a Eveready.

A Eveready é a melhor lampada de projecção em todo o mundo. A venda em todos os estabelecimentos de primeira ordem.

—*Recuse imitações*—

Lampadas de projecção e baterias

EVEREADY

TRADE MARK

—*duram mais tempo*

Representante da fabrica:
MITCHELL S. SCHLESINGER
Rua Quitanda 28, Rio de Janeiro

O que nem todos sabem

Marcel, o famoso inventor da ondulação que tem seu nome, começou a ganhar a vida com o officio de canteiro. Mas, como esse trabalho lhe resultasse muito rude, entrou como aprendiz em um dos melhores salões de barbeiro de Paris, onde rapidamente adquiriu as noções obrigadas da profissão, impellido pela necessidade de manter seu lar. Constava sua familia de avó, mãe, esposa e tres filhos. Algum tempo depois, Marcel installou um pequeno salão, e, um dia, admirando a ondulação natural do cabello de sua mãe, teve a idéa de que, por um processo seu, podia dar uma ondulação permanente aos cabellos da mulher. A primeira ondulação que fez durou cinco semanas. Em breve, ficava em moda essa ondulação, e Marcel se retirou millionario á vida de repouso, dez annos depois de sua descoberta feita no anno de 1872.

•

Antes da grande guerra européa, sobre 20 cidades que contavam mais de um milhão de habitantes, dez pertenciam á Europa, cinco á Asia, cinco á America.

Actualmente, sobre 40 cidades cuja população é de mais de um milhão de habitantes, a Europa conta quinze, a America treze, a Asia onze e a Australia uma. Londres, que occupava o primeiro logar entre as cidades de maior população, foi forçada cedel-o a Nova York, tendo esta grande cidade norte-americana 9.350.000 habitantes e a capital da Grã-Bretanha 7.660.000. Vem em 3.º logar Paris com 4.600.000 habitantes, incluindo os suburbios e logo a seguir Berlim com 4.126.000 habitantes. Temos depois Chicago, com 3.600.000 habitantes; Philadelphia, 2.700.000; Buenos Aires, com 2.500.000; Osaka, 2.115.000; Moscou, 2.018.000; Shangai, 2.000.000; Tokio, 1.995.000. O decimo segundo logar pertence a Vienna, com 1.900.000 habitantes. Antes da guerra esta cidade occupava o setimo logar.

Boston tem quasi tantos habitantes como Vienna. Seguem-se o Rio de Janeiro com 1.651.000; Leningrado, 1.611.000; Detroit, 1.550.000; Hamburgo, no decimo sexto logar com 1.510.000; Hankeon, 1.500.000; Calcuttá, 1.400.000; Pittsburgo occupa o 21.º logar com 1.128.000; Birmingham, 1.128.000; Cleveland, 1.100.000; Los Angeles 1.100.000; Bangkok, 1.070.000; Manchester, 1.062.000; Sydney, 1.050.000; Varsovia, 1.030.000; e São Paulo com 1.025.000 habitantes.

Os amores da Condessa Merlin

De PIERRE MALVY

Eis as cartas que a condessa Merlin dirigia ao dr. Philarete Chasles, com quem entreteve os seus accidentados amores, que se tornaram celebres:

"Queimal-a? Não! Leval-a no meu coração. Não me foi possivel ficar. Compadece-te de mim e perdôa-me. Escreverei o necessario... — M.

A's cinco da manhã."

•

"Segunda-feira.

E's um louco... Nada temas, pois eu te amo acima de todas as coisas no mundo. Mas fico desapontada em pensar que possas ficar mal com Buloz. Vem, continúo enferma. São cinco horas e estou rodeada de gente. Sou tua, tua. — *M.*"

•

"Hoje, 14, á meia noite.

Que longo me parece o tempo e a vida sem encanto, quando estou longe de ti! Pesa tanto sobre o meu coração esta espera, que pareço morrer. Asseguro-te, meu querido, que, ao contrario dos outros instrumentos, as minhas cordas sobem de tom, á medida que as claves affrouxam as primas... Quando chegará amanhã? Quanta ventura amontoada em algumas horas de espera! Meu coração bate precipitadamente, e o meu cerebro se altera só em pensar nelle... Contemplei-te o dia todo, entregue a escriptos de palavras solennes e dolorosas!

Segui-te os passos, até á tua casa, e alli, por traz do teu escriptorio, me sentei, tão perto, tão perto, que o meu halito póde roçar os teus cabellos e os meus labios seccaram o suor de tua fronte. E alli, no obscuro recanto, vivi a tua vida e te e n v i e i os meus pensamentos afflictos e todas as voluptuosidades de minha alma. Agora, dou-me conta de que não te vi por causa desta tristeza, desta languidez, que não podem viver sem que eu esteja longe de ti.

Adeus, bem amado do meu coração! Até amanhã! Bôa noite. Envio-te uma *bôa noite* no meu mais terno beijo... em risco de despertar-te. — *M.*"

"Vejo com prazer, meu bem amado, que és mais razoavel. Tua carta é um verdadeiro *châos*, no qual vejo, ao lado das *trevas*, uma *bruma* de formosos raios, que saem do coração e que me são bemfeitores: mas ha certas phrases que me preoccupam, que me alarmam por tua causa: quizera que já fosse domingo. Será que não te verei nem amanhã? Não podes imaginar a falta que me fazes, sem poder sentir-te junto de mim. E's, pois, injusto. Poderia dizer algo peor — pois é certo que não me *adivinhaste*. Si ao menos pudesse ver-te... Dize: que especie de trabalhos são esses que te absorvem, desde alguns dias, sem descanso? Toma cuidado! Não vá acontecer que o temor se apodere de mim. Adeus! Amo-te, e não vivo sem ti, meu unico bem! Minha vida! Minha alegria! Rogo-te: não te canses com tanto trabalho. — *M.*"

•

"Não pude passar sem te escrever umas linhas, meu bem amado. Suppuz que estivesse agindo bem, evitando dar pasto á curiosidade nescia. Mas, ainda que não tivesse tido tempo de explicar-me, não sei por que se me afiguraxa que devias ter-me adivinhado; e, apenas cheguei ao *boulevard*, fiz com que se detivesse o carro, esperando que o perceberias. Mas em vão! E, por isso, me vi forçada a continuar o meu caminho. Depois, fizemos bem, porque, ao entrar em casa, achei, na escada, o meu filho com Ignacio.

Era meia noite e seria desagradavel que me tivessem visto na tua companhia. De modo que todos esses transtornos têm sido para o bem e, no emtanto, estou triste e lamento o que não é moral.

Encontrar-se a gente, deante um do outro, sem ao menos poder dizer uma palavra que acalme o espirito, que console, que tranquillize... Isso nunca póde ser bom! Adeus, meu querido. Bôa noite! Até amanhã, á noite. Si não vaes ao theatro, vem antes da ceia. Mil affectos. Tua — *M.*"

•

"Havia esquecido, meu amigo, que já não recebo nas terças-feiras, motivo por que prefiro ir ver o licenciado Aguado. Banho-me pela manhã, para evitar tantas corre-rias e tanto toucado. De modo que, si vaes á rua Grange Batelière, não encontraremos em casa de madame Jaubert. Continúo enferma e vou agora mesmo me deitar — o que não me impede de amar-te com toda a minha alma.

Toda tua — *M.*"

A's duas horas.

•

"A's quatro horas da manhã — Sexta-feira.

Disseste-me esta noite que, devido aos nossos conhecidos, eu não te via bastante. E, no emtanto, renuncias a ver-me amanhã, durante a noite. Não! Já não tenho valor para o mundo; e, si preferes vir á minha casa, renunciarei á Opera. Penso que, apezar de teu trabalho, poderás descansar um pouco, durante a noite. Responde-me, para que possa avisar á mme. Aguado. Não sei, porém não achei no teu raciocinio a *linha recta*; e, confesso-o, não estou muito convencida. Ha muitas coisas que me preoccupam, longe de ti. E não quero que passe um só dia sem ver-te. Estou enferma. São quatro horas da manhã. Amo-te, meu querido, tem cuidado! — *M.*

Uma resposta em seguida."

•

"Terça-feira, meia noite.

Thereza não vae amanhã; porém eu havia esquecido que não estarei em casa amanhã, e que, não obstante a minha grande impaciencia, não estarei de regresso, senão dentro de dez dias. Si a hora não te parecer demasiado avançada, vem ver-me, pois acho que para ver tão pouco mais valeria que estivesses em [illegible]say e não em Paris. De qualquer modo, dorme bem, antes de [illegible] para que não tenhas muita pressa em deixar-me... Esta carta pareceria pouco carinhosa a outro que não fosses tu; porém, amado doutor, tens bastante talento, para [illegible] te equivoques.

Toda tua, de coração. — *M.*"

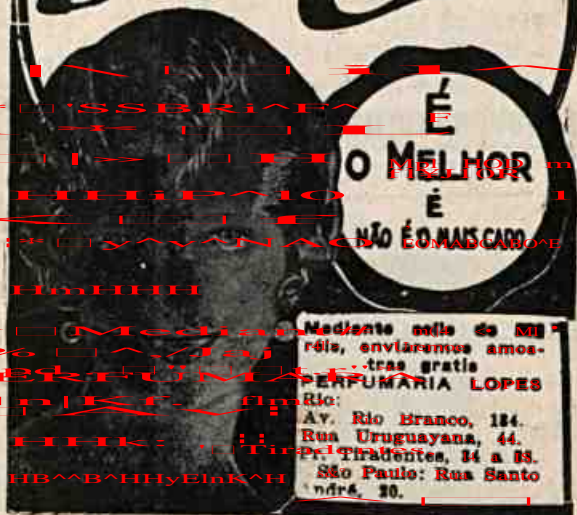
•

"Que dizer? Que responder? Resignar-me e nada mais. Sem embargo, penso que é possivel trabalhar tres dias e [illegible]

Uma massagem com o Creme Simon é tão agradavel para o rosto como uma caricia. Não secca nem engordura, e pela sua perfeita untuosidade que penetra nos póros da pele,

O CREME SIMON

vivifica a epiderme, amacia-a e faz realçar o seu brilho natural.

MODO DE USAR. — Espalhai-o sobre a pele ainda humida, depois da toilette. Fazei-o penetrar nos póros por meio de uma leve massagem, seccando-o depois com uma toalha. Ele tornará mais aderente o vosso pó.

o PÓ SIMON

PARIS

A Sciencia enaltece as qualidades da "ASTRÉA"

O preparado ASTRÉA é de perfeita indicação na hygiene feminina, empregado em lavagens vaginaes.

a) Fernando Magalhães.

O uso do preparado ASTRÉA recommenda-se por suas magnificas qualidades antisepticas e hygienicas.

a) Augusto Brandão Filho.

«ASTRÉA» é um preparado usado em lavagens vaginaes, que eu aconselho vivamente na hygiene da mulher.

a) Oliveira Motta.

ASTRÉA é um dos melhores preparados destinados á toilette das senhoras. Attestando a sua efficiencia subscrevo um acto de justiça.

a) Fernando Vaz.

Caixa Postal 2.877 — S. Paulo

noites seguidas e que, por muito pouca vontade que se tenha, seria possivel vir ver-me esta noite, por volta das dez. Não vou nem ao baile, nem á casa de mme. Jaubert.

Na verdade, não sei o que pensar. — M."

•

"Sabes, amigo, que começo a temer, deveras, muito a meudo? O sol do teu talento me deslumbra de tal modo, que permaneço nas trevas quando te afastas de mim. Assim, os olhos de minha alma, fatigados de nada verem, se cerram e logo, tambem elles, por sua vez, se convertem em trevas. Eis ahi um

OS AMORES DA CONDESSA MERLIN

(Conclusão)

* * *

verdadeiro *galimatias* oriental, como ha poucos. Mas, o que é mais claro, e sempre veridico, é que me custa, por cima de tudo, falar comtigo, porque te comprehendo, porque me comprehendes, e nisso reside a vida do espirito.

Tambem elle tem os seus inconvenientes e até os seus perigos... Porém, não são essas as condições que presidem todas as coisas, que presidem a nossa passagem pelo mundo? E, depois, com a graça de Deus, vento em pôpa, e salve-se quem puder. E, a proposito, volto a ver, esta noite, o encantador Ballet e não vieste. Ao diabo os doutores da Sorbonne (que Deus me perdoe se prejulguei!) e as suas bagagens scientificas. Não sei por que te escrevo tão loucamente, pois não estou nada alegre... Cada vez comprehendo menos essa faculdade de parecer distincto do que se é; esta arma offensiva e defensiva que póde ser uma virtude ou um crime; que previne o perigo, e eis ahi o punhal do assassino, ás vezes, criminoso, e sublime, outras, escondendo sob a mascara a coisa mais bella que existe no universo: a verdade!"

A HERA

Do ERNESTO MORALES

UMA mulher, cujo nome ignoramos, depois de muito errar pelas selvas e planicies, chegou até ás margens do Paraná, ali onde uma tribu poderosa e pacifica havia assentado as suas choças de tecto de palha.

A mulher era joven, joven e formosa. A desventura a circumdava como um nimbo de mysterio ante os olhos dos varões da tribu. Era mulher de um cacique morto na guerra e de quem teve um filho que trazia nos braços.

Quando elle morreu, ella se viu obrigada a fugir d'entre os seus, pois, desencadeadas as ambições, temeu pela vida da criança.

Fugiu, buscando paz nas planicies e selvas, e assim havia chegado até ali, pedindo amparo ao velho cacique, sob cuja direcção a tribu se havia feito poderosa, até poder viver sem o temor de ser atacada pelos seus vizinhos. E o velho cacique acolheu a mulher infeliz, que trazia uma criança nos braços.

Pouco tempo depois de estar na tribu, foram muitos os pretendentes, jovens e vigorosos, que lhe falaram de amor. Mas ella se esquivava de todos.

Araberá, que assim se chamava, porque era como um "relampago", quando corria; Itá, cujo nome de pedra obedecia á sua resistencia inaudita para toda a classe de trabalho; Iubirá, chamado o "grande", não só por sua desmesurada estatura, senão tambem pelo seu arrojo nas batalhas e as victorias com que havia assombrado os inimigos.

Guerreiros os tres, de maior fama na tribu, estavam entre aquelles que a mulher havia desdenhado.

Até Inaró, o mais proximo parente do cacique, e cujo nome de "bravo" respondia aos feitos de caça, os mais destacados de todos, já que suas victimas se contavam só entre jaguares e onças, foi tambem rechaçado por aquella mulher sem nome. A quem reservava ella o seu amor? A incognita avivava o desejo dos pretendentes. E, por fim, se soube de tudo: o velho cacique, apezar de suas melenas brancas, tomava-a por sua mulher. E a elle se entregou a joven e formosa desconhecida.

Uma onda de odio envolveu aquelle idyllio, porque todos comprehenderam o que o velho não podia comprehender e o que ninguem tivera a coragem de dizer: aquella mulher não o amava, um sentimento que nunca podia ser amor desinteressado a havia feito dar

A ambiciosa que em toda mãe se encerra, havia sacrificado a amante que ha em toda mulher joven. E isto todos o sabiam, mas ninguem ousava dizel-o ao velho cacique, ditoso com aquelle ultimo affecto de sua vida, que alagava a sua vaidade de varão.

Mas os calculos da ambiciosa se truncaram onde ella menos havia pensado: a sua juventude formosa, por aquelle velho cacique, sentiu renovarem-se as suas proprias energias, devorou com ellas a propria vida do

VERSOS

VEM!

Vem, meu amor, e meu ideal sonhado
Ser para mim fanal e palinuro
Nesta vida que sigo, torturado,
Sem rumo certo, triste, mal seguro.

Para sermos felizes, bem amado,
No nosso lar querido, quente e puro,
Fecharemos a porta do passado
Ao abrir a janella do futuro.

Despreza tudo que ora te rodeia.
Rompe de vez as grades da cadeia
Que num vergel de magoas te retém.

Vem, com teu beijo perfumado e quente,
Fechar a minha bocca descontente.
Vem, doce amor, formoso e excelso! Vem!

OSCAR NUNES.

a sua formosa juventude áquelle ancião; e esse sentimento só podia ser o da ambição.

Trazia aquella mulher um filho nos braços; o velho cacique, viuvo e com os filhos mortos na guerra, com que se consolidara o seu poderio, não tinha quem o substituisse. A mulher havia pensado, talvez, que aquelle filho seu podia ser quem occupasse o logar do ancião, uma vez que este morresse.

E assim deu a sua formosura em troca do poder para o seu filho.

ancião, que morreu, uma tarde, entre os seus braços amorosos, aferrados ao seu collo.

Morreu o velho cacique, e, na noite seguinte, a joven presidiu o seu funeral. O morto era transportado á sua tumba aerea, onde seria deixado á mercê dos passaros, das aguias e dos corvos. Os homens da tribu, encabeçados pelos seus bruxos, dançaram em torno de uma fogueira, accesa em honra do morto. Dançaram e cantaram: "Opohané, Iapocheg! Opohané, Iapocheg". E as mulheres,

descabelladas, atiradas [...] chão, choravam o [...] morrera, aquelle que [...] via dado aos seus a [...] de victoria; entre [...] estava a joven descon[...] cida. E, por fim, [...] canticos de luta e [...] de armas, o velho caci[...] foi depositado na tumba aerea.

A joven regressou á [...] choça, disposta ain[...] fazer valer os seus [...] tos, uma vez que não [...] via desapparecido a [...] ambição de que o seu [...] lho algum dia fosse o [...] cique daquella tribu [...] derosa; e aquelle que [...] conselho de anciãos [...] measse o cacique, [...] va ella, não desde [...] tão pouco, a minha [...] ventude e a minha [...] mosura. Mas ao [...] em sua choça, enco[...] o seu filho com uma [...] cha enterrada no [...] ção... Talvez outra [...] biciosa se houve[...] adeantado. E sentiu [...] que o vacuo a rod[...] que a sua vida não [...] fim... Deitou a [...] a vagar, outra vez, [...] planicies e selvas, [...] lante de dôr.

E, comtudo, ainda [...] que soffrer muito [...] ambicionar, a que [...] desdenhado o amor, [...] cando-o por seus ambi[...] sos projectos.

A visão do velho [...] que, a sua alma, com [...] a apparecer á [...] pelos caminhos; e a [...] sesperação uniu-se á [...] e o medo á dôr.

Tupá (Deus) teve [...] paixão da fugitiva. E, [...] noite, a voz do tro[...] Tupá, "conungo", fez [...] vir-se bem alto, para [...] criminar a ambiciosa [...]

E essa foi a ultima [...] que ella escutou, [...] desappareceu a sua [...] ma humana e ficou [...] formada em uma [...] de verdes folhas, [...] folhas capazes de [...] agarrando-se á arvo[...] que, candidamente, [...] deu o seu apoio.

E, desde então, a [...] veste com o seu verde [...] arvore velha, mas o [...] foca.

Volta a repetir-se, [...] ensinamento dos [...] o drama que a [...] disse ter occorrido, [...] humanos, pela [...] vez.

PADRÃO MUNDIAL

A **UNDERWOOD** conquistou pelos serviços prestados, pela confiança que adquiriu, o titulo de INVENCIVEL em todos os campeonatos. E' a machina mais resistente, a mais veloz, a mais simples.

A MAIS EFFICIENTE!

Ao serviço das grandes industrias, movem-se as suas teclas comprimidas pelas ageis mãos dos mais peritos dactylographos, acompanhando o movimento das fabricas — cada revolução de uma roda corresponde a uma pancada no teclado — a **UNDERWOOD** torna possivel o PROGRESSO e a EVOLUÇÃO.

UNDERWOOD

A MACHINA ESCOLHIDA COMO PADRÃO UNICO PELAS MAIORES INDUSTRIAS, PELOS BANCOS, REPARTIÇÕES PUBLICAS, PELOS MAIORES ESTABELECIMENTOS COMMERCIAES.

Unicos distribuidores:

PAUL J. CHRISTOPH COMPANY

Ouvidor, 98 — Rio. S. Bento, 35 — S. Paulo.